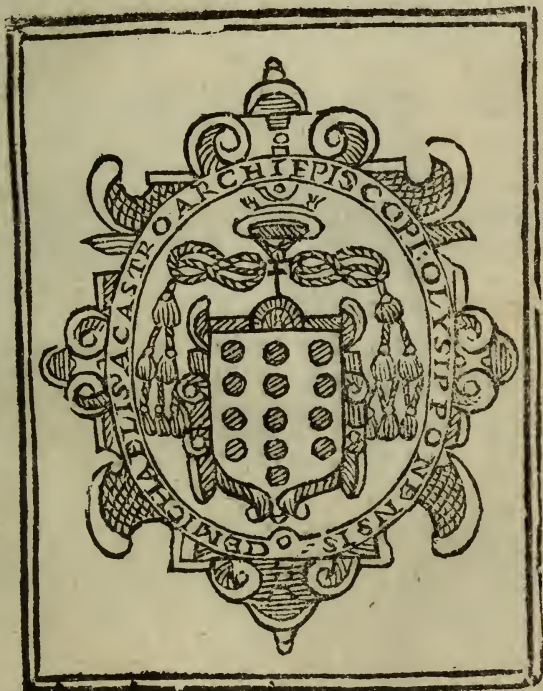
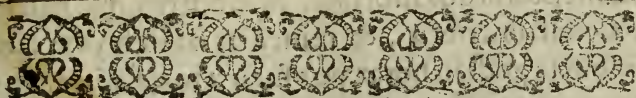
CONVERSAM,

E LAGRIMAS DA GLORIOSA Sancta Maria Magdalena, & outras Obras Espirituaes. Compostas pelo Licenceado em Canones, & Sacerdote Diogo Mendez Quintella.

DIRIGIDAS AO ILLVSTRISSIMO, E Reuerendissimo Senhor D. Miguel de Castro Metropolitano Arcebispo de Lisboa dignissimo.

EM LISBOA. *Com todas as licenças necessarias*
Impressas por Vicente Aluarez. Anno 1615.

COM PRIVILEGIO. Tayxadas a 140. reis em papel.

A O ILLVSTRISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR Dom Miguel de Castro Metropolitano Arcebispo de Lisboa dignissimo.

LTO FOYO Ardil (Illustrissimo Señor) & marauilhoso o artificio, de que se conta q̃ vsaua aquelle antigo, & afamado Apelles, offerecendo as imagẽs, & retabolos, que pintaua á vista dos homẽs, pera que notando cada hum as faltas, & defeytos, que segundo a arte que professaua, nellas via: elle depois com seu singular engenho, delles ja instruido, altamente as emendasse. Com que acquirio nome de famoso, que durará immortal em quanto du-

rar a memoria dos mortaes. Mas outros, que não se atreuendo encobrir, & remediar os defeytos que nas suas se podião notar, por fugir a maldizẽtes, vsarão doutro artificio digno de grande louuor: buscãdo altas columnas, & leuantados edificios, em que punhão á vista as estatuas, & retabolos q̃ pintauão; pera que com a distancia do objecto encobrissem as faltas de sua arte, & limitação de seu engenho, que as não podia pór na perfeyção a que sua arte podia chegar. Não menos eu (Illustrissimo Senhor) tendo pintado quanto minhas fôrças alcançar poderão o retabolo da Gloriosa Magdalena, & examinado por pessoas scientificas, que bem podião nelle notar os defeytos de meu fraco engenho, com cujo voto, & parecer, parecia que podia estar seguro: com tudo por serem pessoas, que liadas comigo em amor, & amizade ficauão outro eu, & leuados do amor proprio com que julgauão minhas cousas por suas: vissem este retrato com olhos de affeyção, que ordinariamente perturba, ainda grandes juyzos, pera não poderem dar justas sẽteças, & julgassem como em causa propria, approuando por bem considerado, o que outros podem notar por grandes faltas. Ou me quisessem encobrir todas as que nelle sentissem, por me não dar pena: forçandome cõ tudo, que o tirasse a publico, & per meyo da impressaõ o communicasse com os homẽs: encarecendome o muyto fruyto que as almas delle podião colher, & o grande seruiço, que nisso faria a Deos nosso Senhor: Sũmamente me

te me pareceo neceſſario, pois eu não podia emmẽ-
dar os defeytos, & erros deſte preſente tratado, que
as peſſoas deſembaraçadas deſtas obrigações, nelle
podem notar: que deuia de buſcar algũa alta colum-
na, ou pera milhor dizer Illuſtriſſima peſſoa, a que
pediſſe fauor, & emparo; com cujo luſtre, & reſplã-
dor ſe encubriſſem todas as faltas que neſte tratado
ſe podem notar. E pondo os olhos da conſideração
em varias partes, buſcando em cada hũa dellas no-
biliſſimas peſſoas, que encubriſſem meus defeytos,
& fauoreceſſem meu zelo: achey ſer iſto couſa deui-
da a Voſſa Illuſtriſsima Senhoria. Aſſi pelo grande
zelo, que tem da ſaluação das almas, & de fauorecer,
animar, & dar nouas forças aos que pouco podem:
como pelos muytos, & grandes beneficios, que de
ſuas liberaliſſimas mãos tenho recebido: com que
me ſinto grandemente obrigado. A viſta dos quaes
creſce em mim contino hũ nouo deſejo de me mo-
ſtrar delles agradecido. E conſiderando quanto pe-
ra o fazer, como deuo, me era neceſſario, ſummamẽ
te me entriſtecia: pois me faltaua o alto eſtilo, & ſo-
nora tuba do noſſo Camões, não menos de eſtimar
que o grande Homero, a brandura de Bernardes, as
graues ſentenças do Sá, a copia do Corte Real, os
conceytos de Ferreyra, & de outros muytos noſſos
Portugueſes, que não querendo mais com ſeu traba
lho, & leuãtado eſtilo enriquecer nações, & lingoas
eſtranhas, negando (não ſem juſto queyxume) o de-
uido fruyto delle a ſua propria, & natural: pois nella

acharão facilmente tanta copia de elegantes, & excellẽtes palauras, tão ſignificadoras de ſeus altos cõceytos, tanta abundancia de ſentenças, com que enriquecerão ſeu ſoberano eſtilo, deyxarão de ſi tão clara, & glorioſa memoria, manifeſtarão, & engrandecerão as heroycas obras de ſua nação, illuſtrarão tanto ſua patria entre os eſtranhos, que em nenhũa outra acharão mais que deſejar. E vendo eu, ſobre todas eſtas faltas, que em mim tanto ſobejão, que auendo de ſatisfazer com minha obrigação, auia a obra de ſer viſta, & examinada pelo claro juyzo, & excellẽte entendimẽto de voſſa Illuſtriſsima Senhoria, que de meu trabalho, com juſtiça me pode pedir deuido fruyto: não ſómente da mão me caia a pena, mas neſte deſejo inflammado o triſte coração aos pés. E não ſem cauſa cauſaua em mim eſte grande abalo a conſideração que tinha em me ver naſcido, & criado entre moutas agreſtes, tão lõge de corteſaõ, como alõgado da Corte, tão groſſeyro nas palauras, como rude nos conceytos; tão pouco leuantado no eſtilo, como bayxo no artificio. Mas porq̃ o conhecimento de ver em mim todas eſtas, & outras muytas faltas, não me tiraua das obrigações cõ q̃ me ſentia muyto obrigado, quis antes ſer julgado por atreuido em offerecer a voſſa Illuſtriſsima Senhoria eſte breue tratado da Conuerſaõ, & lagrimas da Glorioſa Magdalena, ajuntandolhe outros Sonetos, Gloſas & outras obras eſpirituaes pequeno fruyto de meu deſenfadamento, & immenſo trabalho; mas muyto

menor

menor em ſer offerecido a tão illuſtriſſima, & grandioſa peſſoa, cujos merecimentos obras nenhũas podem igualar, que ſer contado no numero dos ingratos; couſa muyto pera ſe fugir. E ſe a obra for tal que mereça ſer viſta, virlhehá eſte grande bem por ſer de voſſa Illuſtriſſima Senhoria debayxo cujo emparo andará ſegura. E não merecendo eſte bem por ſer por mim eſcrita; aceytara a vontade com que ſe lhe offerece, dando luſtre a toda a obra, permitindo que corra debayxo da proteyção, & emparo de voſſa Illuſtriſſima Senhoria, que gaſtando neſta vida muytos annos em ſeruiço do alto Deos, pera cõſolação, & emparo dos que pouco podem, mereça por fim de todos gozar em premio daquelle eterno, & immenſo bem na bemauenturança pera ſempre. Amen.

(?)

Criado, & Orador de Voſſa Illuſtriſſima Senhoria.

Diogo Mendez Quintella.

PROLOGO AO LEYTOR.

VVINDO Por vezes prégar(Religioſo Chriſtão, & deuoto Leytor) as lagrimas,& Conuerſaõ da Glorioſa Magdalena,& eſperando q̃ os muytos, & altos conceytos, que ella aos Pés do Senhor no ſeu profundo peyto, & magoado coração fezera,me forçaſſem(ſendo alli repreſentados) a derramar por minhas culpas muyto mayores que as ſuas, raras lagrimas, com que as apagaſſe, & mereceſſe dellas alcãçar perdão: vi paſſar algũs prêgadores tanto ao largo de meu deſejo, que parecião não ſómente,não eſtarem á fala com a Glorioſa Sãcta,cuja peſſoa repreſentauão, mas quaſi em parte a perderem de viſta.Porque não ſendo aſſi de ſeus fermoſos olhos virião correr contino raras lagrimas q̃ o Sagrado Euangeliſta nos aponta, deyxando á noſſa conſideração,&entendimento,que dellas colheſſemos a entranhauel dor de ſeu contrito coração, q̃ lhe cauſaua derramar por elles tanta copia de triſtes lagri-

lagrimas. E contentandose sómente com a historia, & explicação do Sagrado Texto se passauão ora as lagrimas, que por a morte de seu irmão Lazaro a Sãcta derramára, ora as do Monte Caluario na Sagrada Payxão do Senhor; ora as da sancta sepultura, arrematando em fim com as da sua admirauel penitẽcia, com que concluyão seus intentos. O que posto q̃ todos fezessem cõ muyto louuor, edificação, & fruyto das almas; pareceome com tudo cousa digna de grande estima se se posessem por escrito algũs conceytos dos muytos que a Sãcta Peccadora em seu lastimado coração, aos Sagrados Pés do Senhor q̃ offendido, & presente tinha naquella hora sentiria. Pelo que tirando do animo forças, excitado de meu desejo determiney (com o fauor diuino) não perdoãdo ao trabalho, dizer em poucas rimas algũs conceytos, que se me offerecessem, & nellas podesse declarar. E visto os autores que se offerecerão, & perguntados algũs Prégadores na presente materia, passarão todos em silencio meu intento. O que confesso difficultarme tanto o passo, dando me culpa, pois a daua a quem a não tinha, que estiue muy perto de tornar o pé atras com meu desejo. E posto q̃ entendo quanto menos neste breue tratado satisfarey aos desejos alheos, que ao meu; que tão faminto, & desejoso fica de ouuir mayores cousas; que no largo cãpo desta materia se podem dizer, & sem duuida podemos crer, que passarião naquelle peyto, em q̃ estaua acce-

ua acceza a fragoa ardente do diuino Amor, & posto o extremo da entranhauel contrição: não desespero com tudo ficar a obra sem fruyto: porque alem do espiritual que os deuotos que a lerem, & ouuirẽ, della, conforme a seu espirito, poderão colher: Seruirá tambẽ de excitar aos altos, & curiosos engenhos, em lhe dar motiuo, pera que em soberano, & leuantado estilo, altamente cante, o que eu neste meu rude, & bayxo tão mal chorey. Pelo que com razão, posso pedir, & peço perdão á Sancta, por lhe encurtar tanto os grandes mysterios de seu largo pranto, & diuino Amor: de que se podem fazer compridos, & admiraueis liuros, & aos ouuintes de lhe occupar o tempo, & entupir os ouuidos com meus bayxos conceytos em materia tão leuantada, & em querer com rudes, & incompostas palauras tratar Amores tão soberanos. Mas aceytando mais meu desejo, q̃ a obra q̃ se lhe offerece, viuendo nesta vida largos annos, logrando todos os bẽs em seruiço do Senhor, conhecendo cada hum, cõ a mesma Sancta, seus defeytos (de q̃ ninguem carece) mereceião daqui a muytos gozar em sua companhia da beatifica visaõ do alto Deos na bemauenturança pera sempre. Amen.

OVTRO DO MESMO AO LIVRO QVE Compos o Licenceado Diogo Mendez da Conuersaõ da Magdalena.

SONETO.

OS Diuinos conceytos leuantados
Por ti brando Quintella, em teu desenho,
Das cultras rimas de q̃ inueja tenho
Dos teus discursos bellos, & estremados,
São dinos que ao Ceo sejão leuados
Os prantos de Maria: & em teu lenho
Nesse alto, & largo mar de teu engenho
Sejão d'immortal fama consagrados.
Ditoso foste tu, que de tal Sancta
Merecceste cantar magoas, & dores,
Procedidas d'amor, & viuo pranto.
Ella por te pagar bem te leuanta
A o Ceo, onde te tem rosas, & flores,
Das quaes te faz capellas por tal canto.

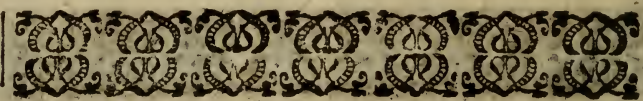
DE MANOEL D'OLIVEYRA D'AZEVEDO SObre a Conuersaõ da Magdalena.

SONETO.

AGRIMAS, Conuersaõ, & Amor diuino
Da Magdalena aqui Quintella canta;
Ella o mundo espantou, elle o espãta.
Com o seu verso desta empreza digno.
Que a Sancta o inspirou, nisto imagino;
No esprito que da terra o Ceo leuanta
N'alta contemplação, celeste, & Sancta,
No estilo soberano, & peregrino.
O que em breue atéqui recopilado
Foy, nos dilata o raro entendimento,
Quanto podia ser mais desejado.
Donde se vé ser certo o argumento
De auerlhe a Magdalena inspirado
A Conuersaõ, o Amor, & o sentimento.

Outro

OVTRO DO MESMO AO MESMO PROposito da Conuersaõ da Magdalena.

SONETO.

COLHEO Fruyto das lagrimas choradas
A Magdalena aos Pés do Redemptor,
Fruyto diuino do diuino Amor,
Perdão, & gloria, cousas desejadas.
Estauão estas lagrimas guardadas,
Como quem esperaua hum escriptor,
Que tiuesse do Ceo nellas fauor
Pera ser como saõ deste cantadas.
Elle o fruyto nos dá dellas colhido
Em soberano verso, & alto estilo
Da Magdalena dado, & aprendido.
Elle nella sentio, pois faz sentilo
O acto da Conuersaõ d'Amor nascido:
Que seria isto ver se he tanto ouuilo?

DO MESMO

OVTRO AO MESMO Propósito.

SONETO.

Scriptores té qui tinhão cantado
Breue da Magdalena a Conuersaõ,
Que só pera dar della relação
Larga a Quintella o Cèo tinha guardado.
Por isso tanto tempo era passado,
Crescendo desta Sancta a deuação,
Sem nenhum dar o fim a esta tenção,
Como vemos que em fim lhe elle tẽ dado.
Aqui tem os deuotos ja presente
Do viuo original viuo retrato,
Pera se retratar continuamente.
Aqui verão que o Ceo se dá barato
Por lagrimas, & Amor muy facilmente,
Ninguem deyxe em tal preço o rico trato.

HVM.

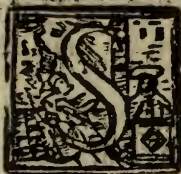
HVM DEVOTO AO AVTOR.

OYTAVA.

RAM Premio,& galardão, grande honra eſpera
Do ſenhor aquem ſerue o fiel pagem
Quem com mayor ſeruiço mais ſe eſmera
Mayor merce merece,& mais ventagem:
Quem não exprementou tormenta fera,
Não eſtima quem nella faz viagem,
Mas quem ſabe que o val, faz com que o verſo
Que ſe eſpalhe,& ſe cante no vniuerſo.

O AVTOR

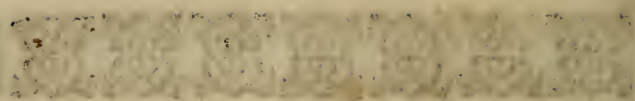
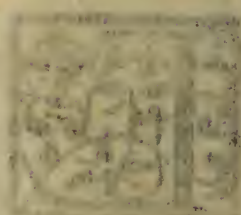
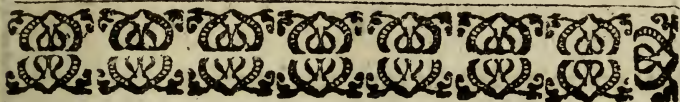
DESCVLPANDOSE DE Cantar mal a Conuersaõ, & Amor da Magdalena.

SONETO.

SE A Magdalena em vida ja soubera,
Quão mal por mim lhe auião ser cantadas
Aquellas viuas lagrimas choradas
Com sentimento, & dor do que perdera,
Outro pranto qual fez, então fizera;
Pois em quanto contey não vé contadas
Das lastimas, & dor, de Deos prezadas
Das partes a menor, que então tiuera.
E se de ser cantado mal seu pranto
Com tanta magoa, & dor tanto sentira,
Que fora em seu Amor, que peor canto?
Com rogos cuydo então, que me pedirá,
Não lhe afeasse o Amor, que poem espanto,
Por quem a estado tal tanto subira,

Epilo-

EPILOGO, E SVMMARIO DA SEGVINTE Historia: do mesmo Autor.

SONETO.

M Casa de Simão aos Pés lançada,
Do Senhor, que em Amor seu mais ardia,
D' Amor vencida delle está Maria,
Em lagrimas d'amor delle banhada.
A graue culpa della era chorada
Pela qual grão castigo merecia,
Que em seu profundo peyto ja sentia,
De confusaõ, & dor toda cercada.
Alli seu coração de dor cortado,
Com lagrimas os Pés lhe está lauando,
Pera da culpa, & pena ser lauado:
Cos fermosos cabellos alimpando
Está os Pés do Senhor, que tem banhado,
Que tudo por Amor vay perdoando.

CONVERSAM, E LAGRIMAS DA GLORIOSA SANCTA Maria Magdalena. Em sete Cantos diuidida.

CANTO PRIMEIRO.

QUEM HE CHRISTO NOSSO Senhor, & que fez por nossa saluação.

1

ANTO Hum fogo amoroso, ardente, & puro
De celebrar cantando hum pranto raro,
D'aquella, que no meyo deste escuro
Achou pera acertar o Lume claro:
Me está todo abrazando o peyto duro,
Que ja não posso ser de choro auaro,
Pois lagrimas desejo de ir cantando,
De quem o Ceo por ellas foy ganhando.

2

Mas como de chorar mór cauſa tenha
Não poſſo ja dizer ſer pranto alheyo,
Por mais que em contar outro me detenha,
O meu ſe entenderá, que do ſeu veyo:
Porque poſto que em lagrimas ſoſtenha
A miſerauel vida; nenhum meyo
Terey de ſer meu erro perdoado
Se de aquelle alto Deos não for olhado.

3

Não direy, Senhor, logo, que offereço
De Magdalena as lagrimas, vertidas
Neſſes diuinos pés, que não tem preço
As virtudes, que eſtão nelles metidas:
Mas ſó direy ſer pouco o que padeço
Com ella, polas culpas cometidas,
Que não pode o poder da criatura
A outro ſatisfazer ſobre natura:

4

E já, que Senhor meu, conto ſeu pranto
Em que enuolto ſer dito o meu entendo,
Por quem largo perdão lhe deſtes, tanto
De peccadora em Sancta a conuertendo:
Day vos, meu Deos, fauor a eſte meu canto,
Com que alcançar perdão de vos pretendo,
Meu coração fazendo tão rendido
Como o ſeu, que d'amor foy tão ferido.

Senhor

5

Senhor que o coração mais escondido
Tanto mais claro a vos he manifesto,
Quanto elle a vos se esconde de corrido,
Mudando diante vos a fala,& gesto,
Manifestay agora,ao meu mouido
Tambem de piedade,com que presto
Publique o que no seu então dizia,
Sem fala dar da boca,esta Maria.

6

E vos das virgens flor,de Anjos coroa,
Dos peccadores mãy,dos Sanctos guia,
Cujo nome no mundo tanto soa
Que a alma se alegra ouuindo esta armonia:
Fauor day a este Canto,que se entoa
Em nome,como vos,doutra Maria,
Que não vos afrontaes de dar fauores
A quem de Sanctos canta peccadores.

7

E vos spiritos puros,que assentados
Estaes lá nesse throno crystallino,
Muy contentes de vos,& arrebatados
Contemplando gozaes o ser diuino:
Não ficareis sem ser aqui chamados
Pera ajudar meu verso tanto indigno,
Que pera ser ouuido este só meyo
Valerlhe pode,enuolto em vão receyo.

8

Mas vos, ó louro Apollo, a quem nesta arte
Com as Musas se inuoca do Parnaso,
As de Helicon tambem, com quem reparte
A fonte Caballina o rico vaso:
Não vos afronte agora estar de parte,
E, sem vos, se cantar o estranho caso,
Que quanto a materia he mais sublimada,
Tanto mór ha de ser Musa inuocada.

9

Nem seja meu estilo reprendido
Por inuocar primeyro a mór Alteza,
Que quanto de mim tenho conhecido,
Tanto entendo de mim mayor bayxeza:
Porque temo não ser por mim ouuido,
Busco ja pera o ser, outra grandeza,
Porque desse alto Deos alcanção Sanctos,
O que indignos não podem com seus Cantos.

10

DEpois que aquelle Deos alto, & supremo,
A cujo asceno em torno o Ceo se vira,
O sello pos, de perfeição extremo
A quanto tinha feito, & em si vira:
Depois que ja tres mil vezes enfermo
Com nouecentos mais o Sol sentira,
O Mundo cá de bayxo, ingrato, & fero
Sessenta, & hum anno mais ajuntar quero.

11

Depois em fim, que o tempo desta sorte,
D'hum mal noutro corria envelhecido,
Conuocado a Concilio foy na Corte
Celestial, Throno alto esclarecido:
Alli o Padre Eterno em poder forte,
Co Filho a quem Saber he attribuydo,
Co que d'ambos procede em igualdade,
Tres pessoas fazendo hũa Trindade.

12

Querendo socorrer ao graue dano
Que veyo do atreuido Pay primeiro,
Que comendo do pomo com engano
Ficou, de liure que era, em captiueyro:
Sayo, que aquelle só, só fosse humano,
De quem esse homem só quis ser parceyro:
Se he justo, pague a culpa o Criador,
De quem como elle quis ser sabedor.

13

E como pera tal obra guardada
Cá no mundo estiuesse hũa donzella
Com tão altas virtudes sublimada,
Que nunca virá mais outra como ella:
Logo que do Anjo teue a embayxada
Pera o Verbo Diuino encarnar nella,
(Quem tal cuydara) deu consentimento,
No seu ventre fez logo o aposento.

14

Com que moſtras d'amor mais ſoberano
Podia moſtrar Deos quanto queria
Ao hómem,a quem via que do engano
Da ſerpente cruel pereceria:
Senão,ficando Deos,fazerſe humano,
E pera o homem ſer Deos aſſi cumpria,
Que tanto póde o amor,que faz Deos homem,
Porque os homẽs de Deos o ſeu ſer tomem.

15

Obra alta,obra diuina,obra excellente,
Obra que vence a todo entendimento
Criado,pois que Deos omnipotente
Tambem d'homem quis ter ſeu naſcimento:
Eſſe Deos,que ſer homem foy contente,
De tal obra tem mór conhecimento,
Porque pera alcançar obra tão alta,
Toda outra natureza,& engenho falta.

16

Falta todo o ſentido,mas não ſente
Falta em não alcançar tanta grandeza,
Que quem co que alcançou viue inſolente,
Vem lhe de não ver bem ſua bayxeza;
Se não cabe eſſe Deos omnipotente
Em tudo quanto fez na natureza,
Como alcançar o pode a criatura?
Mas iſto enſina a Fé,& o aſſegura.

Naſcen-

17

Naſcendo pois da Virgem caſta,& pura,
Do Padre Eterno o Filho(couſa noua)
Que naſça o Criador da criatura,
Por dar de ſeu amor mais clara proua!
E venha a vida a dar na ſepultura,
Onde com morte a vida ſe renoua,
Taes moſtras de ſi dando ante homem,& Deos,
Que vejão claramente ſer dos Ceos.

18

Paſſada já da vida a tenra idade
D'aquelle,a quem ſempre he tudo preſente
(O que compete á ſumma diuindade.)
Nada lhe ſer por vir,& nada auſente:
A jejuar ſe vay a ſanctidade,
Que a todos ſatisfaz baſtantemente:
Que tanto obriga a Deos hum peccador
Que tudo faz em fim por ſeu amor.

19

A hũa aſpera ſerra,& cauernoſa,
Que eſte meſmo Senhor tinha criado,
Cos brutos animaes mais temeroſa,
Que dão a quem os vé grande cuydado:
Vay a alta Mageſtade riguroſa,
Recompenſa fazer pelo peccado,
Que os homẽs ſem meſura cometerão,
E pagar ſua culpa não poderão.

20

Alli a Mageſtade ſoberana
Os rigores do tempo padecendo,
Hora a calma ſentia deshumana,
Hora o rigor do frio eſtá ſofrendo:
Os bramidos do vento, que mais dana,
Com as treuas da noite não temendo,
Ali, ſem culpa, eſtá culpas pagando,
Pera os culpados ir ſanctificando.

21

Alli a noite eſcura, & claro dia,
Em que todo o animal ſe recreaua,
Por ter ſó com os homẽs companhia
Orando a ſeu Pay ſò todo gaſtaua;
E de todo o rigor, que padecia,
Por ſer ſó polos homẽs não curaua,
Porque ſeu grande amor não lhe conſente
Que por mais que padeça ſe contente.

22

Alli dos brutos ſós obedecido,
Porque os homẽs, mais brutos, lhe fugião,
Dos Anjos não queria ſer ſeruido,
Pois eſſes homẽs ſós o não ſeruião:
As aues com ſeu canto delle ouuido,
Delles mór ſaudade lhe fazião,
Que nunca pode ter contentamento
Quem não poſſue ja ſeu doce intento.

23

A aſpereza da ſerra,fria,& dura,
Que a dureza dos homẽs repreſenta,
Lhe fazia ſentir ſer mal ſem cura,
E quanto ali padece lhe accreſcenta:
Ver d'homẽs ſem ſentido ja a figura
Lhe fazia ſentir quanto ſe iſenta
De poderſe mudar em molle,& branda,
Como a da meſma ſerra não ſe abranda.

24

Da mata braua a folha o vento brando
Facilmente menea em varia parte,
Com que hum ſom ſaudoſo eſtá ſoando,
Como ſe feyto fora com muyta arte:
D'hũa outra criatura eſtá manando,
E mil graças com iſſo lhe reparte,
Mas o homem,que de ſi tanto ſe eſquece
Não ſe torna a ſeu Deos,nem lhe obedece.

25

Sentauaſe a Diuina Mageſtade,
Naquelle alto rochedo,& duro monte,
Dos homẽs lhe dobraua a ſaudade
A antigua Hierico,que eſtá defronte:
Dobraualhe a cõmum neceſſidade,
Do Propheta Heliſeu,a agoa da fonte,
Mas a ſede dos homẽs mais ſentia,
Em cujo amor aceſo todo ardia.

26

Alli quarenta dias já paſſados
Em contino jejum,ſentindo fome,
Seyxos em vez de pão lhe forão dados
Polo máo tentador(dizendo)come:
Que ſe es Filho de Deos: como os paſſados
Deyxarão por eſcripto ja em teu nome,
Muy facil te ſerá fazeres pão,
Deſtes;& aſſi por Deos te adorarão.

27

Não ſó com pão comer ſe homem ſuſtenta,
Tornou o Redemptor,manſo Cordeiro,
Mas tudo o que de Deos procede augmenta,
Porqu'elle he mantimento verdadeyro:
Com iſto ao tentador ſe lhe accreſcenta
Cobiça de vencer,pondo em terreyro
De vaãgloria,& cobiça tentações,
Que mais abalão humanos corações.

28

E aſſi põe o Senhor omnipotente
No pinaculo mais alto do Templo,
Sofreo o Redemptor por nós contente,
Pera de paciencia dar exemplo:
Dizlhe o máo tentador: Se es certamente
Filho do eterno Deos,que em ti contemplo,
Daqui te deyta abayxo,& tomartehão
Anjos,antes que ponhas pé no chão.

Eſcripto

29

Eſcripto eſtá (tornou o Redemptor)
Com palauras muy cheas de brandura,
Não tentarás a Deos, que he teu Senhor,
Querẽdo o que he de Deos, que es criatura:
Se eu tenho, porque deça ſem temor
Eſcada aparelhada muy ſegura,
Porque me deytarey por eſſes ares,
Não auendo porque faça milagres?

30

Não ceſſa o tentador, vendo fruſtrada
Sua vaã eſperança em fim desfeyta,
De ſeguir a empreſa começada
Com cobiça, que a ſi tudo ſogeyta:
E moſtrando da rocha leuantada
A riqueza do mundo, a ſi ſogeyta,
Dizlhe: Farte ey ſenhor da terra, & mares,
Se cayndo ante mim ſó me adorares.

31

Oo ſoberba ſem par! alta ouſadia!
Oo ſem vergonha immẽſa! ó grão ſoltura!
Quem podéra cuydar que tyrannia
Deſta ſorte coubeſſe em criatura?
Com cá ſer adorado pretendia
O tentador ſubir á mór altura,
Do que quis lá nos Ceos antiguamente,
Adorando o cá Deos omnipotente.

Não

32.

Não ſofre o Redemptor ſer deſejada
A honra, que a ſó Deos ſe deue eterno
De criatura algũa: mas deyxada
A manſidão, moue o furor interno:
Com ira lhe reſponde deſuſada:
Vayte mao tentador para eſſe inferno,
Que por tua ſoberba tens ganhado,
E não queyras por Deos ſer adorado.

33

Que graças vos darey meu Deos benigno?
Que louuores por tão clara victoria?
Que poſſaõ imitar eſſe diuino
Poder, de que terey ſempre memoria?
Se já pera contar, me ſinto indigno,
O valor deſta tanto inſigne hiſtoria,
Quanto mais dar as graças que merece,
A quem por me ſaluar tanto padece.

34

Eſſes eſpiritos puros, que diante
Eſtão ſempre de voſſa omnipotencia,
Por nós graças vos dem, pois que baſtante
A vos louuar não he noſſa potencia:
Elles louuem por nós voſſa conſtante,
E ſempre em nós amar alta clemencia,
E de nos recebey o grão deſejo
A que amor nos obriga em todo enſejo.

E pois

35

E pois que do cruel, forte inimigo
Nos destes, por quem soys, o vencimento,
Não temerey, por mais que ande comigo
Pera vencerme, o seu manhoso intento:
Porque quem sò vos tem, por seu amigo
Liure sempre será de tal tormento,
Que inda que algũas vezes nos prouaes
Nunca ja mais de todo nos deyxaes.

36

Com tão grão protector, com tal defeza,
Podem vir sobre nós mil tentações,
Deste imigo cruel venha crueza,
Venhão rayos do ar, venhão trouões;
O tempo traga dór, traga tristeza,
Mande a fortuna mil perseguições,
Ordenemnos por mil modos, mil mortes,
Que então seremos mais, muito mais fortes.

37

Então se verá mais vossa bondade
Quando mais fraca for a força nossa,
Em vencer deste imigo a crueldade,
Ajudada porem da graça vossa:
Que então vsaes vós mais de piedade,
Ajuda dando tal, que vencer possa
A força, não d'hum só forte inimigo
Mas d'hum que todo inferno traz consigo.

Depois

38

Depois desta batalha assi vencida,
Sem ter o tentador della o intento,
Que era tolherlhe a morte, com a vida,
Porque a nossa estiuesse em cru tormento:
Ao Senhor foy logo offerecida
Polos Anjos comida num momento,
Por darnos a entender, que nos trabalhos
Valer nos pode Deos por mil atalhos.

39

Este jejum foy feyto em recompensa
Doutro, que por Adão fora quebrado,
Quando a comer sem pejo, com immensa
Ousadia, comeo o pomo vedado:
Por cuja culpa com final sentença,
Foy todo o homem a morte condenado,
Por quem se entrega a morte a mesma vida,
Por ser outra mortal com ella vnida.

40

Deyxando do deserto já a aspereza
Buscar vay o Senhor o pouoado,
Pera nelle pregar com inteyreza
Tudo, o pera que cá fora mandado:
Porque o que mais estima, o que mais preza
Que ter no mundo todo seu reynado,
Como Filho que tem amor interno,
A vontade he fazer do Padre Eterno.

41

Iunto daquelle mar, que ſe dizia
De Galilea (então terra muy nobre)
Paſſeando encontrou, quem pretendia
Fazer hum ouro fino, de vil cobre;
Com outro ſeu irmão em companhia,
A quem grandes ſegredos ja deſcobre,
Seguime ambos, dizia, & faruos ey
Peſcadores de peyxes de mór ley.

42

Lá neſſe mar do mundo ond'engolfados
Os miſeros mortaes andão metidos,
Em ſuas falſidades enredados,
Perdendo ſó do Ceo alto os ſentidos;
Com ſó minha palaura doutrinados
Apos vos os fareys vir ſometidos
A meu jugo tão brando, & tão ſuaue,
Quanto o que agora tem he duro, & graue.

43

Logo ſem dilação, ſem mais detença,
Sem mais conſiderar, ſe lhe conuinha,
Seguem, a quem com ſó ſua preſença
Tudo traz apos ſi, que o Ceo ſoſtinha:
Porque não ha que ao homem mais pertença
Que a hum aſceno de Deos ir muy azinha,
Deyxando toda a terra, & inda os Ceos
Se lá não eſtiuera o meſmo Deos.

Hum

44

Hum quer que ſeja em tudo ſemelhante
A hũa immobil rocha pedra viua,
Porque entre as brauas ondas vá conſtante,
Nem tema de ir por elle à morte eſquiua:
E qual a dura pedra de Diamante
Qualquer outra dureza a ſi captiua,
Aſſi de pedra Pedro lhe pos nome,
Porque da pedra Pedro o ſeu ſer tome.

45

Qual o firme penedo leuantado
Entre as ondas, he dellas combatido,
Que quanto o mar contra elle he mais irado
Então ſe moſtra mais fortalecido:
E caſo que pareça ja alagado
O roſto em fim ſobre elle moſtra erguido,
Mais firme combatida eſtá da inueja,
Fundada neſta pedra a Sancta Igreja.

46

E poſto que Megera furibunda
E Alecto cruel, fera, & horrenda,
Com Theſiphone ſua irmaã jocunda
Em hum brutal furor muyto ſe accenda:
Ou Cerbero trifauce na profunda
Morada cá infernal, com voz pretenda
Pór ás almas eſpanto: não farão
Em ella nunca abalo, ou confuſaõ.

Leuante

47

Leuante Lucifer já de heresias
Exercitos cem mil portas de inferno,
Que a malicia forjou nas fantesias,
De quantos arderão em sempiterno:
Que a Sancta Igreja cá nas prophecias,
E doctrina estará do Verbo Eterno,
Mais firme, mais segura, & mais constante,
Que quanta rocha ouuer de diamante.

48

Firme sempre estará, sempre segura
A Sancta Igreja cá bella, & fermosa,
Fundada nesta Pedra, que inda dura,
E durará sem fim sempre famosa:
Que pois a confissaõ já fez tão pura
Iá em tudo será victoriosa,
Porque ante os homẽs, quem a Deos confessa,
Não teme não que Deos lhe desfaleça.

49

Não desempara Deos, quem confiado
Em o mesmo Deos põe sua esperança,
Que nunca de Deos foy desemparado
Quem pera Deos do mundo faz mudança:
Mas antes pode estar certificado
De ter no mesmo Deos toda a bonança
Que Deos, que he todo o bem, tudo enriquece,
E tudo o que he sem Deos, tudo falece.

50

Outros dous mais chamou, que pretenderão,
Ent re todos os mais ser ventejados,
Quando por sua Mãy offerecerão
A petição, por serem desculpados:
Quiça que polo sangue se mouerão
Cada hum á sua mão ser assentados,
Mas delle lhe foy dado o desengano,
Que não entra no Ceo fauor humano.

51

Outros assi chamou da mesma sorte
Com que de doze fez a companhia,
Não de sabios estudos, não de corte,
Nem de ricos thesouros, nem valia:
Cuja doctrina he tão branda, & forte,
Que todo o grão poder lhe obedecia
Porque esse Deos, que em tudo os ensinaua,
Muyto mais sempre que elles nisso obraua.

52

Andando destes doze acompanhado
Buscaua hora os desertos, em que orasse,
Hora deyxando o ermo, ao pouoado
Os homẽs buscar vinha, que ensinasse:
Cumprindo desta sorte o grão mandado
De seu Eterno Pay, mais obrigasse
Os homẽs, a que á terra buscar vinha,
Porque assi pera o Ceo só se caminha.

Hum

53

Hum dia em que elle mais quis ſer ſeruido,
Por mais manifeſtar ſua clemencia,
Foy d'hum Iudeu honrado recebido,
Num banquete de grão magnificencia:
Mais foras tu Simão ennobrecido
Com tão alta merce, ſe reſiſtencia
Em teu peyto eſcondida não ouuera,
Não crendo do Senhor de ſer quem era.

54

O quão alta merce, quão ſublimada
Do Senhor receberas naquella hora
Se ſó por tal de ti fora eſtimada,
Como o era de quem mais o namora:
Conheceras então quanto dobrada
Em a aceytar de ti merce te fora,
E quanto mór tu delle a recebias,
Do que era a que tu a elle lhe fazias.

55

Oo ditoſo Simão, ditoſa Cea,
A que hoſpede tão alto he conuidado,
Se como a noyte eſcura he da candea,
Da luz deſſe Senhor foras tocado:
A Diuindade viras como arrea
A ſeu corpo mortal, mas ſublimado,
E ſoſpeyta não fora em ti ſecreta,
De não ſer o Senhor o grão Propheta.

56

Nelle viras então (& não me engano)
A gloria de ſeu Pay bem tresladada,
Eſſe corpo, que ſó tens por humano,
A eſſencia de Deos tem enſerrada:
Ahi Deos Padre eſtá muy ſoberano,
He d'ambos a bondade acompanhada,
Aſſi que vendoo ſó todos tres viras,
Que a Fé vertos fizera, & não mentiras.

57

Viras com elle em doce companhia
Seu Pay Eterno eſtar, de que apartado
Nunca já mais ſe vio, nem ſer podia
Que a eſſencia d'hum tem outro abraçado:
Viras mais o Amor, que procedia
D'ambos, com elles ſer meſmo igualado,
Per Fé diſtinctos tres com grão verdade,
Viras todos tres ſer hũa vnidade.

58

Mas como a eſta Fé tão certa, & pura
O duro coração tenhas fechado,
Não me eſpanto, que aſſi tão ſem meſura,
Eſſe Deos, a que adoro, ajas tratado:
Mas ſó me eſpanta ver como inda dura
Nos teus o teu conceyto deprauado,
Não no querendo ter por ſeu Meſſias,
Vendo nelle comprido as prophecias.

59

Ay que farey Simão: que erro maldito
Foy esse, que a esses teus tanto ensinaste,
Que quanto deste Deos estaua escripto,
Em odio só contra elle lhes mudaste:
Acceso o coração de odio infinito
Ter contra este alto Deos tu lhes causaste,
Pois por mais que milagres delle vejão,
Ia mais o querem crer, nem ver desejão.

60

Oo maldade sem par! Oo grão cegueyra!
Que donde ouueras ser alumiada
A vista da luz perdes verdadeyra,
Que pera os altos Ceos abre a entrada:
Abre esses olhos já, que essa primeyra
Ley que guardas, nelle he tanto occupada,
Que por mais que pretendas de negalo
Toda em fim a verás vir confessalo.

61

Quantas figuras nella estão escriptas
Todas verás já nelle ser compridas,
Que essas declarações, que dás, malditas
Mais fazem serte sempre escurecidas:
Abre os olhos verás, quanto infinitas
Cousas, que a elle só saõ concedidas,
Por Messias to vão manifestando,
Quanto tu mais o vás por tal negando.

62

Nesse Cordeyro,& Pão teu tanto aceyto
Sem duuida,o verás ser figurado,
Dos teus foy ja comido,que no peyto
Contra elle odio tambem,tinhão criado:
E se quiseres ver o modo,& geyto,
Com que por elles foy sacrificado,
Na Sagrada Payxão,que padeceo
Verás quanto por ti tambem sofreo.

63

Com grão pressa dos teus foy ja comido
O Cordeyro sem magoa,& Pão de vida,
Por bordões armas tinha,que comprido
Não cuydauão ser nelle esta comida:
Sómente não lhe foy osso partido,
Que todos por mal tinhão ser partida,
Tal carne,inda que grande,& presumião
Com ira assi tragar como fazião.

64

No fogo do Amor seu se foy guisando,
Como pera comprir a ley compria,
Na mesa do Caluario se foy dando
A quem comer quisesse em iguaria:
Mas do manjar diuino aproueytando
Alli se esteue a gente então gentia,
Mais que tu (ó grão mal)pouo maluado,
Que inda o coração tẽs tanto obstinado.

65

Nelle ſó com verdade de Iſayas
A prophecia foy verificada,
Que eſſa carne ſagrada tu verias
Nũa chaga por ti ſerlhe tornada:
E nelle ſe comprio de Zacharias
Na Sagrada Sion na ſua entrada,
Com tudo o mais, com que foy tão ferido,
Que polos Anjos foy deſconhecido.

66

Em Ionas veras Sancto, ſe quiſeres,
O noſſo bom Ieſus ſer figurado,
Na dura pedra eſteue (que tu ſeres
Creyo) dias, & noytes ſepultado:
Ouuiras no terceyro altos prazeres
Dos Anjos, polo ver reſuſcitado,
Por ſua propria, ſancta, & grão virtude,
Com que á morte deu vida, aos mais ſaude.

67

Nelle verás por Fé ſer ja comprida
Do Sancto Rey Propheta a prophecia
D'Aſcenção glorioſa, menos crida
De quem, como tu, tem a alma tão fria:
Iá per propria virtude ſer ſubida,
Como todas as mais couſas fazia,
Sobre todos os Ceos a Humanidade
Que junta eſtar verás a alta Trindade.

68

Nelle verás em fim,ſe ver quiſeres,
Quanto eſtá do Meſſias prometido,
Nas Sanctas Eſcripturas,ſe tu creres,
Naſcença,vida,& morte,ſer comprido:
De vir outro Meſſias não eſperes,
Que nem eſte verás,ſenão temido
Vir com grão Mageſtade,& luz immenſa
Dar contra imigos ſeus final ſentença.

69

Naquelle horrendo dia do juyzo,
Naquelle vltimo dia,& temeroſo,
Verás vir a chamarte de improuiſo
Da trombeta cruel ſom eſpantoſo:
Os bõs verás entrar no Parayſo,
A que enueja terás: Ah fim ditoſo,
Quem ja ſe vira eſtar delle ſeguro
Sem temer mal nenhum lá no Ceo puro!

70

Mas tu que mais de ingrato ſer te prezas
De infiel coração,duro,obſtinado,
Que agora com malicia ouuir deſprezas
Eſſe meſmo Senhor crucificado:
Cos mais, que te imitarão nas vilezas,
Ouuiras contra ti de Deos irado:
Ide malditos lá pera eſſe inferno,
Em que ardendo eſtareys em fogo eterno,

Onde

71

Onde quem nos dirá quanto padecem
A quellas triſtes almas deſditoſas?
As vidas, ſe tem vidas, lhe aborrecem,
Polas penas, que tem tanto eſpantoſas:
Os males, que lá tem nunca fenecem
Com dores inſofriueis laſtimoſas;
Perdida a eſperança deſſes Ceos,
Em quanto for ſem fim o meſmo Deos.

72

Pois antes que iſto ſeja, antes que venha
Dia tão temeroſo, & noyte eſcura,
Que ja mais auerá que a ſoſtenha,
Conuerte o coração de pedra dura,
Pera te conuerter não te detenha
Cuydares que não tem já teu mal cura,
Que quanto então verás Deos juſtiçoſo,
Agora tanto o tẽs mais piedoſo.

73

Iá muyto há que te eſpera, & que te chama,
Sem quereres ouuir ſeus grandes brados,
Amor por ti tambem d'amor o inflamma,
Porque perdoe teus graues peccados:
No ſangue, que das chagas ſe derrama,
Os podes ver em ti todos lauados,
Que para iſſo contino eſtá manando,
E a quem ſe lhe dá todo eſtá aceytando.

74

Protesto faço a ti pouo maluado,
E a quantos te acompanhão na maldade,
Da parte deste Deos crucificado,
Que agora cheyo está de piedade:
De nunca a ninguem ser isto acoymado,
Por não te ser prégada esta verdade,
Pois tudo te está dito, & manifesto,
Nascença, vida, & morte delle, & gesto.

75

Bem manifesto está nas Escripturas
Tudo ser neste nosso Deos comprido,
Isto te mostrão bem as criaturas,
Que sua morte mostrarão ter sentido:
Mostrão te abertas isto as sepulturas,
Co sangue, que cruelmente vertido
Dos Martyres por elle, he em certeza
Desta Fé: contra quem não tẽs defeza.

76

Por tanto já não choro teu grão dano,
Em que tanto se vé tua maldade,
Pois que com tanto, & certo desengano,
Não queres entender esta verdade:
Magoado porem de teu engano,
Verte ey sempre penar sem piedade,
Nas penas, que te estão lá esperando,
E em tanto me estarey de ti queyxando.

Pelo

77

Pelo que já deyxar acho ſeguro
Teu mal, que não tem cura á natureza,
E rogar a eſte Deos, de quem procuro
Firme ter eſta Fé com inteyreza:
Te queyra o coração abrandar duro,
Porque gozar tambem de ſua Alteza
Poſſas, de ti tambem ſendo ſeruido,
E que eu tambem de ti perca o ſentido.

FIM.

CANTO II.

Quem era a Magdalena, & da occasião de sua Conuersão.

I

Parelhada pois como conuinha
A Cea, a que o Senhor fora chamado,
A qual aceyta só por dar mezinha
A soberba de quem foy conuidado:
Que em toda a occasião, que disso tinha,
Deyxaua o coração della sarado,
A mesa se assentou com peccadores,
Confundindo com isto a seus trédores.

2

Não se despreza não, menos engeyta
De ser com peccadores companheyro
Naquella obra, que a Deos he tanto aceyta,
Como aceyto jejum he verdadeyro:
Com sua vista só muyto aproueyta
A aquelle, que no vicio era primeyro,
Porque de pouco serue a alta virtude,
Que encerrada aos mais não dá saude.

Estando

3

Eſtando recoſtado aſſi comendo
O Senhor, como então ſe coſtumaua,
Em ſeu peyto diuino eſtaua vendo
Hum manjar de grão preço, que eſperaua:
Eſte com tanto goſto recebendo,
Quanto era o grande amor, que lho guiſaua,
Porque o manjar, que a Deos mais lhe contenta
Coração he, que amor ſó lhe apreſenta.

4

Eys quando hũa molher, que então auia,
Na Cidade famoſa peccadora,
Que por nome Maria ſe dizia,
Do Caſtello Magdalo era ſenhora:
Tão ſolta era na vida que fazia,
Creſcendo na ſoltura mais cada hora,
Que de ſolta viuer mais ſe prezaua,
Do que a alta geração ſua eſtimaua.

5

Famoſa era por dama, & por nobreza,
Mas mais ſó por amor era famoſa,
De galante ſe preza, & gentileza,
Cuja viſta era a todos deleytoſa:
Deſenuolta em falar, ſaber, deſtreza,
Com quanto mais ſe pede em tal fermoſa,
Partes, com que era a todos tanto chara,
Quanto era em ſe moſtrar menos auara.

A todos

6

A todos ſe moſtraua alegremente,
A todos recebia ſem cautela,
Seu paço era de todos muy frequente,
Que paſſauão ſeu tempo em querer vela:
Paſſaua niſto alegre,& muy contente
A vida,que viuia ſem querela,
Que a vida,que ſe viue em tal eſtado,
Nem ſente o mal por vir, nem bem paſſado.

7

Alta per geração,bayxa per fama
Pois viuia de ſi tão deſcuydada,
Que não ſentia ver que ſe derrama
Pela Cidade ſer muyto infamada:
Diſſo antes mais ſe accende,mais ſe inflãma,
Prezandoſe de ſer muy namorada:
Que quem perde hũa vez veo da vergonha,
Não ha quem outra vez tal veo lhe ponha.

8

E quanto mais nobre era,& mais ſenhora,
Virtude tanto mais della s'eſpera,
Mas ella eſtá creſcendo d'hora em hora
No vicio,que fugir tanto deuera:
Eſquecida de quem era,& quem fora,
Se os vicios que ſeguira aborrecera,
Das virtudes vergonha a guarda perde,
Pera que em ſeu lugar mil males herde.

9

Na nobreza,no ſangue,& fidalguia
Eſpera o pouo ver viuo retrato
Das virtudes,que ſempre obrar deuia,
Com que o Ceo ſe lhe dera muy barato:
Mas quando eſta nobreza ſe deſuia
Das virtudes ſeguir; tendo outro trato,
Tanto co mao exemplo,& mais danoſa,
Quanto fora co bom mais proueytoſa.

10

Não menos eſta noſſa peccadora,
De quem deuia ſer tanto eſquecida,
Por namorada ſer,outros namora,
A quem por vida dar,lhe tira a vida:
Solta ſeu apetite,& lança fora
A razão de ſeu throno,onde ſubida,
Sempre a fezera ſer mais eſtimada,
Do que co máo exemplo era infamada.

11

De dous irmãos que tinha a companhia,
Nem a vida ſeguia virtuoſa,
Por nome a irmaã Martha ſe dizia,
Que nunca em bem obrar era ocioſa:
Lazaro irmão ſeu era,que daria
A vida,pola ver mais deſejoſa
De ſua ſaluação; que dá grão pena
Ver quando hum peccador tão mal ſe ordena.

Vaſſalos

12

Vaſſalos tinha ſeus,& ſe prezaua
Delles ſer acatada,& bem ſeruida,
Quando em ſeus goſtos vãos ſe deleytaua,
Gaſtando em paſſatempos toda a vida:
Mas ella com tal vida mais pagaua
Aos vicios vaſſalagem,não deuida,
Que quando hũa alma o vicio tem por pagem,
Mais paga ao meſmo vicio vaſſalagem.

13

A irmaã de ſeu bem não deſcuydada,
Viuia de mil males receoſa,
Em bem obrar contino era occupada,
De ſua ſaluação muy cuydadoſa:
Ouuia a pregação muy tranſportada
Em Chriſto,que prégaua, deſejoſa
De ſua irmaã tambem querer ſeguila,
Porque pera a mudar baſtaua ouuila.

14

Gabalhe a irmaã chara a grande Alteza
Do Prégador,o auiſo,& a brandura,
O ar,com que prégaua,a ſutileza,
Com que enche a ſeus ouuintes de doçura:
Quanto eſtima a humana natureza,
E ſua ſaluação quanto procura,
E quanto eſtima em fim hum peccador,
Que conuertido vê por ſeu amor.

Cobi-

15

Cobiçosa de ver esta verdade,
De sua irmaã em tanto engrandecida,
Mouida mais da vaã curiosidade,
Que d'hũa deuação pura accendida:
Ouuilo determina, em vaydade
Pondo mais sem intento, que mouida
Com zelo de se ver tão melhorada,
Como depois de ouuilo foy mudada.

16

Antes de vista ser mais desejosa,
E muyto mais de ver quanto esperaua,
Altamente se veste, & muy custosa
Com quantos vãos afeytes costumaua:
Vesse nella a grinalda curiosa,
A leue argenteria centilaua,
O cabello entreposto em fio douro
Meneado co vento era mais louro.

17

Co volante voaua o pensamento
Sobre todas as nuuẽs inquieto,
Torres no ar fazia só de vento,
Sem ter nas que faria algum secreto:
Seu muyto imaginar não toma assento
Em que possa hum momento estar quieto,
Assi que em todo o seu trajo mostraua
Quão pouco lastro tinha quem o vsaua.

18

Enleuada na vaã pompa mundana,
Cobiçosa de ser mais cobiçada,
Sua presença mostraua soberana
Aos galantes, de que anda acompanhada:
Com tanto fausto vay, vay tanto vfana
Que tudo quanto ha mais estima em nada,
Crendo que até o Mestre renderia
A grande fermosura, que em si via.

19

Mas o Senhor, que via estar presente
Nella, a quanto chegaua a vaydade,
Disso occasião toma muy decente,
Pera prégar do mundo a falsidade:
Sabendo muyto bem quão differente
D'alli se tornaria em castidade,
Desejosa viuer toda a mais vida,
Tendo toda a passada por perdida.

20

Ouuindo a prégação ja muyto a tento
E tudo quanto alli dizerlhe ouuia,
Em si ja recolhia o pensamento,
E pouco, & pouco mais toda se via:
Em quantas vaydades punha o tento,
E quanto erão sem fruyto conhecia,
Conhecendo tambem quanto cegara
Na falsa opinião, que vé tão clara.

Quan-

21

Quantas cousas do Mestre erão prégadas,
Todas ditas por si só ja tomaua,
As pompas, que trazia leuantadas,
De tanta presumpção já derribaua:
Mais penas lá no inferno aparelhadas
Por seus peccados ter ja se julgaua,
E penar se fazia juntamente
Por quantos ja leuara ao fogo ardente.

22

Corrida ja de si, & enuergonhada
De tão longe se ver do que diuera,
Começa a prantear vida passada,
Com as culpas que nella cometera:
O Sermão ja repete magoada,
Por nelle ouuir alli quanto fezera,
Polo qual seus amantes despedia
Mudados co Sermão que lhe fazia.

23

Desde agora (lhe diz) ja por diante
Me vereis differente a quem soya,
Iuos já pera sempre, que constante
Em tudo desprezar ser me compria:
Meus gostos se acabarão: daqui auante
Chorar só pera mim será alegria,
Que a quem o gosto vão sò pena rende,
Della em chorar seus erros se defende.

24

Iuos já pera ſempre, pois ſe forão
Meus goſtos já de mim tão deſpedidos,
Com elles vos deſpido: porque chorão
Meus olhos, doutro amor d'amor feridos:
Não vos verey ja mais, porque ja morão
Deſgoſtos, pena, & dór em meus ſentidos,
Em que toda a mais vida irey gaſtando,
Até que a dór ſem fim me vá acabando.

25

Bem me pode acabar a dor eſquiua,
Bem poderão meus males pór eſpanto,
Mas não farão ja mais que morta, ou viua
Eu ponha nunca fim a eſte meu pranto:
Que a dor de tal me ver de mim diriua
Por meus olhos dous rios: porque em quãto
De mim memoria ouuer, ſe tenha magoa
D'alma desfeyta em dor, o peyto em agoa.

26

Bem como a manſa cerua, que paſcendo,
Da ſetta voadora foy ferida,
A fonte buſcar vay logo correndo,
Antes que faltar veja a amada vida:
Não menos eſtá aſſi logo em ſe vendo,
Da palaura de Deos ja ſer rendida,
Sem mais curar do mais que tanto amaua,
A fonte de ſeu bem ſó procuraua.

E ſa-

27

E ſabendo muy bem ſer conuidado
O Senhor de Simão: ja não recea,
E ó conuite entrar, tanto eſtranhado,
Pois nem diſſo o temor a não refrea:
Por chegar a ſeu bem traz apreſſado
O paſſo, mas de ſi não tanto alhea,
Que não veja muy bem quanto conuinha
Verſe lançada aos pés de quem lho tinha.

28

Auſente de ſeu bem já ſe ſentia,
E ſentindo ſeu mal ſuſpira, & chora,
Engeyta todo o goſto, em que viuia;
Vẽdo creſcer ſeu mal mais d'hora em hora:
E aſſi ſem ſe deter com ouſadia,
Como ſe pera alli chamada fora,
Por detras aos Pés ſe pos de Chriſto,
A quem vendo a ſi meſma tinha viſto.

29

A ſi meſma então vio, porque da viſta,
De que d'antes já tanto ſe prezára,
Fazendo ao Ceo com ella grão conquiſta,
Ferida em ſeu Amor cega ficára:
Seu Amor que lhe faz com que deſiſta
D'outro, com que até alli ja ſe enganára,
Fazlhe com que ſe agora claro veja,
E ſer do que antes era outra deſeja.

30

Cega está já d'amor, porque não via
Mais que aquelle, por quem d'amor cegaua,
Que amor quando se entrega não sofria
Ver outra cousa mais, que a quem amaua:
D'amor em viuas chamas delle ardia,
Que pera mais se ver a alumiaua,
Que quando em seu amor Deos a alma fere,
Dessa alma outro amor ter ninguem espere.

31

E como deste Amor o fogo puro
Tornado casto ja lhe abraze o peyto,
Não sentia rigor, mas ja seguro
Lhe parecia ter tudo, & sogeyto:
Rompeo com tal amor o forte muro,
Que o mundo lhe fazia, & foy de geyto,
Que sem licença ter entra na casa,
Em que de seu amor sentia a braza.

32

Tanto que assi entrou no chão lançada
Com grande confiança de perdão,
Que tão certo ja tinha, como a vsada
Clemencia do Senhor lhe daua a mão:
Os pés beijar começa muy ousada
Do Senhor, a quem daua o coração,
E com hum licor cheyroso lhos vngia,
Que d'ella estila amor, & nella ardia.

33

Amor de cujo amor ficou ferida,
Amor que doutro amor lhe apaga a chama,
Amor por cujo amor despreza a vida,
Amor por cujo amor agoas derrama:
Amor em cujo amor anda embebida,
Amor por cujo amor contino chama,
Passar por este Amor morte deseja,
Porque só deste Amor tem pura inueja.

34

Amor por cujo amor já noyte, & dia
Esquecida já doutro, se desuela,
Amor que d'outro amor toda a desuia,
Que obrára tanto mal por meyo della:
A este Amor se entrega, este queria,
D'outro, que a enganára, se querela,
Este Amor seu só quer, a este aceyta,
Pera se ver d'amor toda perfeyta.

35

Deste Amor ja tocada está segura,
Armada deste Amor ja nada teme,
Amada d'este Amor he casta, & pura,
Ausente deste Amor suspira, & geme:
Querida deste Amor tem fermosura,
De perder este Amor medrosa treme,
Assi que neste Amor segura, & forte,
Despreza o mundo já, despreza a morte.

36

Não he efte o amor,que falfamente
Dos antigos foy tanto venerado
Por deos injufto,& cego que da ardente
Setta da má affeyção andaua armado:
Mas he aquelle Amor,que docemente
Tras o homem,& Deos tanto apertado,
Que fe Deos quer,que Deos effe homem feja,
Effe homem verfe Deos muyto fefteja.

37

Efte Amor faz que Deos d'amor vencido
Deça por noffo amor lá deffa altura,
Onde em Amor eftá tanto accendido,
Que abraza em feu Amor a criatura:
Efte Amor tem a Deos d'amor ferido
Do homem,que outro amor fez pedra dura,
Efte Amor tem a Deos tão namorado,
Que de ira em noffo amor o tem mudado.

38

Não he d'efpantar logo fe fentindo,
De tão diuino Amor eftar ardendo
Aquelle coração,que fe eftá abrindo
Pera que toda na alma a vá metendo:
Se entra com tal defpejo,não pedindo
Licença,pera entrar,nem efté batendo,
Pois vé,que quem feu peyto affi lhe abria,
Com mais vontade a cafa lhe abriria.

39

E vendo ter preſente a quem buſcaua,
Que tanto d'ante mão buſcada a tinha,
De lhe beyjar os pés ja não ceſſaua,
Porque beyjar taes pés bem lhe conuinha:
Taes beyjos em taes pés bem empregaua,
E pera os beyjar mais de preſſa vinha,
Porque quando de amor Deos a alma toca,
Até de coração lhe ſerue a boca.

40

A cada beyjo aſſi que em taes pés daua,
Metia cada qual dos pés,que beyja
Dentro no coração,que já alimpaua,
Pera que do Senhor morada ſeja:
Ah Sanctos Pés(dizia)mal cuydaua
Quem vos agora aſſi tanto feſteja,
A podeſſeys tomar quando fugia,
E em falſo amor acceza toda ardia.

41

Qual a mãy amoroſa o filho charo
De pouco antes naſcido em braços tendo,
Hora abraça,hora beyja,outra hora emparo
Lhe faz do frio,ou calma,que eſtá ardendo:
Taes eſta,d'amador exemplo raro,
Mimos aos Pés de Chriſto eſtá fazendo,
Que abraços mil,& beyjos lhe eſtá dando
Das lagrimas que chora os enxugando.

42

Sólta o fino cabello, com que atado
Tantos em ſeu amor já dantes tinha,
Cabello muyto mais que o Sol dourado,
Em que a viſta amoroſa ſe detinha:
Cabello, que co vento meneado,
Do coração chagado era mezinha,
Eſte cabello ſólta, porque atada
Eſtá já d'outro Amor mais treſpaſſada.

43

Preſa eſtá já d'Amor, a que prendia
D'amor de ſeu amor corações liures,
Que ſeu amor, & graça amanſaria
Da ardente Lybia ainda os feros Tygres:
Mas tu, ah fero amor, neſta perfia
Não temas que d'amor ſeu mais te liures,
Que por mais que d'amor hum liure ſeja,
Preſo hũa vez ſer mais ſolto deſeja.

44

Seruiolhe de toalha o fio d'ouro,
Que dantes até alli tanto prezara,
Agora muy mais fino, muy mais louro,
Depois que os pés de Deos nelle alimpara:
De mòr eſtima he agora, he mór theſouro
Do que ſer até alli nunca cuydara,
E muyta razão tem delle prezarſe,
Pois ouue Deos por bem nelle alimparſe.

45

Mal digo que alimpou, quem nunca teue,
Nem pode nunca ter noda nenhuma,
Porque a noda que mais se alimpar deue;
Aquella he que çujar a alma costuma:
Nesta cayr não pode quem sosteue
Não cayr nella d'Anjos grande summa,
Mas quem com seu cabello o alimpaua,
Com suas mesmas lagrimas molhaua.

46

Lagrimas, que de taes olhos saião,
Não podião não ser muyto nojentas,
Pois inda que fermosos mal ferião
As almas, que d'amor erão isentas:
Mas contrarios effeytos ja fazião,
Saudaueys sendo então, & peçonhentas,
Que se a ella a alma immunda lhe lauauão
A elle os sanctos pés lhe infecionauão.

47

Mas posto que erão immundas, nellas via
Aquella alma immunda antes ja lauada,
Pois tanto das offensas se doya,
Quanto nellas de si era afrontada:
As lagrimas aceyta, que sabia
D'aquella Alma sayrem reformada,
Porque hũa alma que a Deos toda se rende
Cadeas faz d'amor, com que o prende.

Pren-

48

Prendeo a Deos d'amor por conhecerſe
Dos males,que contra elle cometera,
A elle ja ſe acolhe por valerſe
Da pena,que por elles merecera:
E muyto mais lhe val entriſtecerſe
Delles,que o grande goſto,que tiuera,
Porque fora de Deos contentamento
Não cauſa goſto não,mas dá tormento.

49

Agora julga em ſi por culpa fea,
Aquillo em que antes tanto ſe alegraua,
Indigna de perdão já ſe nomea,
Por ella a mil tormentos condenaua:
Della alcançar perdão muyto recea,
Quando tornada em ſi nella cuydaua,
Mas quem lhe o coração via contrito
No liuro do perdão a tinha eſcripto.

50

E pera mais moſtrarſe arrependida
De tudo quanto já tinha paſſado,
A ſi meſma julgando por perdida,
Não lhe ſendo ſeu erro perdoado:
Não ouſa apparecer de ſi corrida,
Conſiderando ſeu graue peccado,
Foje d'ante o Iuyz,que vendo tudo,
A elle ſó por ſi tem por eſcudo.

51

De ſeu erro não tendo ja deſculpa,
O Iuyz delle toma por emparo,
Ante quem mais ſe accuſa,& mais ſe culpa
Sabendo não ſer delle nada auaro:
Corrida,o roſto eſconde,& diz a culpa,
Que dizer lhe a vergonha faz tão caro,
E quanto mais a chaga lhe deſcobre,
Tanto mais por não velo o roſto cobre.

52

Entendia muy bem quanto ſe eſtende
O poder do Iuyz,que tem preſente,
Em vão quanto trabalha,quem pretende
Fugirlhe doutro modo differente:
Que abiſmo,terra, & mar tudo comprende,
E lá deſſe alto Ceo não ſe acha auſente,
Aſſi pera eſcapar,& fugir delle
Não tem outro lugar ſenão pera elle.

53

Qual caudaloſo rio,ou fonte clara,
A correr de contino acoſtumada,
Que por não parecer de ſi auara,
A corrente ao mar leua apreſſada:
E não lhe ſendo a preſſa em nada cara,
Por nelle ter ſua caſa aſſoſſegada,
Não deſcança até não verſe em ſeu ſeyo,
Que pera correr ſempre eſte he ſeu meyo.

Tal

54

Tal eſtá que de ſi meſma fugia
Pera tornarſe a ſi fermoſa,& bella,
Do meſmo que a buſcaua ſe eſcondia,
Por ver,não ſer poſſiuel conhecela:
Tão torpe,fea,& enorme ſe fingia,
Quanto tornada a culpa era pera ella,
Aſſi que entre receyo,& eſperança,
O perdão,que pretende delle alcança.

55

Tal era a confuſaõ, em que metida
Eſtaua: com a dór que n'alma ſente,
Que não lhe cuſta menos ja que a vida,
Acharſe ante o Senhor alli preſente:
Tam confúſa de ſi, tanto corrida,
Que a vergonha de verſe não conſente,
Que poſto que alli os mais a tenhão viſto,
Recea de apparecer á luz de Chriſto.

56

Qual perdiz cauteloſa em mata braua
Em o ſeu caçador,ou cão ſentindo,
A voz de todo cala,que ſoaua,
A cabeça na mouta eſtá cobrindo:
Tal eſtá que ſó Chriſto alli buſcaua
Com quanto a elle buſca vay fugindo,
Sem curar dos que mais na caſa via,
Porque entre todos ſó a elle ſentia.

Sentia

57

Sentia não julgar polo de fora,
Como julga qualquer homem prudente,
Mas via quanto dentro n'alma mora,
Cousa muyto de todos differente:
Por isso em tal se ver suspira,& chora,
Por não poder ante elle estar presente,
Que quanto mais em si mór culpa via,
Tanto mais por não velo se escondia.

58

Mas quanto mais se esconde,confiada
De ser vista por elle,& mais aceyta,
Tanto se a elle chega mais ousada,
Pois coração contrito não engeyta:
Com tudo por detras no chão lançada,
Sobre seus Sanctos pés toda se deyta,
Pera que liuremente os lauar possa,
Em a sua chorando a culpa nossa.

59

E quanto mais com lagrimas banhaua
Aquelles Sanctos Pés,que ante si via,
Tanto mais por indigna se julgaua
De podelos tocar,como fazia:
Com tudo de beyjalos não cessaua,
Porque pera os beyjar grande ousadia,
Lhe daua o grande Amor,que ardia nelle,
Sem fazer differença deste a aquelle.

Depois

60

Depois de aſſi lauados não contente,
Com hum licor que em muyto era prezado,
Que deytaua de ſi cheyro excellente,
E della noutro tempo muyto vſado:
Brandamente os vngio da calma ardente,
Ou caminho de que vinha canſado,
De cujo cheyro foy a caſa chea,
E de alcançar perdão nada recea.

61

Nada recea já ſer perdoada
De quantos erros tinha cometido,
Porque eſtaua de ſi tanto mudada,
Quanto moſtra o licor,que tem vertido:
Vnguento com que muyto era eſtimada,
Roubando pera ſi todo o ſentido,
O vſo deſte vnguento muda nelle,
Mudandoſe tambem a ſi com elle.

62

Mudar a vida toda determina
Em outra muyto della differente,
Agora que ja vé quanto ſe atina
Em ſó nelle empregar todo o excellente:
Mudar eſta propõe toda contina
Em outra,que de todo lhe contente,
Porque a vida que a Deos não he aceyta,
Bem ſe pode chamar morte perfeyta.

63

Eſte vnguento que agora aſſi derrama
Era aquelle,com que antes accendia,
De quantos a querião ver,a chama,
Que ella mais em ſeu peyto arder ſentia:
Com elle tinha vntada tanta fama,
Que todo o amante em ſi mais conuertia,
Mas agora que já mais cae niſto,
Os pés,que os pobres ſaõ,vnta de Chriſto.

64

Aquelles pés que tanto trabalharão,
Pera a trazer a ſi tanto canſados,
Do trabalho paſſado deſcanſarão
Em a Sagrada Cruz ſendo pregados:
Eſtes pés pobres ſaõ,pobres que amárão
Por eſte meſmo Deos ſer deſprezados,
Neſtes agora quanto tem deſpende,
Que iſto agradar a Deos muy bem entende.

65

Agora tudo tem por mal gaſtado,
Quanto em afeytes tinha deſpendido,
Muyto ſe culpa agora do cuydado,
Que antes tanto trazia no ſentido:
Por não viuido o tempo tem paſſado,
Pois em elle a ſeu Deos não tem ſeruido,
Porque o tempo que em Deos ſenão deſpende
A vida deſte tal tormentos rende.

66

Caido ja muy bem na conta tinha,
Da muyta que com elle ter diuera,
Quando sem conta ter co que conuinha,
Por seu vão apetite se regéra:
E nem com elle estar á conta vinha,
Porque toda em tal conta se perdéra,
Mas com hũa viua fé, que a alma apura,
D'elle alcançar perdão grande procura.

67

Conhecia muy bem que não engeyta
Hũa alma, que da culpa cometida
Em lagrimas de dór está desfeyta,
Por tal bondade ter muyto offendida:
Esta sabe que lhe he grata, & aceyta,
Depois de estar de culpa arrependida,
Que não pode deyxar ja de aceytala,
Quando os Anjos no Ceo vé festejala.

68

Os Anjos que estão lá nesse alto assento,
Onde não pode auer nunca tristeza,
Tem hum certo entre si contentamentó,
D'arrependida ver nossa bayxeza;
E tanto estimão ter conhecimento
Hũa alma, a que offender Deos muyto peza,
Que alem da gloria delles costumada,
Outra já accidental sentem prezada.

Com

69

Com a fé do que dentro nelle via
De occulta Mageſtade não ſabida,
De preſſa a elle vem,porque temia
Faltarlhe,antes de velo,a curta vida:
A fé com velo apura,que trazia,
Outra couſa entendendo eſtar metida,
Naquella natureza,que de fora
Não moſtra todo o ſer em que ſe adora.

70

Na natureza mais que de homem puro,
Outra mais alta via,& ſoberana,
Debayxo cujo emparo,& forte muro
Eſtá quanto do Ceo procede,& mana:
Fora do qual ninguem viue ſeguro,
Antes com tal cuydar muyto ſe engana,
Aſſi que em bayxo ſer de humanidade,
Hum claro Lume vé de Diuindade.

71

Hum claro Lume vé reſplandecente,
Que quanto tem criado alumiaua,
Hum claro Lume vé,que não conſente
Em treuas a alma eſtar,a que tocaua:
Hum claro Lume vé tão refulgente,
Que as treuas lhe faz ver,de que paſmaua
Vendoſe dellas já liure,& ſe via
Tão differente ſer do que ſoya.

 A eſte.

72

A este claro Lume, claro vendo
Com os olhos da Fé, que mais alcança,
Da sua luz ferida, não podendo
Deyxar de não seguir, faz já mudança:
Consigo a elle a nós tambem trazendo,
Do perdão nos promete a segurança,
Porque a elle per graça aqui buscando,
Per gloria o vamos lá no Ceo gozando.

FIM.

CANTO

CANTO III.

De como o peccador se aparta de Deos pelo peccado, & torna a elle pela graça.

I

AGora Musa minha tu me inspira
Neste meu rude, & tosco entendimento,
Que por fauor do Céo sempre suspira,
Sem quem viuer não póde hum só momento:
Hũa graça diuina, que só tira
Todo o veo do receyo ao pensamento,
Com que a dor de Maria dizer possa,
Dizendo com a sua a mesma nossa.

2

A ti digo Maria já mudada
De peccadora em Sancta, mais famosa
Do que foste na vida, que era errada,
Que aqui chorar pretendo lastimosa:
A ti por Musa inuoco, que inuocada
Me podes alcançar graça abundosa,
Que pois que tal guia és de peccadores,
A este Canto por ti darás fauores.

3

A ti que ante esse Deos Omnipotente
Gozando sempre estás de eterna gloria,
Que alcançaste das culpas penitente,
De que sempre auerá larga memoria:
A ti, não triste já, mas muy contente,
Por Musa agora inuoco desta historia,
Porque aquillo então só por Musa tenho
A que esta arte se applica, & grāde engenho.

4

A ti de cuja dór cantar ordeno,
Nesse teu coração tanto escondida,
Com cujo sentimento muyto peno,
Por não nos dar de si mostra comprida:
A ti, que com meus rogos desordeno,
(Se auer pode desordem nessa vida)
Rógo digas agora o que sentiste,
Quando lauando os pés tanto encobriste.

5

A ti rógo Maria (& não te afrontes)
Que nos digas agora, o que sentiste,
Quando teus olhos já tornados fontes
Aos Pés do Senhor ao pranto abriste:
Em isto nos cubrir não nos descontes
Co grão contentamento que acquiriste,
Porque seguindo nós tuas pisadas,
No Ceo vamos tambem fazer moradas.

Não

6

Não me negues agóra,o que da terra
Subir te fez ao Ceo tão cryſtallino,
Com que deſte ao inferno tanta guerra,
Quanta pera cantar me ſinto indigno:
Eſſa entranhauel dor de ti deſterra,
Pois contente ante Deos eſtás benigno,
E não te anoje a vida ja paſſada,
Poſto que por nós he tanto imitada.

7

E pois que em peccar tanto te imitamos,
Dános tambem ſentir o que ſentiſte,
Da patria tambem nós nos deſterramos,
Auſente,como nós,tambem te viſte:
Tornar pera ella agora deſejamos,
Pois nella o noſſo bem,& teu conſiſte,
Enſinanos por onde te tornaſte,
Pois tanto em a acertar,tanto acertaſte.

8

Ah vem Maria ja que por ti chamo
Há tanto, ſem me ouuires os meus brados,
Ah não queyras que as agoas que derramo
Com ays em vão por ti ſejão lançados:
Ah vem,vem ja Maria,que m'inflammo
Em deſejos de ver em ti chorados
Os erros,que cada hora cometemos,
Que choralos ſem ti nós não podemos.

9

Ardia no meu peyto hum grão deſejo
De ver aquella a quem tanto chamaua,
Quando vi lá nos Ceos em eſte enſejo
Hum grande reſplandor, que me illuſtraua;
Eys quando no ſeu centro claro vejo
Eſta Maria vir por quem bradaua,
Ornada de tão grande Mageſtade
Que parecia ſer de Diuindade.

10

O corpo tinha todo tranſparente,
A face muyto mais bella, & fermoſa,
Do que he o claro Sol, quando luzente
Com deſejada luz vem gracioſa:
A veſte doutro Sol mais eminente
Com que em eſtremo eſtaua muy luſtroſa,
Agora muyto mais de gloria ornada,
Do que foy, quando viua, a amores dada.

11

A cada paſſo aſſi com que mudaua
Com graue mouimento o pé fermoſo,
No ar a onde o punha alli ficaua
Hum ſinal pera ſempre milagroſo:
Tanta era a graça em fim, que derramaua
Com ſeu andar ſereno, & gracioſo,
Que ſendo ſemeado o Ceo de Eſtrellas,
As que caião della erão mais bellas.

12

Quanto mais pera mim vinha chegando
Com graça mais do que dizer vos posso,
Tanto mais se hia amor accrescentando
Que áccezo em amor tinha o peyto nosso:
O meu por ver que estaua eu desejando
De posto estar em Deos esse amor vosso,
Pera que tendo o nelle vamos nisto
Imitandoa no que ella teue a Christo.

13

Tanto que a mim chegou logo parando
Num throno se assentou alto subida,
Cuja admirauel obra auentejando
A materia dos homẽs não sabida:
C'hũa graça diuina me acenando
Que a hũa alma morta dera alegre vida,
Qual a minha com vela então estaua,
Que com gosto,& receyo desmayaua.

14

Soltou da alegre boca o som suaue,
Com que á minha alma triste deu alento,
Pera poder estar(ó caso graue)
Diante de tão alto acatamento:
Dizendo: Ah meu deuoto de que a chaue
Confio de meu peyto,& pensamento,
Não temas de escreuer quanto passey
Lauando os Sanctos Pés,que eu to direy.

15

Com este alto fauor tanto animado,
Fiquey,de quanto d'antes receaua,
Que não senti em mim nenhum cuydado,
De quanto d'antes tanto me assombraua:
Eu vendo não poder ser igualado
Com graças o fauor,que me assi daua,
Responderuos(lhe disse)não me atreuo,
Mas dizey vos Maria,que eu escreuo.

16

Tanto que cheguey(disse)a aquella idade
Em que pola razão mais me conuinha
Reger,que pola grande falsidade,
A que me trouxe a triste sorte minha
Dos bẽs tomey reger a cantidade,
Que Deos pera me dar,guardada tinha,
Em meu grande saber tão confiada,
Quanto de não saber mais enganada.

17

Aquelle patrimonio,que me déra
Meu pay celestial tanto excellente,
De virtudes cem mil,que em mim posera
Com que de tantos era differente:
Gastey o,sem saber o que fizera,
Em apetites meus muyto contente,
Que depois me causarão tanto dano,
Com que conheci claro o meu engano.

18

Aquelle Pay deixey, que me metia
Com entranhas d'amor lá no ſeu peyto,
Onde com quanto mimo me fazia,
Não ficaua de nada ſatisfeyto:
A eſte Pay deixey que me trazia
De ſeu tão brando Amor por doce objeyto,
Dandome em tal Amor quanto criara,
A quem por tal Amor cuſtey tão cara.

19

Deſte Amor entranhauel eſquecida,
Outro cego ſegui, que me guiaua
Onde preſto perder podeſſe a vida,
Que por goſto leuar pouco eſtimaua:
Em eſtes goſtos vãos toda embebida,
De mim, indo apos elles, me alongaua,
E tão longe de mi meſma me achey,
Que não ſey quando, ou como em mim torney.

20

De mim (como ja diſſe) me alongando,
Eſte amoroſo Pay perdi de viſta,
Ou da viſta perdi, melhor falando,
A mim meſma, de quem fiz a conquiſta:
E tudo o que me dera eſperdiçando,
Sem vicio auer algum, a que reſiſta,
A tal eſtado vim, que já não auia,
Em quem achaſſe goſto, ou alegria.

Vendome

21

Vendome em tal estado descontente,
Tendo as virtudes já desbaratado,
Que me fazião ser tanto excellente,
Quãdo posto em meu pay tinha o cuydado:
Cheguey a tal miseria,tanto vrgente
Que a hum ja me entregar me foy forçado,
Que a pascer me mandou vicios,que tinha,
Mas nem de seu manjar bem me mantinha.

22

Não auia ja mal,que gosto desse
A esta alma,que outros mais nouos buscaua,
Nem tanto horrendo vicio,que podesse
Alegrar quem se delles não pagaua:
Não porque vicio algum me aborrecesse,
Antes em vicios só me sustentaua,
Mas como o longo mal menos lastima
Tambem hum tal prazer pouco se estima.

23

Em hum profundo valle,triste,& escuro
De medonhas visoẽs todo cercado,
Que pera nelle ter tormento duro
Parecia só ser aparelhado:
Me achey toda metida num impuro
Lago de confusoẽs,que bem olhado,
Outra cousa não era mais que a vida
Em que eu mesma me a mim tinha metida.

24

Alli de males já toda cercada,
Dos bẽs quasi perdida a esperança,
Comecey de me ver necessitada,
E dos bẽs que perdera ter lembrança:
Tornando sobre mim muy magoada
Por perder de meu pay toda a bonança,
Tão longe me senti da que antes era,
Quão perto de pagar quanto perdera.

25

Sentindo me já tal, que não sentia
Os males, a que vim tão furiosa,
Tão cega, triste estaua, que não via
A vida, que viuia lastimosa:
Mas quem se de mim mais que eu me doya,
A quem sempre na vida fuy custosa,
Vendome andar perdida, a mão tomando,
A mim pera mim mesma foy leuando.

26

Então comecey ver quão longe estaua
De mim, pois de meu centro me apartára,
Da casa de meu pay ja me lembraua,
Que antes tanto por meu mal desprezára:
D'ella a fartura alli me magoaua,
De que com tanto gosto me priuára,
Que não há cousa que dé mais tormento,
Que á que causa se deu de perdimento.

Vendo

27

Vendome eſtar priuada da bonança
De que tiuera tanta cantidade,
O penſamento pus numa eſperança,
De inda tornar a ver ſua bondade:
Oo quantos(diſſe)tem tanta abundança
Em caſa de meu pay,com que em verdade,
Parece que não ſó quis igualarme,
Mas como filha em amor auentejarme.

28

Parece que tambem dos Anjos puros
Podera iſto dizer ſem ſua afronta,
Pois que tantos trabalhos ſofreo duros
Seu Deos,& Padre meu por minha conta:
Pois doutros ſeus iguaes,triſtes,impuros
A quéda ante eſſe Deos muy pouco monta,
Tanto mais logo me ama mais que a elles,
Quanto mais ſó por mim fez,que por elles.

29

Mas eu a quem de herança tanta gloria
Cabia,por ma ter tanto acquirida,
Fiz della,ſendo eterna,tranſitoria,
Como ſe ſe acabaſſe antes da vida:
Mas agora já fixa na memoria
A trarey de contino,& eſculpida,
Pois tanta he a falta que della padeço,
Que em ſentimento ſeu já desfaleço.

Quanto

30

Quanto perdera em fim já conhecendo,
E caindo no que tanto engeytára,
Hũa eſperança foy em mim creſcendo
Pera poder cobrar quanto deyxára:
Tanto neſta eſperança me accendendo
Com lembrança de quem tanto me amára,
Que apoſtada propus logo ir buſcalo,
Sem mais couſa outra em mim fazer abalo.

31

Mas ſendo em confuſaõ toda metida
Não achando em mim já mereſcimentos,
Pera por elles ſer fauorecida,
E o fruyto alcançar de meus intentos:
Fiquey, cuydando niſto, eſmorecida,
E poſta, triſte, em varios penſamentos;
Até que em fim propus determinarme
Não por filha, mas ſerua nomearme.

32

E com a immenſa dor, que em mim ſentia
Delir do coração meu as entranhas,
Confuſaõ do paſſado me fazia
D'alcançar receoſa honras tamanhas:
O propoſito meu porem ſeguia,
Por minha patria já fugindo eſtranhas,
E verme com meu pay mais deſejaua
Que como a doce vida aſſi me amaua.

33

Ia lá donde partira eſtaua vendo
A ſua manſidão, ſua brandura,
Com que me via n'alma eſtar metendo,
Por me fazer do amor ſeu, mais ſegura:
Partirme inda não bem já conhecendo,
Vſou da condição ſua alta, & pura,
A grão preſſa me vem buſcar, & achando,
Com ſeu celeſte Amor foyme aceytando.

34

Qual em me ver, & o vendo, então ficaſſe
Dizer inda não poſſo de turbada,
Não ficou couſa em mim, que não tornaſſe
Eſta alma viua, em morta, & deſmayada:
Com tão grão ſobreſalto, que eſpiraſſe
Pera mim ſempre tiue de afrontada,
Que não faz menos ver a quem offende,
Hum coração a amor quando ſe rende.

35

Que duro coração auerá tanto,
De fera muy cruel poſto que ſeja,
Quevendo o que contar põe grãde eſpanto
Não ſe queyra antes ver onde não veja:
Que olhos ſe fartarão ja mais de pranto,
Quando o coração vir o que deſeja,
Mórmente quando for o deſejado
Amante do que o tem muyto aggrauado.

36

As lagrimas d'amor,não póde tanto
Ioſeph nos olhos ter,que não brotaſſem,
Quando os falſos irmãos cheos de eſpanto,
Das mãos delle não cuidão,que eſcapaſſem:
De alegrias então,d'amor com pranto
Os conſolou,porque não deſmayaſſem,
Deſta arte vſou meu pay tambem comigo,
Que deſmayada vendo vnio conſigo.

37

Não menos eu que verme em tal afronta
Diante de meu pay muito temia,
Polas culpas a morte,ou tanto monta
Me parecia ter,que merecia:
Mas elle em tal me vendo me deſconta
As culpas com a dor,que em mim ſentia,
Porque nunca ja mais ninguem ſe rende,
Que mais não áte as mãos a quem o prende.

38

Eu que culpada ſer me confeſſaua
Diante de ſeus pés telo offendido,
Pera os beyjar no chão ja me lançaua,
A quem meu coração tinha rendido:
Aqui dizer não ſey quanto cuidaua
Eſta alma tanto aflicta,pois ſentido,
Com tal imaginar,de meu não tinha,
Pera dizer por mim o que conuinha.

E Se

39

Se em triſteza viuer eu cá podéra
Sendo neſte alto Pay toda embebida,
Mil deſmayos cada hora me fizéra
Lembrança de tão ſolta,& triſte vida:
Porque inda cada paſſo eſmorecera,
Nem a gloria de mim fora ſentida,
Que quanto eſtou mais nelle arrebatada,
Tanto me vira ante elle ſer culpada.

40

Agora vejo claro a fealdade
Do vicio,que tambem me parecia,
Caira em mil treſpaſſos de verdade,
Se podera iſto ſer tendo alegria:
Que aquella de meu Pay grande bondade,
Que toda em ſeu amor ja me accendia,
Me dá bem a entender quanto obrigada,
Eſtaua ao ſeguir,ſem querer nada.

41

Tanto que aſſi me vi de mim corrida,
Conhecendo muy bem quanto perdéra,
Ante elle me lancey eſmorecida,
Pera chorar alli quanto fizera:
Ay de mim Pay meu(diſſe)ay quão perdida
Me vira ſem vos ver; Ay quem me dera,
Não ja por voſſa filha nomearme,
Mas como eſcraua vil por vos tratarme.

42

As lagrimas meu Pay que aqui derramo
Sobre estes Sanctos Pés, que não mereço
Beijar, com que declaro quanto os amo,
Por minhas culpas já vos offereço:
Ouuime meu Senhor que por vós chamo,
E culpada ante vos ser me conheço,
Que assi como ante vos porme não ouso,
Nem descanso sem vos tenho, ou repouso.

43

Nem aja quem de ver tal nouidade,
De o Ceo regado ser da baixa terra;
Se espante: que primeiro a humidade,
Pera tornarlha a dar, lha desenterra:
Não menos eu, de quem a esterilidade
Este diuino Ceo tambem desterra,
Arrancando de mim meus máos amores
Mos torna a refundir noutros melhores.

44

Manem pois de meus olhos tantas agoas,
Que manifestem bem quanta dor sento,
Posto que ser não podem minhas magoas
Iguaes com sua causa, & meu tormento:
Com tudo na alma me ardem viuas fragoas
De desejos de ter mor sentimento,
Que peço recebaes por quanto deuo,
Que a fazer justa paga não me atreuo.

45

Eſtes meus cegos olhos com que via
Os males, q̃e tão cega me trazião,
Cauſauão com que a mim meſma fugia,
Pois a vòs, claro Lume, vos não vião:
Com eſtes cegos olhos me embebia
Nas couſas, que de mim meſma fugião,
Donde agora meu erro conhecendo,
Em lagrimas os vou ja derretendo.

46

D'elles, ah meu bom Deos, lagrimas triſtes
Correrão de contino, pois não virão
Os bẽs, que á voſſa cuſta lhe acquiriſtes,
Sentindo os males, q̃e elles não ſentirão:
Com ſettas d'amor voſſo mos feriſtes,
Pera não verem mais o que ſeguirão,
Porque os olhos que vós alumiaes
A viſta pera os males lhe cegaes.

47

Agora vejo claro, agora entendo
Quantos males ſeguia, a que tormento
Me obrigaua cruel, não conhecendo
Cauſarmo não no ter no penſamento:
Agora qual andaua me eſtou vendo,
Tendo ja da que fuy conhecimento,
Que quanto mais nos males me enleuaua,
Tanto pera não verme mais cegaua.

48

Entendo que deixey o bem ſupremo,
Por outro,que eu ſer bem tambem fingia,
Com cuja lembrança ainda agora tremo
De perder(ſe ſer pode)eſta alegria:
Iſto me chega á morte,& fim extremo,
Iſto me tem contino em agonia,
Nem deixarey ja mais de não choralo,
Pois me dá tanta pena imaginalo.

49

Entendo que deixey quem me buſcaua
Com tanto mais amor,mayor cuydado,
Quanto delle,& de mim mais me alongaua
Pera chegar ao mal de mim prezado:
Mal que inda antes de over me atormentaua
Com deſejos de o ja ter alcançado,
E mal que antes de o ter ſe ſe apreſenta,
Como depois de o ter ſempre atormenta.

50

Mal he muy verdadeiro,pois conſigo
Nem inda hum falſo bem traz permanente,
Pois tanto que ſe alcança,como imigo
Trata a quem cuida ſer nelle contente:
E deixandoo no meyo do perigo,
Que tanto que o tem logo a alma ſente,
Como quem d'enganar já ſe eſtá rindo,
Vay,por mais enganar,ſempre fugindo.

51

Foje com ligeireza não cuidada
O bem,que parecia ser contino,
Fica delle a lembrança desejada
A quem mais atormenta o desatino:
Assi que neste bem falso enganada,
Perdi do verdadeiro,triste,o tino,
A cuja perda agora conhecendo,
Polo ganhar d'amor me estou perdendo.

52

Ay que este Amor por quem ando perdida,
Me tem de seu amor catiua,& preza,
Neste Amor estarey sempre embebida,
Neste Amor me estará sempre a alma acceza:
Que quem por este Amor morre,tem vida,
Que tudo neste Amor he fortaleza,
Assi que neste Amor,que agora tenho
Amando acabarey,com que me atenho.

53

Se noutro amor tégora fuy gastando
A vida,que eu viuer não merecia,
Com que deste me fuy tanto apartando,
Que vida ter em mim ja não sentia:
Agora que este Amor me está abrazando
No seu diuino Amor esta alma fria,
Amando viuirey muy casta,& bella,
Porque este casto Amor se enxergue nella.

Com

54

Com eſte caſto Amor que em mim ja ſento
Encher de voſſo Amor minhas entranhas,
Tirarey d'outro falſo o penſamento,
Que me obrigaua a ter penas eſtranhas:
Eſte Amor me dará contentamento,
Eſte Amor me dará glorias tamanhas,
Que nem o penſamento imaginalas,
Nem lingoa poderá já mais contalas.

55

Com eſte caſto Amor a tenção pura
Terá quanto daqui for por mim feito,
Porque eſte caſto Amor a tudo apura,
E faz que a vos, bom Deos, ja ſeja aceito:
A tudo o caſto Amor muda a ventura,
E como caſto faz naſcer no peito
Caſtas inſpirações, caſto deſejo
Que deſeja ver ſempre o que hora vejo.

56

Deſejos de ver ſempre o que hora vejo
Em meu peito farão ſempre morada,
Deſejos de gozar ſempre eſte enſejo
Contino me trarão a alma abrazada:
Deſejos que em me ver outra deſejo
De nunca eſtar de vos, nunca apartada,
Deſejos taes em fim de vos me accendem,
Que verme a voſſos pés ſempre me rendem.

57

E posto que desejos me tem posta
Em tão sublime estado, que não sento
Se sente bem esta alma o de que gosta,
Que tanto altiuo tem o pensamento:
Com tudo farey eu por ella aposta
De nunca mais mudar de vos o tento,
Que quem hũa vez em vós tempo empregou
Nunca mais a tenção de vós mudou.

58

Pura sempre será minha tenção,
Meu intento será sempre em vos posto,
As obras que eu fizer bem mostrarão
Ser já tornado casto este meu rosto:
Minha vida será contemplação,
Porque fora de vos não se acha gosto
Que satisfaça a sede, que a alma sente,
Mas que faça mor sede, & que atormente.

59

Sede me accenderá sempre meu peito,
Sede me abrazará sempre a alma fria,
Sede de vos ter sempre em meu conceito,
Sede de vos gozar de noite, & dia:
Sede de ter por vos estremos feito,
Sede que Amor por vós nesta alma cria,
Sede em fim, que de vós gozar me faça,
Me alcançará de vós perdão, & graça.

60

Mas como poderey,ay de mim trifte,
Efperar tanto bem tendo offendido,
A vos Pay,& Senhor,em quem confifte
O bem,que por meu mal tenho perdido?
Todo o bem perca he bem,quem vos refifte,
O mal todo terá bem merecido,
Que quem como eu vos tem tanto agrauado
He bem pague com mal o feu peccado.

61

Perfigão males já meu peito duro,
Ordenem contra mim tormentos feros
Sayão lá d'effe abifmo trifte,efcuro,
Quantos modos ouuer de penar meros:
Que todos contra o corpo meu impuro
Armados não ferão tanto feueros,
Nem ferá fua pena tão crecida,
Que iguale á dor da culpa merecida.

62

Culpada diante vos fer me conheço
Ante mim terey fempre a culpa minha,
Ante vos chorarey,pois não mereço
D'alegria gozar que em vos fó tinha:
Satisfarey com lagrimas o preço
De quantos bẽs perdi,fe efta mezinha
Pode curar a dor de mal tamanho,
No qual perder a vida he grande ganho.

63

Que vida pode ter,quem ja perdida
A tem,ſe a ſi(que he mais)perdeo com voſco?
Que goſto pode ter deſta tal vida,
Quem vir que não eſtaes vos bem com noſco?
Quem não laſtimará a alma ferida,
Por mais que engenho tenha rude,& toſco?
Quem não ſe finará de magoa pura
Vendo offendido Deos da criatura?

64

Ay quanto mayor dom,quanto mor ſorte
Tiuerão os Mininos,que em naſcendo,
Antes de fala ter lhe derão morte,
Por quem tomara agora eſtar morrendo:
Não padecerão mal que me conforte,
Pois por culpa o não forão merecendo,
Como eu,que em tudo ſou tanto culpada,
Como a fero tormento condenada.

65

Quem poderá louuar o ſeu deſtino?
Quem dizer poderá quanto ganharão,
Quando do fero Rey no deſatino
De martyrio as cabeças coroarão?
Que tantos matou ſó por vós Minino,
A quem com ſua morte confeſſarão,
Que ſendo vós hum ſó não vos achou
Aquelle fero Rey,que os matou.

66

Se aquelle fero Rey,que aſſi os matou
A vós inda Minino vos achára,
Eu me obrigo que aſſi como adorou
Hum em tres Abraham,vos adorára:
Que aſſi como eu de vós tão preza eſtou,
Aſſi de voſſo amor prezo ficára,
Porque he tão grande voſſa Mageſtade,
Que a todos atrahis com diuindade.

67

Não foſtes mortos não Mininos bellos,
Mas por a triſte vida a alegre achaſtes,
Quando voſſas cabeças ſem cabellos
Com coroas de gloria as coroaſtes:
E lá neſſes eternos eſcabelos
Pera ſempre ja mais vos aſſentaſtes,
Donde não pedireis vingança fea,
Mas rogareis por minha,& culpa alhea.

68

Inueja vos terá todo o naſcido,
Inuejada ſerá voſſa ventura,
Pois nos foy a ſeu tempo concedido
Com tal morte ſubir lá neſſa altura:
E não tendo eſte mundo conhecido,
Conhecereis dos Ceos a grão doçura,
Como jaſmins do ar nunca agrauados
Florecereis nos Ceos ledos plantados.

Se as

69

Se as mãys deſconſoladas, que chorárão
Dos tenros filhos ſeus a fera morte,
Quando da doce teta lhos tirárão
Os algozes ferozes com mão forte:
No ſeu profundo peito imaginárão,
Ditoſa quanto mais era ſua ſorte,
Que a minha, que em viuer vos fuy perdendo,
Por choros forão jubilos erguendo.

70

Lá neſſa alta Ramá, lá neſſa altura,
Donde nunca já mais foſtes auſente,
Por mais que conuerſeis a criatura,
Que offenderuos (meu Deos) tão pouco ſente!
Se virão quanto he mais ſua ventura
Da minha (ay de mim triſte) differente,
Prantear ſuas mortes não ſentirão,
Mas de eu tal vida ter gritos ſe ouuirão.

71

Benigno quanto mais o golpe duro
Lhes foy, que a mim a branda, & longa vida,
Porque eſta me leuaua ao reyno eſcuro,
Em que quaſi me vi toda metida:
Elles terão no Ceo, no Ceo ſeguro
A gloria, por tal morte merecida,
Nem por martyres ſer na meninice
Do premio os priuará da grão velhice.

A elles

72

A elles ſeguroulhe a fera morte
A gloria, que até alli não merecerão,
Mas a mim priuou della (ah dura ſorte)
A vida, cos peccados, que creſcerão:
Elles acharão lá quem os conforte
Com vida, por a morte, que ſofrerão,
Mas eu que vos deixey (ó mal tão feio)
Nem mereço outra ter, nem eſta quero.

73

Da dor que dentro n'alma ter ſentia,
Que todo o coração me treſpaſſaua,
Dentro n'alma tambem morta me via,
E de fora tal dor ter bem moſtraua:
Cada paſſo em me vendo eſmorecia,
Em mim tornando outra hora deſmayaua,
Porque hũa grande dor não compadece,
Não moſtrar fora quanto a alma padece.

74

Bem moſtraua de fora a grão triſteza,
Com que era a cada paſſo treſpaſſada,
Não auer tal esforço, ou fortaleza,
Que alma esforçar podeſſe atribulada:
Dobrauame a dor mais a natureza,
Que no meyo da dor, inda lembrada,
Dos goſtos já paſſados, me eſquecia
Da dor, que ter por elles me compria.

Mas

75

Mas eu que tanto tinha na lembrança
O tormento por elles merecido,
Não cessaua pedir com confiança
De meu erro o perdão ver concedido:
E não perdendo nunca a esperança,
Perdia ja de mim todo o sentido,
C'hum desmayo da dor, que põe espanto,
A meus gostos dey fim, não a meu pranto.

F I M.

CANTO

CANTO IIII.

Do conhecimento da culpa, & affecto da contrição.

1

EM Como quando o ſonho horrendo, & graue,
O coração eſperta attribulado,
A quem o ſono em vez de ſer ſuaue
He muito mais penoſo, & carregado;
Cem mil figuras finge, com que aggraue,
Quem deſejaua verſe deſcançado,
Que aceitando tal ſono, ſe o alcança
Em vez de deſcançar nelle mais cança.

2

Tal eu, que com a dor, & ſentimento,
De tal me imaginar mais deſmayaua,
Hum pouco recolhendo o penſamento
Que de quem fora, & era me eſpertaua:
Continuando mais com meu intento,
O qual o geſto meu fora moſtraua,
Não deſcançaua não, mas ja me via
Os males padecer, que merecia.

A gran-

3

A grande dor que dentro a alma padece
Paſſar ſem ſinaes fora, não conſente
Alegre o geſto eſtar, como parece,
Sem nelle as moſtras dar, que eſſa alma ſente:
Que logo o roſto paſma, & eſmorece,
Moſtrando quanto viue deſcontente,
Não menos eu tambem co que ſentia,
Bradando dentro n'alma, aſſi dizia.

4

Ay quanto julgo ter mais merecido
Aquelle grão caſtigo, que tiuerão
Abiu, & Madab, de que accendido
Foy incenſo, que a Deos offerecerão:
Elles, porque lhe foy ſó defendido
Alheo fogo ter, em fogo arderão,
Mas eu em cego fogo me abrazando,
Nelle me fuy a amor ſacrificando.

5

Elles honrar a Deos ſó pretendendo,
Obra lhes parecia muy deuida,
Mas eu, que em outro fogo eſtiue ardendo,
A amor fuy ſó por mim offerecida:
No goſto, que ſentia me embebendo,
Andaua já de vós tanto eſquecida,
Que co goſto que tinha não cuidaua
Com pena ſe pagar, que me eſperaua.

O quão

6

Oh quão ditoſos ſaõ os caſtigados
De voſſa mão diuina,& reprendidos,
São com o Autor da pena conſolados,
Se eſtão de ſua culpa arrependidos:
Mas eu(triſte de mim)por meus peccados
Velos,nem ainda a mim,por vos punidos
Mereço,porque aſſi tambem não poſſa
Gloriar me penar deſſa mão voſſa.

7

Abrazados do Ceo no fogo ardente
Abiu,& Madab vio conſumida,
A vida que viuia triſtemente,
Pois anda a tanto mal offerecida:
Mas eu que em cego amor(triſte)contente
Em goſtos vãos gaſtey já toda a vida,
Que aliuio eſperarey?pois não mereço
Aliuio ter algum no que padeço.

8

Se fogo deſſe Ceo já me abrazára,
D'elle abrazada pena não ſentira,
Mas de em tal fogo arder me conſolara,
Que outro que em mim ardeo ja conſumira:
E conſumida delle me tornara
Em hum fogo amoroſo,que ſuſpira,
Verſe ante vos,meu Deos, ſempre preſente,
Como do eu verme agora eſtou contente.

9

Mas ay (trifte de mim) como ja poffo
Nunca contente fer, pois que offendido
A vos tenho bom Deos todo o bem noffo,
Que até, por me faluar, tendes nafcido:
Senão vira Senhor o peyto voffo
D'amor por meu amor a Amor rendido,
Que fizera, fenão fempre fer trifte,
Pois a gloria deixey, que em vos confifte.

10

Se tanto atras eftando tanta gloria
Recebe com tal vifta efta alma minha,
Que verfo cantaria, ou larga hiftoria
Vendome auentejada tanto azinha?
De quem fuy até qui perco a memoria
Vendome em gloria eftar de tão mezquinha,
Porque onde vos eftaes he parayfo,
Mudando a pena em gloria de improuifo.

11

De improuifo fentio tanta alegria,
Com voffa doce vifta efta alma trifte,
Que ja na gloria ja lhe parecia
Dos altos Ceos eftar, que em vos confifte:
Mas como ver tal bem não merecia
Quem por mal a tal bem tanto refifte,
Não fofre a jufta ley, que me condena,
Que a gloria do mal tenha, em vez de pena.

Donde

12

Donde abrazada ser mais me conuinha
Em viuo fogo estar, que me acabasse,
Que ver em tanta pena esta alma minha
Esperando cada hora, que espirasse:
A morte de meu mal fora mezinha,
Porque a vida em tal gosto não esperasse,
Aliuio ter algum, com que offendendo
A vos fosse, meu Deos, & a mim perdendo.

13

Mas pois não ser de tal fogo abrazada
Por vossa mão, de indigna, me conheço,
Que esperarey, senão ser sepultada
Nesse fogo infernal, que bem mereço?
Pois não posso viuer tendo agrauada
Vossa alta Magestade tão sem preço,
Que ninguem terá nunca pena igual
A pena que merece tanto mal.

14

Nunca Abirão, & Datão com seus parceyros
Contra Moyses tal erro cometerão,
Pelo qual juntamente assi inteiros
Ao fogo infernal viuos decerão:
Qual eu com meus peccados pergoeiros
De minha torpe vida qual fizerão
Contra vos cometi, & pasmo de a terra
Me não soruer em si, pois vos fiz guerra.

15

Tanto me em não foruerme, he a terra auara,
Quanto foy a Datão mais liberal,
Que foruendome então de si tirara
De vicios hum retrato vniuersal:
Nella escondida verme mais prezara,
Que a vida, em que vos fuy tão desleal,
Que muito milhor he perder mil vidas,
Que taes culpas d'alguem serem sabidas.

16

Não he muito sentir perder a vida
Quem com ella vos serue, & vos agrada,
Mas merece então ter vida comprida,
Pois a tem sempre em vos toda empregada:
Mas eu em quem a vida he tão perdida,
Pois tanto andey de vos sempre apartada,
Porque quero viuer se ey de offenderuos,
E com vida perderme com perderuos?

17

He tanta a dor, meu Deos, que n'alma sento,
De vos ter, meu Senhor, tanto offendido,
Que de infames Cidades o tormento
Menor ser que este meu cuydo medido:
Com tanta pena passo o sentimento
De agrauado vos ter, que meu sentido
Me obriga a desejar ver me metida
No mesmo lago onde ellas confundida.

Confun-

18

Confundida,a meu ver,nunca eſtiuera
Nelle tanto,que mais de mim não ſeja,
Com ver as grandes culpas,que fizera
Contra quem meu amor tanto deſeja:
Ter iſto na memoria,ay quem me dera,
Pera nunca me ver onde não veja,
Metida a vida eſtar num bruto lago
Dos goſtos,que paſſey,& agora pago.

19

Eſte lago por mais horrendo,& eſcuro
D'hum peſtifero cheiro,& temeroſo,
Só feito pera dar tormento duro,
Com hum bater de dentes eſpantoſo:
A meu ver,pode eſtar ſempre ſeguro
De poder nunca ſerme tão penoſo,
Como me he de offenderuos dura a pena,
Pera a qual toda a outra,he muy pequena.

20

Por doces ſe terão,& não ſalgadas
As agoas d'eſſe lago tão profundo,
Se forem com as minhas comparadas
Com que farey contino outro mais fundo:
Que as calidades dellas deſuſadas,
Por mais que eſpanto cauſem a todo mundo
Queimando como fogo frias ſendo,
Mais fria eu muito eſtaua, eſtando ardendo.

21

Ardendo em brauas chamas tonto andaua
Quanto de voſſo amor era mais fria,
Porque o fogo em que ardia me cegaua,
Com que a vós, nem a mim meſma me via:
Aſſi que não vos vendo me esfriaua
Tanto no voſſo Amor, que me fazia
Amar, & aborrecer ſó juntamente,
Como a agoa que fria he queimar ſe ſente.

22

Danoſos apetites me fazião
Em deſejos d'amor tanto abrazada,
Que não veruos meu bem ſó me impedião,
Pera que com mal foſſe atormentada:
Deſejos de meu mal tanto trazião
Eſta alma de meu bem tanto apartada,
Que não ſentia verme no tormento,
Que me cauſaua tal contentamento.

23

E ſe eſte triſte mar morto ſe chama,
Por não ter couſa em ſi que viua ſeja,
Quanto mais morta eſtaua eu, quando a chama
Me accendia d'amor, que outro deſeja:
Por iſſo eſta alma minha agoas derrama,
Deſejando de eſtar onde não veja
Senão tudo o que a vós viuer me faça,
Mortendo ao mundo ſó por voſſa graça.

24

Mas ay quanto ao viuo repreſentão
Meus goſtos ja paſſados tão cuſtoſos
Aquelles fruitos bellos, que accreſcentão
Cobiça a quem os vé tanto fermoſos:
Co agoa deſte lago ſe ſuſtentão
Que a viſta os faz fazer muy deleitoſos,
Mas tocados em cinza ſe desfazem
Como todos meus goſtos tambem fazem.

25

Desfizerãoſe os goſtos como fumo
Que em eſpaço tão breue ſe paſſarão,
Pelos quaes toda agora me conſumo
Contino em viua dor, que me deixarão:
Em quanto viua for (iſto preſumo)
Os males chorarey, que me cauſarão,
Que nunca ninguem teue hum goſtó breue,
Que a vida lhe não cuſte a quanto deue.

26

Fumos de preſunção ja me trazião
Tanto fóra de mim, tanto alheada,
Que não verme a mim meſma me fazião,
Que ſem vós meu bom Deos não era nada:
Nas falſas apparencias, que fingião,
Cada hora mais, & mais era enleuada,
Mas tocados em fumo ſe fezerão,
E a mim grão pena, & dor ſempre renderão.

27

Que fruito mais colhi,ou me renderão
Meus fugitiuos gostos,& alegrias,
Que em espaço tão breue fenecerão,
Senão triste viuer noites,& dias:
Todos se em cego fumo conuerterão,
Deixandome de si com mãos vazias,
Com que me vejo tal tanto corrida,
Que o menos que sentira he não ter vida.

28

Tanto corrida estou,& enuergonhada
De seguir gostos vãos meus aparentes,
Que tudo estimo em pouco, a vida em nada,
Pois por elles deixey bẽs permanentes;
Em quanto viua for sempre anojada
Chorarey bẽs passados,que os presentes
Pera mim saõ estar em viuas magoas,
Fazendo estes meus olhos fontes d'agoas.

29

Chorar contino agora mantimento
Me será pera sempre noite,& dia,
E pois gosto me deu tanto tormento
Este pranto quiçá darmeha alegria:
A pena me dará contentamento,
Pois o gosto tristeza me rendia,
E tanta pena,& dor delle terey
Quanto no falso gosto me alegrey.

30

Cos duros ſeyxos já do lago eſcuro
Tanto, mais dura que elles, me pareço,
Que não ſomente em ter coração duro,
Mas em brandos o ver, mais me endureço:
Elles como lenha ardem; & eu procuro
Em outro fogo arder, que bem conheço,
Tornarme contra vòs muito mais dura
Deuendo arder em Amor, que tudo apura.

31

E pois que nas maldades ſem medida
Venço inda a quantas ha na natureza,
Pera onde me irey que ache guarida?
Ou onde em tanto mal terey defeza?
De ninguem ſer mereço ſocorrida,
De armarſe contra mim tudo ſe preza,
E pois o bem me falta, o mal ſobeje,
E tudo contra mim por vós peleje.

32

Abraſe a terra já (ſenão ſe afronta
De recolher em ſi tal peccadora)
E là dentro em ſeu ſeyo tome conta
A vida que não ter melhor me fora:
Pera que ſaybão todos quanto monta
O apartarſe de vós, quando ſe chora,
Nem ſeja minha culpa declarada
Pera não ſer dalguem nella imitada.

33

Ou quando não ſofrer tal fealdade
Lanceme já de ſi no mar profundo,
Quiça que lauarey minha maldade,
De meus olhos fazendo outro mais fundo:
Algum monſtro auerá de mim piedade,
Que tragandome ja tire do mundo,
Que a quem a ſeu Senhor he desleal
Tal morte,antes que vida,mais lhe val.

34

Ou quando iſto não for,pois não merece
Tão graue culpa,tão leue tormento,
Se algũa braua fera ſe embrauece
Desfaça eſte meu corpo num momento:
Mas na alma,que ja mais nunca fenece,
Ficará pera ſempre o ſentimento,
Que hũa vez quem de Deos ſe vio perdido
Ia mais de perda tal perde o ſentido.

35

Ou quando deſprezarme de tal morte,
Os brutos animaes por bem tiuerem,
Deixandome a ventura,& triſte ſorte
Que em mais me atormẽtar muito ſe eſmerem:
Eu meſma os forçarey,que algum mal forte
Ordenem pera mim,ſe outro tiuerem,
Com que morta ſinta inda a perda grande
Com a pena,que eſta alma ao corpo mande.

36

E quando isto não for, (o que já creyo
Que os males nisto queirão desprezarme)
Me deixem liure a mim, que por meu meyo
Possa de meu peccado castigarme:
Não sinto eu pena mór, nem mal tão feyo,
Que possa de contino atormentarme,
Como he cuidar que estaes de mim ausente
Que he mal que todos mais muito se sente.

37

E já que por meu mal eu não mereço
A morte, pera mim bem tão prezado,
Não viua eu nunca mais, muito vos peço,
Momento sem cuidar neste cuidado:
Sermeha nisto cuidar hum bem sem preço,
E bem, entre mal tanto, não cuidado,
Pera que sinta mais teruos perdido
Que perder alma, vida, & o sentido.

38

E pera não perder do sentimento
Na pena desigual a causa della,
Coua escura será meu aposento
Pera melhor poder contemplar nella:
Lagrimas de meus olhos cento, & cento
Sairão de contino: porque vella,
Como desejo, eu possa, n'algũa hora,
Posto que tanto má, tão peccadora.

39

As lagrimas que alli forem vertidas
Destes tão tristes meus lasciuos olhos
As pedras regarão endurecidas,
Que em vez de flores dar darão abrolhos:
Estes farão contino em mim feridas,
Que renouem em mim magoas a molhos,
E de sorte estarey penando viua,
Que não me dé mór pena a morte esquiua.

40

Em vos viua estarey viua enterrada,
Mas morta pera meu prazer mundano,
Da gente alli estarey toda apartada,
Que tanto conuersey pera meu dano:
Em vos alli embebida,& consolada
Estarey,se ser pode hum corpo humano
Consolado viuer,tendo offendido
Hum Deos,que tanto ouuera ter seruido.

41

Com os olhos da Fé,que não se enganão,
Vos verá sempre esta alma enternecida,
Porque estes tristes meus tanto me danão,
Que me farão sem vos perder a vida:
Posto que delles já contino manão
Lagrimas,em que estou já conuertida,
Temo que não serão tanto leaes
Que conseruem o bem, que me hora daes.

42

E posto que de verme em tal estado
Não merecido, já muito ha quisera,
Não me seja de vos, peço, negado
Este bem que hora gozo, & sempre ouuera:
Este bem tão sem preço não estimado
De quem sempre estimar muyto o diuera,
Este tão grande bem, que estou gozando
Em beijar estes pés que estou lauando.

43

E dado que esta boca tanto indigna
Em palauras tão vãs, tanto ociosas
Minha vida gastasse tão maligna,
Com dizer, & gostar outras danosas:
Agora que a estes Sanctos Pés se inclina,
Que lhe fazem merces tanto espantosas,
Os beijos aceitay destes indignos
Beiços, nos Sanctos Pés, Pés tão benignos.

44

Beiços, nem boca não me seruirão
De cousas de que não fordes seruido,
Que todas em seruiruos pararão
Em bem do coração d'amor rendido:
Que as almas que vos seruem só terão
Pera sempre no Ceo gosto comprido,
Mas quem sem vos, cá quer viuer contente
Tormentos sentirá eternamente.

45

Por esta boca indigna,& duro peito
Contino sairão ays saudosos
Por vos d'alma lançados,que em effeito
Sinaes de grande Amor saõ espantosos:
Estes ays sairão dados de geito
Com suspiros d'amor tão lastimosos,
Que o coração que for d'amor tocado,
Doutro julgue sairem lastimado.

46

Se hũa alma lastimada inda lastima
Com suspiros,& ays,que de si lança,
Outra,que delles faz tão pouca estima,
Por verse estar gozando da bonança;
Como posso eu cuidar,que não se estima
Hũa alma,que de dar ays nunca cança,
D'hum Deos,que inda antes q̃ fosse humanado
De verme tal estar foy lastimado.

47

As lastimas Senhor, com que ferio
Amor o vosso peito piadoso,
Este meu triste sempre as encubrio,
Desconfiado não,mas de medroso:
Agora a vossos pés as descubrio
Pera que vendoo tal tão lastimoso,
Vseis tambem com elle piedade
Tão natural em vos da Eternidade.

48

Eſtas laſciuas mãos tanto prezadas
Com cujas obras fuy tudo perdendo,
Quanto lá neſſas tão altas moradas
Eſtaes a quem vos ama apercebendo:
Agora as trarey taes, tanto occupadas,
Que em todas as obras, que forem fazendo,
Em todas claramente conheçais
Que me não conuerti não por demais.

49

Agora lauarey com mãos lauadas
Os voſſos Sanctos pés, pois vos tocarão,
Eſtas peſſoas ſaõ neceſſitadas,
Que ſeu goſto por vos crucificarão:
Peſſoas, que de vos ſaõ muito amadas,
Pois ſempre em toda a vida vos amarão,
Eſtes pobres por vos d'alma amarey,
E com cabellos d'ouro alimparey.

50

Eſtes cabellos d'ouro tão prezados,
De quem lhe a amada viſta d'alma entrega,
Repartirey cos pobres deſprezados,
De quem por lhos não dar a alma vos nega:
Pera elles os terey aparelhados,
Que quem por vos lhos dá bem os emprega,
Que por mũy poucos bẽs cá terreaes
Infinitos ſem fim no Ceo lhe daes.

51

Eſtes cabellos douro,eſtas riquezas
Dos miſeros mortaes tão cubiçadas,
Que por as alcançar chamas accezas
Com cubiça lhe as almas tem aſſadas:
Eſtas por quem muy grandes fortalezas
Desfeitas ſaõ por terra,& deſtorçadas,
Com muita vontade eſtas gaſtarey
Em ſeu emparo,& ſeo as guardarey.

52

Eſtes cabellos d'ouro,que eu prezaua,
Eſtes cabellos d'ouro em que me via,
Eſtes cabellos d'ouro,que eu ſoltaua,
Quando nelles prender almas queria:
Eſtas riquezas d'ouro que ajuntaua,
Quanto eſpalhadas ter eu mais deuia,
Aſſi a dextra mão trará partidas,
Que nem da eſquerda mão ſejão ſentidas.

53

Alli as terey tanto mais ſeguras,
Quanto com mais amor forem gaſtadas,
Verſe alli poderá das criaturas
Quanto nelles eſtão mais bem guardadas:
Que nem tempo nenhum,nem deſuenturas
Roer as poderá de eſperdiçadas,
Que quem ſegurar quer o ſeu theſouro
Nas mãos delles pòr deue o fino ouro.

54

Eſte vnguento de mim tanto prezado,
Com que vngida ficaua mais famoſa,
Nos voſſos Sanctos Pés já derramado,
Farmeha por fama ſer muy mais cheiroſa:
Que o vnguento a que ſois afeiçoado
He a vida que a alma faz ſó virtuoſa,
De que vos tanto mais vos contentaes
Quanto em vos ſeruir dá móres ſinaes.

55

Lá donde o claro Phebo ja eſpertando
Do ſono em que até alli dormindo eſtaua,
Com o rayo ſeu vulto vem ornando,
Que a Aurora lhe entre tanto aparelhaua:
No carro, que os cauallos vão leuando,
A quem a doce Ambroſia apaſcentaua,
Alegre, & luminoſo ſe ſubia
Pera noua luz dar ao nouo dia.

56

E lá donde mais alto ſe leuanta,
Fazendo as ſombras ſer todas pequenas
Lançado de ſeus rayos força tanta
Que as fontes faz ſecar claras, & amenas:
Onde já mais ſe vio tão freſca planta
Regada inda que eſté d'agoas ſerenas,
Que baſte a refreſcar do fogo ardente
A quem por deſcoſtume muito o ſente.

57

Até onde os caualos já cansados
Do vsado, mas porem longo caminho,
Dos freyos soltos sós, & desatados
A descançar se vão ao charo ninho:
A onde do trabalho restaurados
O Nectar doce bebem como vinho,
Com que refeitos já da longa rota
Não se aquieta o pé sem noua trota.

58

E lá donde o Arcturo congelado
A Phebo com a vista não alcança,
Em quanto os signos seys corre apressado,
Que até os peixes vão desde a balança:
De cada qual com passo limitado
De trinta, em trinta voltas faz mudança,
Mostrando sua luz a terra ardente,
Que do fogo se habita, & mal da gente.

59

Em toda a terra mais que o Ceo rodea
Mostrando essas estrellas luminosas,
Depois que o claro Sol, que alumea,
Deixa o lugar às treuas temerosas:
Onde a gente que habita o pé menea
Com as plantas viradas pera as nossas,
Que quanto mais de nós o Sol se esconde,
A elles com mayor luz lhes responde.

60

Em o lugar,em fim de mortal gente
Por mais que fera for ſeja habitado,
Eſte pranto que faço penitente
Em louuor ſerá voſſo nomeado:
E de mim ſoará o fogo ardente
Que o coração me tem todo abrazado,
Pera nunca já mais deixar de amaruos,
Proteſtando ſem fim nunca agrauaruos.

61

Mas ſoará tambem (ay de mim triſte)
Quanto vos offendi,que não deuera,
Pois em vós o bem todo ſó conſiſte,
O qual perdera em fim ſe vos perdera:
Mas não aja,vos peço,quem conquiſte,
De mim tomando exemplo,quem tiuera
A alma em voſſo amor toda abrazada,
E na alhea culpa não ſeja eu culpada.

62

Mas ſóe antes vos rògo,ſe meu rogo
Pode diante vós ja ſer ouuido,
Como do voſſo amor o ardente fogo
Por mim vos tem d'Amor doce ferido:
Por eſſe Amor a mim doce vós rogo
Que eſte peito abrandeis endurecido,
Pois tanto ſeu Amor vos cuſta caro,
Quanto de vos amar foy mais auaro.

63

Auara em vos amar ser me conheço,
Deixando o Criador nas criaturas
Empreguey o amor, que não mereço
Pois me apartão de vós minhas solturas:
Que vendo agora tanto me entristeço
Que a dor faz ser meus olhos fontes puras,
Que deitarão contino tantas agoas,
Que moua a quem as vir a tristes magoas.

64

E posto que exprimir quanta dor sento
De vos assi deixar não he possiuel,
Por mais que linguas tenha cento, & cento
Com que forme hũa voz d'hum som terriuel:
Com tudo, vós Senhor, o sentimento
Vereis em esta minha alma inuisiuel,
Que de verse tão fea mais se esconde,
De vós a vós fugindo, & bem sabe onde.

65

Bem sabe ter muy certo, & muy seguro
De todas suas culpas o perdão,
Nesse profundo abismo claro, & puro,
Tão alheyo de toda a confusaõ:
Abismo que crea o peito duro
Quando quer nelle ter meditação,
E tanto nelle mais perde o sentido,
Quanto delle tiuer mais entendido.

Mas

66

Mas quem terá tão claro entendimento
Tão liure de cuidado a fantesia,
Que tendo sempre em vós o pensamento,
Nos diga de vós tudo o que sentia:
Quem pos nunca ja mais nisso o intento,
Que dando fim em fim a tal persia,
Não lhe ficasse mais por entender
Do que nunca de vós possa saber.

67

Abismo com razão he verdadeiro
Vossa alta Magestade não alcançada
De entendimento algum por mais inteiro
Que seja em penetrar cousa criada:
Que entendimento foy desdo primeiro,
De que essa essencia seja penetrada,
Pois vós que em terra,& Ceo só não cabeis,
Em vós cabendo só vos entendeis.

68

Se esta alma,que por ser tal a não quero,
Pois tanto vos offendeo de contino,
Que melhorar em mim ja não espero
Sem vossa grande ajuda,ay Deos benigno;
Teue por seu senhor,senhor seuero:
A seu solto apetite tão maligno,
Que quanto nelle mais se contentaua;
Tanto mais,meu bom Deos,vos agrauaua.

69

Se eſte meu coração empedernido,
Em que foy ſepultada eſſa grandeza
Os tres dias,& noites eſclarecido
Da ley da Graça, Eſcripta,& Natureza:
A todo o vicio tendo apercebido
Apoſento em ſi com grande alteza,
Agora em ſi por vos d'outro tornado,
A ſi pera vós ſó ſe tem guardado:

70

Se em fim foy minha caſa o apoſento
Dos vicios,em que então morta,viuia,
Com que de vos perdia(triſte)o tento,
Não vendo em vos perder que me perdia:
Fazey vós nella agora voſſo aſſento,
Dos vicios ma alimpando,em que ſe via,
Que ſe vós,nella eſtando,ma guardais
Vicios não ſe verão já nella mais.

71

Nella ſerá de mim ſempre guardada
A juſta voſſa ley,que me conuinha
Guardar: pera aſſi ſer mais eſtimada,
Do que era quando o eu pera mim tinha:
A eſtes Sanctos Pés toda lançada
Sente ja tal prazer eſta alma minha,
Que julga não auer ſuauidade,
Que mais ſe eſtimar deua,& com verdade.

Oo quão

72

Oo quão ſuaue pratica amoroſa,
E quão chea de grão contentamento,
Ouuir eu ja me vejo, então ditoſa,
Eſtando ante eſte voſſo acatamento:
Ante quem pórme agora vergonhoſa
Conheço ſer ſobejo atreuimento,
Porque tão fea, & enorme me eſtou vendo,
Quão bella, por me tal ver, me is fazendo.

73

São já ſempre, & ſerão, (& não me engano)
Eſtes pés pera mim porto ſeguro,
Onde ſempre acharey de todo o dano
Grande emparo, remedio, & firme muro:
Pois quando de embebida em meu engano,
Nos vicios tendo já meu peito duro,
Não me vendo nos males atolada
Diuinamente fuy delles tirada.

74

Dos males, que tão cega me trazião,
Dos males, que outros mores me ordenauão,
Dos males que então bẽs me parecião
Quanto mores então mais me alegrauão:
Eſtes males crer tanto me fazião,
Que os bẽs, que agora entendo me enganauão,
Pelo que tarde fuy meus males vendo,
Que tantos males já me hião fazendo.

75

Qual náo com vellas cheas furiosa,
No proceloso mar toda infunada,
Cortando os mares vay muy alterosa,
Sobolas ondas voa indo pezada:
Mas tanto que he da Remora forçosa
Peixe, inda que pequeno, bem ferrada,
O curso perde, & o furioso vento
Em vão no mar, & náo, faz mouimento:

76

Tal eu; que em falsos gostos embebida,
No mar de meus enganos me enleuaua,
Sobre meus apetites já subida,
De mim, mais que ainda delles triumphaua:
Logo o curso perdi de minha vida,
Em outro desigual do que leuaua,
Tanto que presa fuy dalma, & desejo,
D'abraços destes Pés, que agora beijo.

77

Desejos me prenderão Pés diuinos,
Desejos de vos beijar me enlaçarão,
Desejos de vos abraçar continos,
Desejos, que a beijaruos me apressarão:
Desejos, que em vos vendo tão benignos
Em desejos de teruos me abrazarão,
Desejos me fezerão tanto ousada,
Que em desejos d'amor sou ja tornada.

78

Tornoume vosso amor tão differente
Do que tégora fuy quando outro amaua,
Que só do vosso Amor me acho contente,
Todo outro me entristece,que prezaua:
Só vosso Amor me faz tanto eminente
Amadora ser mór,do que cuidaua,
Que se amor se julgar polo perdão
A todos direy eu ganhar por mão.

79

Ah se este Amor de quem ando abrazada
Merecera de vós ja ser aceito,
Que alegria,& que gloria tão prezada
Morára,qual desejo,em o meu peito:
Mas como noutro amor fuy enleuada,
Fica amor pera mim tanto sospeito,
Que do nome d'amor fraqueza humana,
Se teme;& só no vosso não se engana.

80

E não permittaes vós meu Pay benigno
Que conceba em meu peito outro desejo,
Senão que for de vós sómente digno
Pera que eu veja sempre o que hora vejo:
Tirayme do sentido outro maligno
Amor,tanto iuquieto,& tão sobejo,
E verey meu amor nesse Amor vosso
Posto: que amar a vós,sem vós não posso.

81

Se eu amaruos a vòs ſem vós não poſſo,
Não me negueys, meu Deos, a ajuda voſſa,
Eſte meu doce Amor ſeja ſó voſſo,
Pera que eu delle eſtar ſegura poſſa:
E porque todos vendo eſte amor noſſo
Iulguem, ſer a vontade a meſma noſſa,
A benção me lançay da voſſa mão,
Com que graça me deis, com que perdão.

82

Mas d'hũa confuſaõ triſte cercada,
Em mil eſtremos poſta me eſtou vendo,
Dos homẽs, & de vós enuergonhada,
Com treſpaſſos cem mil eſtou morrendo:
Mas ſe vós me a mão derdes confiada
Em toda a parte em que eu for parecendo,
Tomarão de mim todos confiança
De ter de vós perdão, que gloria alcança.

83

Hum mal porem me corta, & me magoa,
Hum mal que dẽtro n'alma eſtou ſentindo,
Hum mal, que nunca paſſa, nem perdoa
A quem não vos eſtá já poſſuindo:
Hum mal he que no mundo muito ſoa,
A minha errada vida deſcubrindo,
Não ſendo em vos amar tanto imitada
Como na vida que fiz tanto errada.

Suſpenſa

84

Suſpenſa iſto me tem,& duuidoſa,
E tirar o não poſſo do ſentido,
Se por mais que eu cá ſinta tão choroſa,
Os erros em que ja tenho caido,
Seja eu com tudo tanto deſditoſa,
Que quem vos tem, como eu,tanto offendido,
De mim mais tome exemplo de agrauaruos,
Que de quanto vos amo pera amaruos.

85

Pelo que,Senhor meu,ſe me aceytaes
Eſtas lagrimas minhas laſtimoſas,
Que ſaõ d'hum grãde amor grandes ſinaes,
Que eſſas entranhas ſentem piedoſas:
Vos peço que vós nunca permittaes,
Que exemplo de mim tomem vicioſas
Almas,pera,como eu,vos offenderem,
Mas ſua culpa,& a minha aborrecerem.

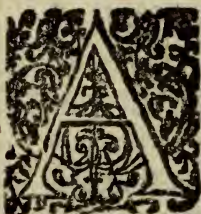
86

E como de tal dor forem tocadas,
Que manifeſtem bem o ſentimento,
Que polas culpas deuem ter paſſadas,
Do perdão lhe outorgueis contentamento:
Porque do mundo já deſapegadas,
Em vós ſó poſſaõ ter o penſamento,
Dandolhe graça cá,vida,& bem todo
Vos gozem em gloria lá per todo o modo.

FIM.

CANTO V.

Dos bens que ſe cmunicão â alma conuertida.

I

Qui já de contar, como canſada
Hũa pauſa fez grande a grão Maria,
Moſtrando em ledo geſto hũa peſada
Lembrança ainda ter d'aquelle dia:
D'aquelle dia, em que de magoada
Com a grão dor da culpa que ſentia
A perdoarlhe a Deos tanto moueo,
Que a pena em ſeu louuor lhe conuerteo.

2

De quanto alli a ſeus pés tinha chorado,
E dentro n'alma alli ſentindo eſtaua,
Não era o Senhor não, não mal lembrado,
Que já pera a louuar ſe aparelhaua:
Occaſião tomando em ſer tachado
Do Phariſeu que á Cea o conuidaua,
Dizendo, que Propheta não ſeria,
Pois qual molher ella era não ſabia.

3

Mas o Senhor da fama não curando,
Que della o pouo tem incerto errado,
Antes perante todos a louuando
De quanto amor lhe alli tinha moſtrado:
Que com lagrimas triſtes, que chorando:
Seu coração de dor tinha cortado,
Em amor de ſeu Deos tanto abrazada,
Que de infamada ſer não cura nada.

4

Eſta que vés Simão, que tu ſoſpeitas
Por ſuas grandes culpas ſer perdida;
Eſta (diz o Senhor) tem me aqui feitas
Obras, por quem lhe dar merece a vida:
As lagrimas que vés me ſaõ accitas,
O vnguento, que derrama ſem medida
A grande falta ſupre, em que caiſte,
Que nem pés me lauaſte, nem me vngiſte.

Os beijos, que em meus pés vés dar ſem conto,
Que em lugar de inuejar tanto reprouas,
Recebo eu com grão goſto neſte ponto,
Em que dos males ſeus magoas renouas:
Aceitolhe eſtas obras em deſconto
Das culpas, que não ſaõ pera mim nouas,
Como tẽs pera ti: mas ſabe certo
Que todo o coração me he deſcuberto.

6

Por hum beijo de paz,que me negaste
Outros d'amor celeste me está dando,
O mesmo,que entre ti de mim julgaste
Te está de não saber ja condenando:
Se como de mim,& d'ella te indinaste,
D'ambos te fora amor alma abrazando,
Mouera amor teu peito a piedade,
Pera com todos ter proximidade.

7

Mas como esse teu peito tanto esquiuo
Com desamor te faça tudo feyo,
Não vés a traue em ti,porque es altiuo,
Pequeno argueyro vendo em olho alheyo:
Não julga certo assi a alma em que eu viuo
Per charidade,& graça,& que receyo,
A quem a alhea culpa he sempre leue
O que julgar da sua não se atreue.

8

Não menos esta agora,que chorosa
Em si julga por graue a culpa,& feya,
Que quando cometeo lhe foy gostosa,
Procura a saluação,deseja a alhea:
E se he de merecela receosa
D'alcançala porem nada receya,
Que tal amor,tal fé,tal confiança
De mim perdão,& Amor,& tudo alcança.

Assi

9

Aſſi Simão te affirmo de verdade
Que ſe tiuera muitos mais peccados,
Baſtaua ſua eſtranha charidade,
Pera lhe ſerem todos perdoados:
Porque he ſeu grande amor de calidade
Que muitos corações fará abrazados
Em meu Amor, de quem o doce fruito
Não ſey eu pouco dar ao que ama muito.

10

A quem com amor firme, & verdadeiro,
Com animo leal, & não fingido,
Poſer o ſeu amor em mim inteiro,
Que fuy de ſeu amor antes ferido:
Farey eu deſte Amor meu doce herdeiro,
E o ſeu ſerá de mim bem recebido,
Como com eſta agora tenho feito,
Que tanto me ama lá dentro em ſeu peito.

11

Lá dentro no ſeu peito, que abrazado
Eſtá no meu Amor d'amor ardendo,
Me tem contino, & n'alma afigurado,
Por quem eſtá d'amor agoas vertendo:
E quanto em mim eſte amor mais empregado
Tem, outro amor qualquer aborrecendo,
Tanto mais em mim cauſa hum grande abalo
De o meu ſempre lhe dar, & o ſeu prezalo.

12

He tanto em meu Amor toda enleuada,
Que todo o mais amor, que antes prezaua,
Despreza, & aborrece, & tem em nada,
Querendo este Amor só, que desprezáua:
Iá neste meu Amor arrebatada
Doutro amor, que antes tinha, não curaua,
Pois quē tanto amor tem de peito, & d'alma
D'amadores será coroa, & palma.

13

Nem presumas Simão, que só lauando
Com lagrimas está d'olhos chorosos,
Os peccados, que esteue amor forjando
No seu peyto d'amores venenosos:
Que não saõ elles taes, que eu perdoando
Outros mais não esté, sempre espantosos;
Mas saõ sinaes que amor cria no peito,
Que amor a meu Amor ja tem sogeito.

14

Este Amor de que está tanto abrazada,
Este Amor de que está tanto ferida,
Este Amor em que está de agoas banhada,
Por este Amor em agoa he conuertida:
Este Amor, que de fóra não diz nada,
Com razões dentro n'alma a tem vencida,
Deste Amor não perder, nada segura
Com lagrimas d'Amor amando apura.

Com

15

Com lagrimas d'Amor amando apura
O Amor, de que tem ſua alma acceza,
Porque do meu ja poſſa eſtar ſegura,
Pois delle tanto eſtá catiua, & preza:
Por amor d'eſte Amor de ſi não cura:
Porque eſte tal Amor não tem defeza,
E tanto neſte Amor temſe afinado,
Que tudo lhe eſte Amor tem perdoado.

16

Donde ſua alta fé, ſeu amor puro,
Lhe dão da ſaluação a ſegurança,
Porque quem eſte Amor tal tem procuro
Na memoria trazer, & na lembrança:
A paz ſempre terá por firme muro,
Com que do bem não faça já mudança,
Que hũa alma que ſe vé, & a Deos ſe entrega,
Dandoſelhe hũa vez já mais ſe nega.

17

E pois que ja Maria, tens chorados
Os peccados que tẽs contra mim feyto,
Por mim tambem te ſaõ jà perdoados,
Que o coração contrito não engeyto:
Com eſte choro os tẽs tanto apagados,
Que me tẽs ja de tudo ſatisfeyto,
Fazendo em tudo inteyra confiſſaõ,
Com que da culpa, & pena dou perdão.

18

Por mim da culpa,& pena es perdoada
De quanta ter por ella merecias,
Depois que só por ella ser priuada
Da gloria lá dos Ceos te conhecias:
Por mim,que tanto d'alma magoada
A perdoarte tudo me rendias,
Por mim,a quem dado he do summo Deos
O supremo poder na terra,& Ceos.

19

Por mim,que com meu Pay no Ceo sereno
Igualmente com elle reyno,& mando,
Por mim,que andando cá neste terreno
Contino nesses Ceos supremos ando:
Por mim,que as flores que há no bosque ameno
Com estrellas do Ceo vou augmentando,
Por mim,que quanto faço he aprouado
De meu celeste Pay te he perdoado.

20

Perdoado te he já quanto fizeste,
E quanto em teu conceyto imaginauas,
Com que tãto em teu dano me offendeste,
Quanto mais em peccar te deleytauas:
Perdoado te he tudo;pois soubeste
Buscar em mim perdão,que procurauas,
Com a fé do que dentro em mim ja crés,
Tanto outro do que em mim de fóra vés.

Em

21

Em mim vés cá de fóra Humanidade,
Com que dos homẽs mais me não estremo,
Em mim crés estar dentro a Diuindade,
Com que igual a meu Pay sou tão supremo:
Vendo me estar sogeyto á aduersidade
Conheces bem ser eu da gloria estremo,
Com esta viua fé tanto me rendes,
Que já da culpa,& pena te defendes.

22

Pelo que pódes ir na paz prezada
Lograr do que em mim sentes da doçura,
Viuirás muy contente,& consolada,
E de mais me offender sempre segura:
Que eu quãdo firmo em graça hũa alma errada,
De tal sorte tambem lhe dou ventura,
Que alem de ter em mim toda a bonança
De mais poder peccar perde a esperança.

23

Desta sorte o Senhor que bem sentia
A grande magoa,& dor da culpa fea,
Que dentro na sua alma padecia
Esta,que em si conhece a culpa alhea:
Louuores mil espalha de Maria,
Que de infamada ser nada recea,
Vendo espalhado ser pelo vniuerso
Seu Amor,que caber não póde em verso.

24

Louuor,por certo,grande,& merecido
De quem tanto em amar já ſe afinaua,
Que tinha o coração de amor ferido
Doutro,que em ſeu amor mais ſe abrazaua:
Amor que em ſeu Amor traz embebido
O coração,que Amor arrebataua,
Com tal louuor a louua,& apregoa
Dos penitentes ſer flor,& coroa.

25

Eu que enleuado em quanto alli lhe ouuia
Que o eſprito me tinha arrebatado,
Em deſejos de mais lhe ouuir ardia,
Que tanto diſſo eſtaua conſolado:
Com efficacia grande lhe pedia
Continuaſſe mais o começado,
O ſilencio comprido deſatando,
Taes couſas pelo ar aberto mando.

26

Ah Magdalena Sancta,& glorioſa
Que ſoubeſtes buſcar diuino Eſpoſo,
De voſſo doce Amor amada Eſpoſa,
De quem temos exemplo tão famoſo:
Não deſcanſeys Maria milagroſa,
Que eſtou de vos ouuir mais deſejoſo,
Porque ſempre ſerá muy deſejada
A couſa,que dos Ceos nos abre a entrada.

Não

27

Não vos afronte não contarme agora,
O que redunda mais em gloria vossa,
Isso, que nos contaes, a alma namora,
Ensinando a chorar a culpa nossa:
Ensinayme Maria, ay ditosa hora,
Como o peccado meu chorar eu possa:
E pois que guia soys de peccadores,
Daynos tambem lição d'esses amores.

28

Não forão tanto em vão ao ar lançadas
Minhas toscas palauras, que não dessem
Motiuo a prosseguir as começadas,
Que quando não se escreuem, logo esquecem:
Mas ella que das cousas já passadas
Traz viuas as lembranças, que entristecem
Desta arte prosseguindo o começado
Alegria me deu do mal passado.

29

Quantas cousas té agora ditas tenho,
E vos em vosso verso por escrito,
Com outras infinitas, que esse engenho
Declarar as não póde, que he finito:
Estaua eu naquella hora, a que me attenho,
Com lagrimas de dor, com dor de esprito,
Das culpas apagando o rol (dizia)
A Sancta peccadora de Maria.

30

Ay hora pera mim tanto ditoſa
(Dizia mais a Sancta Peccadora)
Hora de que eu fiquey tanto famoſa;
Como ſe o Ceo de mim vencido fora:
Hora da ſaluação tão duuidoſa
E tão certa ſem ſer merecedora,
Vede vos em que eſtado eſtaria
A triſte peccadora de Maria.

31

As couſas,que alli mais então falaua,
Dizer não poderey por mais que fale,
Que a grão dor,que me então tãto cortaua,
Me enſinaua a falar,que agora cale:
Taes erão os conceytos que cuydaua,
Que Amor me manda,que nunca os abale,
Que dizer ſenão póde com effeyto
O que imagina Amor no fundo peyto.

32

Amor ſutil d'Amor,ſutil de engenho,
Tão altas,& ſutis couſas dizia,
Que nem palauras eu agora tenho,
Com que dizer as poſſa,nem ſabia:
E poſto que eſte Amor mayor cá tenho,
Pedirlhas outra vez não me atreuia,
Porque já ter não poſſo dor tamanha
Como a que tiue então:porque era eſtranha.

Eſtra-

33

Eſtranho me ſeria,& mal contado
Contar o que não poſſo ſem tormento,
O que repugna ter neſte alto eſtado
Em que agora me vedes neſte aſſento:
Baſte o que dito tenho,que o cuydado
Cuydará cada hum no penſamento,
Que as couſas,que dizer não póde a lingoa,
Querelas declarar he grande mingoa.

34

E ſe meu penſamento imaginalas,
Eſtando ſem tal dor já não ſe atreue,
Como ſerá poſſiuel que eſſas falas
As dem a entender como ſe deue?
Aſſi pera eſcreuer,como contalas,
Breue o tempo ſeria,& tudo breue,
Que a lingoa,& pena não dirão com tento,
O que faz num inſtante o penſamento.

35

Pelo que ſer agora acho ſeguro
Deyxar,o que não póde ja contarſe
Com tanta perfeyção,& effeyto puro,
Pois cuſtará tão caro imaginarſe:
Agora o que dizeruos ſó procuro,
E folgarey cada hum diſto lembrarſe,
Que veja qual a dor foy naquella hora,
Que tal me cauſou ſer de peccadora.

36

Grão peccadora fuy (não volo nego)
Mas se como a peccar vos dey motiuo,
Quando meu apetite solto, & cego
Me leuaua a tormento duro, & esquiuo:
De lagrimas, cõmo eu, fizerdes pégo,
Em que laueys cõ dor a alma em que viuo,
Ia desde agora terdes vos seguro
Outro tão claro assento no Ceo puro.

37

Quem poderá dizer a grande alteza
Das cousas que lá vão no Ceo supremo,
Das quaes por mór que seja a redondeza,
Não verá do menor o fim extremo:
São de tão alto ser, tanta belleza
As cousas lá de cima, que inda temo
(Tendo já dellas tal conhecimento)
Não as conhecer bem meu pensamento.

38

E porque vejaes bem sua excellencia,
Das peças que me deu meu Pay prezadas,
Quando das culpas fiz a penitencia
Com lagrimas por ellas derramadas:
Em que tanto mostrou sua clemencia,
Quanto ser merecião castigadas
Volas quero contar de espaço agora,
Porque dentro as vejaes sendo taes fora.

D'hũa

39

D'hũa veste me ornou tão clara,& pura,
Que o mesmo claro Sol escurecia,
Com que podesse entrar logo segura
Entre esses Anjos lá em Monarchia:
Veste era de Innocencia,que me apura,
E differente faz do que soya,
Em que quanto,& em mim mais considéro,
Tanto mais vejo ser meu peyto fero.

40

Fero julgo que foy meu peyto duro,
Tambem julgo que foy minha alma fera,
E fero o coração meu,triste,escuro,
Pois eu tão triste ser não conhecera:
Que aquillo que he mais claro,que he mais puro
Que o mesmo claro Sol,escurecéra,
Com meu cego apetite,& vão desejo,
A quem cega eu seguia,& agora vejo.

41

C'hũa liure licença,& grão vontade
Meu desejo seguia triste,& cego,
Que tirandome toda a liberdade
De tormentos leuauame a hum pego:
A quem vendo meu Pay de piedade
Cheyo,sem merecer(não volo nego)
Me tirou do perigo em que viuia,
E desta,arrependida,me vestia.

42

A primeyra Innocencia, que perdida
Por minha culpa tinha, tão fermosa,
Nesta veste ma tem restituida,
Que he muy mais que a primeyra graciosa:
Com esta veste agora guarnecida
De nenhũs males já sou receosa,
Que quando a hũa alma Deos da culpa tira
Pera em graça viuer sempre lha inspira.

43

Desta graça diuina ja inspirada
A alma, a que for delle concedida,
Se guardar a souber será guardada,
Posto que nunca a tenha merecida:
De sorte será della alumiada
Que de males já mais seja empecida,
Que quando hũa alma Deos pera si guarda,
Nunca lhe falta o bem por mais que tarda.

44

Com esta pura veste, & refulgente
Me alimpou dos deffeytos já passados,
Pera que assi podesse ser contente,
Pois me erão já por elle perdoados:
E por ella tambem soubesse a gente,
Como não saõ ante elle mais lembrados,
Deffeytos, que a alma apaga com dor pura,
Que o coração contrito tudo apura.

45

E tanto mais ſerey della famoſa
Quanto pola perder mòr fama tiue,
Que tanto me acho ja mais glorioſa,
Quanto de me perder mais perto eſtiue:
Eſta gloria não he, não duuidoſa,
Pois nella auer não póde mal, que priue,
A quem della ſe vé veſtido já
Que não he gloria não, que o mundo dá.

46

Mundo peruerſo, & máo, cheo de enganos,
A quem ſempre enganada fuy ſeguindo,
Até que em fim por fim os grandes danos
Me forão ſeus enganos deſcobrindo:
Mundo, de quem fugir ſeus deſenganos
Bem moſtrão que de enganos ſe eſtá rindo,
Que póde hum Mundo dar, que he mentiroſo,
Senão com certo mal, bem duuidoſo?

47

Certo eſtá já do bem, do mal ſeguro,
Quem deſta veſte eſtranha for veſtido,
Veſte, com que veſtida mais apuro
Meu penſamento alegre, & meu ſentido:
Veſte, que cá no Ceo ſereno, & puro,
Veſte, a quem no mundo he nella embebido,
Deſta veſte por fim tanto excellente
Ornada de meu Pay fuy tão contente.

48

Hum anel mais me deu muy precioſo,
Que minha immunda mão ornando foſſe,
Anel que á eſpoſa dá ſeu lindo eſpoſo
Em ſinal do amor ſeu ſuaue,& doce:
Anel com que eu fuy preza,do amoroſo
Amor,de quem de mim tem toda a poſſe,
Anel com que em fim preza de vontade
Alma,& vida entreguey,com liberdade.

49

Mas nunca mais me vi liure,& ſenhora
Que quando delle fuy catiua,& preza,
Que então manda,então reyna, então melhora,
Quando hũa alma a ſeu Deos ſeruir ſe préza:
E bem ſe vẽ em mim,que daquella hora,
Em que de ſeu Amor fiquey acceza,
Mais liure,& mais ſenhora me ſenti,
Que quantos grandes Reys no mundo vi.

50

Que inda que d'eſte anel preſa eſtiueſſe,
Não perdia com tudo a liberdade,
De fazer por amor quanto quiſeſſe,
A quem ſe deue ſempre a lealdade:
Mas quis meu Pay que em obras me embebeſſe,
Que procedeſſem ſó de charidade,
Que aquellas obras ſós lhe ſaõ aceytas,
Que amor por ſeu Amor faz ſer perfeytas.

Eſtas

51

Eſtas obras quer mais que viſtas ſejão
Dos homẽs, a quem quer ver occupados
Em outras ſemelhantes, porque eſtejão
Certos da ſaluação, delle lembrados:
Mas não quer, nem aceyta as que deſejão
Os louuores dos homẽs ſublimados,
Que eſtas que tal louuor tem no ſentido
Seu premio tem no mundo merecido.

52

Em taes obras me quer ver occupada,
Porque ſe veja ſempre ſer louuado
O alto, & poderoſo Deos, que nada
Quer que ſem louuor fique, & ſem ſeu grado:
Comprindolhe a vontade muy preſada
A elle ſò buſcando deſejado,
Que alem de eternos premios dá encima,
Os bẽs de cá, de que faz pouca eſtima.

53

Aquelles bẽs eternos tão ſòmente
Dos homẽs quer que ſejão deſejados,
E na ſua alta viſta eternamente
Eſtejão lá no Ceo ſempre empregados:
Tão altos bẽs não podem dignamente
De nenhũs dos mortaes ſer alcançados,
Senão por obras taes, que amor perfeyto
Obriga a Deos a auer por tudo aceyto.

54

Ah quem dizer podéra bẽs tão altos?
Quem contar vos ſoubéra a eterna gloria?
Os ſentidos ſaõ niſto todos faltos,
Falta a lingoa tambem, falta a memoria:
Comparar ſe não podem taes aſſaltos
Com couſa cá do mundo tranſitoria,
Nem licito ſerá bẽs tão ſubidos
D'homẽs inda mortaes ſerem ouuidos.

55

Nunca auerá capaz entendimento
Criado, inda que ſeja muy ſublime,
Que poſſa nunca ter conhecimento,
Perfeyto, do que eſſe alto Deos imprime:
Nem auerá já mais contentamento
De couſa que no mundo mais ſe eſtime,
Que ſe poſſa igualar co mais pequeno,
Dos que Deos dá no Ceo alto, & ſereno.

56

Ouuida nunca foy de orelha humana
Com voz inda que d'Anjos celebrada,
A gloria, que eſſe Deos tem ſoberana,
Aos eſcolhidos ſeus aparelhada:
Se penetrar a quer muyto ſe engana,
Quem cuyda poder ſer delle alcançada,
Que aquillo que não póde imaginarſe
Menos, com perfeyção, póde explicarſe.

Os

57

Os olhos perdem luz,perdem clareza,
Seu officio de ver já lhe não ſerue,
Perde a força tambem a Natureza,
Todo o alto entendimento,aqui ſe perde:
Tudo deixa por bayxo a grande alteza
Da gloria deſſe Deos,que a ſi reſerue,
Entender eſſe bem,não entendido
D'outrem,que he bem ſer ſó delle ſabido.

58

Eſſe ſó ſummo bem,immenſo,& grande,
Eſſe bem ſoberano,& Deos potente;
Deos,que por mais que o tempo corra,& ande
Num eſtado eſtará ſempre eminente:
He Deos a quem compete ſó que mande
Quanto no mundo ouuer,que não conſente,
Menos hum tal poder tanto infinito
Quanto dizer,nem póde hum viuo eſprito.

59

Eſſe Deos que em grandeza,& fermoſura
He muyto mòr que quanto tem criado,
Neſſe alto Deos ſe enleua com doçura,
Quem for na ſua viſta arrebatado:
De que aquelle que tem menos fartura
Igual ſe ſente ao mais auentejado,
He Deos,que como a ſi ſó ſe comprende
Perfeytamente aſſi tambem ſe entende.

Pelo

60

Pelo que mais dizeruos já não poſſo,
Nem vós ouuir podeys tanta excellencia,
Quanta aos amados ſeus eſſe Deos noſſo,
Cada hora communica em ſua Eſſencia:
Chegar não póde não o engenho voſſo,
Por mais alto que ſeja de potencia,
A entender, de grão luz alumiado
O menos do que em ſi Deos tem cerrado.

61

E pois que declararuos não me atreuo
O menos que eſte Deos dá neſſa gloria
Tomay agora em pago do que deuo,
A tão alta grandeza eſta memoria:
Porque inda auſente cá nella me enleuo,
E della ouzo contar tão breue hiſtoria,
E por extenſo tudo vos contára,
Se o tempo, lingoa,& voz me não faltára.

62

Mas porque o tempo,& a lingoa me faltára
Pera vos declarar quanta grandeza,
A gloria dos Ceos tem ſerena,& clara,
Naſcida deſſe Deos de grande Alteza:
Me paſſo a vos contar,como me ornara
Meu Pay, Deos,& Senhor da Natureza,
Os Pés,com que antes tanto triſte errada,
Fiz,pera me perder,tão má jornada.

63

Da jornada que fiz, meu perdimento
Muy certo tinha já, se arrependida,
Não tiuera de mim conhecimento,
Que ter me causou ver me em triste vida:
Quãdo de mim sem mim perdendo o tento
O pus em meu Deos só toda embebida,
Tornando pera mim por meyo delle
Morrendo pera mim viui só nelle.

64

Morta já pera o bem: pera meu dano,
Que tão certo me estaua aparelhado,
Viuia, confiada em meu engano,
Que já me tinha bem desenganado:
Nem inda conhecera o desengano,
Senão fora meu Pay, que co cuydado
De me ver de mim só tão descuydada,
Me tornou pera mim toda mudada.

65

Tornoume pera mim, que tanto andaua
De mim fora, & de mim só tanto alhea,
Que não sentia o mal, que me esperaua,
Que toda a alma passar muyto arrecea:
De mim fora de mim já não curaua,
Nem curaua da pena, que refrea,
A quem tanto, como eu, solta viuia,
Pois que a Deos, nem inferno não temia.

FIM.

CANTO VI.

Da perfeyção em que viue a alma conuertida.

1

ETEVE Por hum pouco a fala em tanto
A Sancta, que já via ser forçado,
Os varões me contar, que poem espanto
De que exẽplo tomára sublimado:
Querendo antes que fora em largo Canto,
Ou historia elegante já contado,
Que a primeyra pessoa só fora ella
Que a virtude seguira linda, & bella.

2

Qualquer virtude em si tanto he fermosa,
E tanto pera ser muy cobiçada,
Que fica muyto triste, & pezarosa
Toda alma, que em obrala he descuydada:
Tanto toda a virtude he deleytosa,
E tanto a todos he bem assombrada,
Que quem a não obrou, logo se peja
Tendo ja a quem a fez muy sancta inueja.

Não

3

Não menos esta Sancta, que bem via
Quanto outra fora já do que deuera,
Em ver tanta beldade, parecia
Desejar de cobrar o que perdera:
Mas posto que na gloria não podia
Fazer o que na vida não fezera,
Mostraua que estaria mais contente
Se pola obrar já fora differente.

4

Mas differente estando de quem fora,
Vendo que tal belleza não seguira,
Não perdia a lembrança ainda agora,
De quanto auentajada se sentira:
Porque quem da virtude se namora,
Nunca mais o sentido della tira,
Que não se tira nunca da memoria
Quem causa estar no Ceo em tanta gloria.

5

As virtudes agora mais amaua,
De que, de antes, por mal seu, se apartára,
Obralas de contino desejaua;
Pera que a gloria mais se lhe dobrára:
O pranto que fezera não prezaua,
Pois a dor com a culpa não se iguára,
Que nunca se contenta a contrição,
Que da culpa alcançar quer seu perdão.

6

Nunca mais contrição foy tanto intensa
Que per si merecesse perdoada,
A graue culpa ser, sem dessa immensa
Bondade do Senhor ser ajudada:
Que auer não póde nunca recompensa:
Que seja com a tal culpa igualada,
Que a Deos, que he offendido, he infinito
Não paga homem mortal, porque he finito.

7

Quanto isto mais entende, & imagina,
Tanto com mor louuor na conta cae,
De quanto com mor furia desatina
De si nada lembrado fóra sae:
Aquelle, que de cego não atina,
Com tão clara verdade, & não desmae,
Vendo a pena a que vay a redea solta,
Se da vida, que leua, não faz volta.

8

Lembrada era da vida, que fezera,
E quanto sem temor nella viuia,
Quando por seu vão gosto se perdera,
Tanto que de si mesma não sabia:
Lembrada era de quanto se esquecera
De nunca se esquecer de quem deuia,
Que tanto a fez lembrar de quem já fora
Que Sancta a fez fazer de peccadora.

9

Muytas cousas trazia na lembrança,
Que antes tanto perdera do sentido,
Quando punha na terra a esperança,
Sem ver que nisso o Ceo tinha perdido:
Mas depois que de si fez a mudança,
Vendo que tinha a Deos tantò offendido,
Contino em seu descuydo grande cuyda
Que inda que em gloria está, não se descuida.

10

Antes por sempre estar tanto cuydosa,
Do que tanto viuera descuydada,
Suspensa agora a tem,& duuidosa,
Se contando o que quer será tachada:
Mas ella como quem he desejosa,
De ver toda a alma em Deos sempre abrazada,
De ser nisso tachada nada cura,
Porque o fruyto das almas só procura.

11

Procura cos exemplos de quem fora,
E dos varões illustres,que seguira,
Com que Sancta se fez de peccadora,
Por quem inda imitar sempre suspira:
Que nós fazendo o mesmo desde agora
Fujamos do tormento,em que se vira,
Não seguindo varões tão gloriosos,
Que por virtudes forão tão famosos.

12

Mas eu vendo que a Sancta se detinha,
E contar quem seguira se pejaua,
Não pude mais sofrer, se mais conuinha,
A detença do dem, que eu esperaua:
Ay Sancta d'alma (disse) muy azinha,
Me dará a pena o fim que eu receaua,
Se mais me dilataes hum só momento
Aquillo que ey de ter no pensamento.

13

Hum mal tem sempre o bem que he vagaroso,
Dobrado sendo o mal, porque he apressado,
Que o bem faz sempre estar hum receoso
Do mal, que póde estarlhe aparelhado:
Que nunca ouue ninguem tão venturoso,
Que podesse do mal ser libertado,
Nem póde não dizer que está seguro
Aquelle, que no Ceo não está puro.

14

A Sancta, que bem via meu desejo,
De mo comprir tambem ja desejosa,
A fala desatando neste ensejo,
D'aquella sancta boca, & graciosa:
Não vos temaes deuoto, que desejo
Seruos em cousa algũa ja penosa,
(Com ledo rosto, disse, & muy risonho)
Pois tudo em vossa mão contando ponho.

De exem-

15

De exemplos (disse) então muy gloriosos
Me deu meu Pay dos pés grande ornamento,
Que podesse seguir não receosos
De poder nelles ter pena, ou tormento:
Pera imitar me deu varões famosos,
Que alcançarão nos Ceos ter claro assento
Per obras, que fezerão, excellentes,
Com que gloria a Deos dão, exemplo ás gentes.

16

Visto tinha meu Pay já quanto errára
Naquella má jornada, que fezéra,
Quando delle, & de mim mais me apartára,
Não vendo, que sem elle me perdéra:
E já que em me tornar tanto acertára,
Quanto de me perder perto estiuéra,
Pera não me tornar mais a perder
Deu me o caminho bem a conhecer.

17

Guias me déu tambem a que seguisse,
Que sem mal, entre tantos, me leuassem,
A onde o meu desejo se comprisse;
E meus tão grandes males se acabassem:
A onde nunca mais pena sentisse,
A onde eternos gostos me alegrassem,
Onde escapasse em fim de mil tormentos,
E lograsse sem fim contentamentos.

18

Por exemplo me deu o que primeyro
(Per ordem natural nasceo segundo)
Offerecendo a si com o cordeyro,
Fez a Deos sacrificio muy jocundo:
A quem hum seu irmão, não verdadeyro,
Ao lago fez descer triste, & profundo,
Onde esteue esperando longos annos,
Por remedio do mal de tantos danos.

19

Enueja lhe cortou na tenra idade
O fruyto, que crescia de innocencia,
Enueja que sem dó, sem piedade,
Lhe deu morte cruel sem resistencia:
Não teue não com elle humanidade,
Nem menos se moueo a penitencia,
Oh mal mayor que toda a indinação,
Que até da vida tira a seu irmão!

20

Oo crudelissima fera! Oo mal sem cura!
Oo enueja, que a tantos desbaratas!
Enueja, diante quem não he segura
A vida do irmão, nem pay, que matas!
Oh quanto em vão trabalha, quem procura
Fugir dos laços teus, que nada acatas
Ao venerando pay, nem te perdoas,
Que em verte magoada te magoas!

Quão

21

Quão mal te merecia esse innocente
Primeiro, que por seu alto destino
Aceyto foy a Deos Omnipotente,
Com elle vsares tu tal desatino:
Mas quanto tu contra elle de insolente,
Tanto lhe esse alto Deos foy mais benigno,
E quando tu mais morto o desejauas,
Tirandolha por elle a vida dauas.

22

Oh virtude inefabil, teus louuores
Esse innocente diga, a que fizeste
Gozar de eterna gloria, com mayores
Dões, dos que erão os que tu cá lhe deste:
Dános a entender os teus primores,
Com que d'esse alto Deos te enriqueceste,
Porque vendo a miseria, a que descemos,
Por teu felice estado suspiremos.

23

E posto que alcançar aquelle estado
Ditoso de innocencia não podemos,
Com que viramos logo ser plantado,
Nosso esprito no Ceo, que em ti perdemos:
Seja por nós com tudo desejado,
Porque com seus desejos inflammemos
Nosso esprito d'amor de esse alto Deos,
Que certo nos fará gozar dos Ceos.

24

Assi mesmo me deu mais que seguisse
Em lealdade,& fé,& confiasse,
Aquelle,a quem mandou,que despedisse
De si o amor do filho,& lho matasse:
Altamente o prouou,porque sentisse
Quem as cousas do mundo cá abraçasse,
Quanto he mais acertado obedecer
A Deos,que pode, & nos quer sempre valer.

25

D'aquelle vnico filho,que lhe déra
Vir grande geração lhe prometia,
Pois contra o amor d'hum filho,que tiuéra,
A o mandado seuero obedecia:
Tal paga sabe dar,assi se esmera
Em dar o galardão a quem fazia
Por elle qualquer bem:que não consente
Ficar sem galardão obra excellente.

26

Quem de promessa tal não duuidara?
Quem morte de tal filho não sentira?
Quem de tal morte dar não se escusara?
Quem de promessa tal não desestira?
A quem dar morte a filho não custara?
Quem vida a tal filho antes não pedira?
Senão este,que em fé se abalizou,
Que vendo a Deos em Tres hum adorou.

Quem

27

Quem tanta fé tão firme n'alma tinha
Do fim de tal promessa não duuida,
Nem contra a morte esquiua faz mezinha,
Pera liurar do filho a amada vida:
Menos o fero golpe a mão detinha,
Vsando humanidade tão deuida,
Que se obedecer lhe manda, que o matasse,
A fé tambem lhe diz que confiasse.

28

Assi que obedecendo com fé pura
Achou della a desejo o comprimento,
Que quando obedecer a Deos procura,
Aceytalhe o Senhor da obra o intento:
Mas ah, que achou Isaac sendo figura
O Carneyro que o liura do tormento,
E vós, ay meu Senhor Deos, figurado
Quisestes ser de Amor morto immolado.

29

Compriose na figura a grão promessa
De proceder de Isaac gente infinita,
Mas muyto mais de vós meu Senhor que essa
Procederá de vossa mão bendita:
Que quanto mais em veruos se interessa,
Tanto a da Graça excede á Ley Escripta;
Que se elle só por fé foy pay da gente,
Vós soys d'amor, & fé, & graça eminente.

Aquelle

30

Aquelle, que fugindo a culpa fea
Da ſenhora, nas maos a capa deyxa,
Senhora, que da culpa ſe recea,
Por deſculparſe a ſi, delle ſe queyxa:
Aquelle, a quem o Ceo alto recrea,
E ſegredos deſcobre do que enfeyxa,
Aquelle em fim me manda mais que ſiga
De que ſua meſma gente he inimiga.

31

Eſte n'alta virtude ſe eſmeraua,
Que o meſmo Deos na terra tanto amou,
Que depois d'homem ſer, mais eſtimaua
Aquella caſta carne que tomou:
Caſta foy ſempre a Máy, que muyto amaua,
Caſto, & puro viuer ſempre prezou,
Mas ay, que ouſo falar em caſtidade,
Que eu tão pouco eſtimey já noutra idade.

32

Em minha mocidade tão laſciua
Paſſaua a vida em vãos contentamentos
Sem ver que a vida immunda era captiua
Com mundano prazer a mil tormentos:
Mas depois que me vi ſer morta em viua
Deytey logo de mim os penſamentos,
Em que era dantes tanto arrebatada
Quanto moſtra a vergonha já chorada.

33

Corrida de me ver em tal afronta
A que os goſtos ſem fruyto me trouxerão,
Quando de quem diuera não fiz conta,
E as virtudes tambem me aborrecerão:
Depois que vim cair quanto iſto monta,
Os deſejos de télas me crecerão,
Mas não cobrarey já a fama perdida
Por mais que diſto eſteja arrependida.

34

A fala na gargánta ſe me apega,
Amarella ſe torna a cor roſada,
O ar a aura vital tambem me nega,
De todo fico triſte,& deſmayada:
De lagrimas meu peyto eſta alma rega,
De dor a alma tambem he treſpaſſada,
Se he poſſiuel no Ceo ter ſentimento
Do mal que a vida fez tanto ſem tento.

35

Se eſtando neſta gloria ſoberana,
Eu podera ſentir a culpa fea,
Com quanto cometi,quando mundana,
Em que tanto eſſa vida ſe recrea:
A mayor dor,& pena,que mais dana,
Que humanidade ter mais arrecea,
Doce me fora então,fora me gloria,
Em reſpeito de ter della a memoria.

De

36

De mim corrida estou,& enuergonhada,
De quão pouco estimey sua belleza,
Oo virtude excellente,não louuada
Assaz,de quem souber tua grandeza!
Honra tu esses Ceos,onde es honrada,
Viua eu,pois te perdi,sempre em tristeza,
Se viuer póde triste nessa gloria,
Quem tanto te perder traz na memoria.

37

Podera eu com razão ser sempre triste,
Vendo que te perdi,ah culpa fea,
Não sey com tal lembrança como insiste
Esta alma em me animar,que não recea!
Se o soberano Deos,em quem consiste
A gloria desses Ceos,que tanto arrea;
Não permittira de eu tanto o gozar,
Que não fica já mais que desejar.

38

Que póde desejar quem nessa gloria
Tem em vòs empregado seu desejo?
Que mais lhe poderá vir á memoria
Senão alto Senhor vós nesse ensejo?
Se estando inda eu na vida transitoria,
Em vós enleuada tão sem pejo,
Que arrebatada toda nesses ares
Ouuia d'Anjos mil cem mil cantares.

39

Se viuendo,ainda eu,em carne humana,
Não podendo inda ver voſſa preſença,
Sentia hũa alegria ſoberana,
Que inflammada me tinha em gloria immenſa:
Que direy deſſa gloria,que lá mana,
D'eſſa viſta admirauel ſem detença,
Senão ſer quem vos vé tanto enleuado,
Que em vos ver ſenão ſente de inflãmado.

40

Não póde não perder todo o ſentido,
Quem em vós empregar ſeu penſamento,
Que então fica de ganho,quem perdido
De tudo,& ſó em vós tiuer o tento:
Senteſe então mór gloria,mór partido,
Entã o ſe ſente,& mór contentamento,
Quando hũa alma vos vé,pois neſſe enſejo,
Vé mais do que cuydou ver ſeu deſejo.

41

Não me eſpanta paſſar d'alma o deſejo
Voſſa viſta admirauel bella,& pura,
Em que embebida eſtar ſempre deſejo,
Se eſtar póde ſem vòs a criatura:
Mas ſó me eſpanta ver quanto ſem pejo
Parece deſprezar tal fermoſura,
Que a ſi todo o ſentido eſtá leuando,
E troca o ſummo bem por mal infando.

42

Isto sinto inda cá, isto magoa
Minha alma (se ainda pode magoarme)
A lembrança que tenho não perdoa
A culpa, que não póde desculparme:
Pois disto que he cá ter no Ceo coroa,
Parece, que ainda posso enuergonharme,
E sentir, (se ser póde inda na gloria)
De offendido tal Deos ter na memoria.

43

A dor, & sentimento que tiuera
Aquelle, que em peccar tanto imitara,
Quando da fea culpa que fezera,
Tanto em pedir perdão se abalizara:
Da minha que sem pejo cometera,
Que tanto, em quanto cega me foy cara,
Arrependida, já perdão pedisse,
E nos castigos seus meus males visse.

44

Seu coraçcão contrito, & magoado
Da dor que dentro n'alma ter mostraua,
Do meu triste tambem fosse imitado,
Pois já culpada ser me confessaua:
Que sempre o coração de dor cortado
Diante esse alto Deos bem se aceytaua,
Que em fim polo offender tal dor tiuesse
Que perdão ter da culpa merecesse.

Fez

45

Fez eſte exemplo em mim tão grande abalo
Co ſentimento mais que d'alma tinha,
Que hum goſto ſinto nella de contalo,
Vendo que a tão grão chaga foy mezinha:
Nem quero não louuor diſto que falo,
Porque então deſte bem já a merce tinha,
Mas certo que foy tal a contrição,
Que a dor tinha desfeyto o coração.

46

Teſtemunhas me ſaõ diſto que digo,
Não digo as agoas não, que então choraua,
Nem ardentes ſuſpiros, que conſigo
Trazia a viua dor, que me cortaua:
Mas as doces palauras, que comigo
Teue Deos, que d'amante me louuaua,
Dizendo terme muyto perdoado,
Pois tanto amor tal dor tinha moſtrado.

47

Eſtes, & outros mais que aqui não conto,
Que em todas as virtudes ſe eſmerarão,
Sabendo aos vicios dar hum tal deſconto,
Que nunca vicios mais nelles morarão;
Me mandaua meu Pay que tanto a ponto
Seguiſſe nos caminhos, que trilharão,
Que nunca delles mais foſſe apartada,
Pois queria nos Ceos lá ter morada.

48

Sobre todos os mais me pos diante,
Seu modo de viuer, ſua brandura,
Que ſendo em o ſeguir ſempre conſtante
Podia em toda a parte eſtar ſegura:
Não temeria então da inconſtante
Fortuna a mobil roda, & ſorte dura,
Se eu nas virtudes tanto me animaſſe,
Que toda em ſeu amor ſó me abrazaſſe.

49

Se eu toda em ſeu Amor tanto abrazada
Perdeſſe já de mim todo o ſentido
Teria, em ſeu Amor ſendo enleuada,
De quantos nunca amarão mór partido:
Muyto mais me veria ſer amada
Delle, que antes de Amor meu foy ferido,
Que em Deos amar ninguem foy tão ligeyro,
Que delle amado não foſſe primeyro.

50

A mim, que me ſeguira, já deyxaſſe,
A mim, que me enganara, já não creſſe,
A mim, que me prezara, deſprezaſſe,
A mim, que já me amara, aborreceſſe:
De mim, de quem goſtara, deſgoſtaſſe,
A mim, que tanto honrara, me empeceſſe,
De mim, com elle vnida me partiſſe,
Leuandome apos mim ſó o ſeguiſſe.

51

Deſtes exemplos já muyto animada
Paſſey toda a mais vida muy contente,
Em ſeu louuor contino era occupada,
Por cometer taes culpas deſcontente:
Nem me fez a certeza deſcuydada,
De perdoada ſer, mas penitente,
Que poſto que o perdão tiueſſe o ſello,
Não tira a obrigação d'agradecelo.

52

Da gente, que já tanto me empecera
Fugi, por alta ſorte, a companhia,
Depois que de meu Pay viſta perdera,
Que alegre ja viuer ſó me fazia:
Do qual, quando preſente, eſmorecera,
Se imaginara auſente verme hum dia,
Que quãdo hũa alma a Deos vé de verdade
Auſente a mata delle a ſaudade.

53

Ia morta pera o mundo tinha a vida
Que viuia, em meu Pay ſó conſolada,
De ſeu Amor me andaua a alma ferida,
Em ſeu Amor acceza, & enleuada:
Tanto era em ſeu Amor a alma embebida,
Que a carne tambem via aleuantada
No ar grão multidão d'Anjos cantando
Que a meu celeſte Pay hião louuando.

54

Olhos já pera ver mundo não tinha,
Pois vira aquelle bem que mos leuara,
A ver aquella gloria tanto azinha,
Quanto antes disto ver, nunca cuydara:
Nem olhos que tal bem virão conuinha,
Vissem mais outra cousa ao mundo chara,
Por mais que nelle já seja excellente,
Que quem Deos vé hũa vez, não vé mais gente.

55

E porque este alto bem ao mundo dado
Por elle todo fosse conhecido,
Foy por vezes tambem por mim prégado,
Quanto já delle tinha recebido;
Buscar pera isso vinha o pouoado
Onde ensinasse os homẽs, pór sentido
Em Deos, que a todos quer, cuja clemencia
Me tinha bem mostrada a experiencia.

56

Quem tanta experiencia como eu tinha
Em ser de tantas culpas perdoada,
Prégar largo perdão bem lhe conuinha,
Sem poder disso ser d'alguem tachada:
Obrou mais o Senhor que a lingoa minha,
Que a palaura de Deos pronunciada,
Por quem, seja quem for, tem tal virtude,
Que aceyta a todo o enfermo dá saude.

Nem

57

Nem por a prégação ſer por mim feyta,
Deyxou de ſer por muytos recebida,
Porque eſſe alto Senhor, que não engeyta
O coração, que em tudo muda a vida:
Deulhe tanta virtude, & tão perfeyta,
Que ſua ley fazia ſer comprida,
De todos: porque vião meu deſejo
Ser almas, darſe a Deos, como deſejo.

58

Deſejo todos ſer com Deos vnidos,
Deſejo todos ſer com Deos liados,
Deſejo em ſeu Amor todos feridos,
Deſejo em ſeu Amor todos tocados:
Deſejo meus deſejos ver compridos,
Deſejo todos ver no Ceo fechados,
Deſejo em fim que o Amor de meu Senhor
Eſtime quanto deue o peccador.

FIM.

CANTO VII.

Da gloria que alcança a alma conuertida.

1

OSTROV, Como quem tinha saudade
A Sancta estar aqui muy saudosa,
Silencio hum pouco tendo, & grauidade
A pratica suspende tão gostosa:
E mostrandome estranha charidade
Com que minha alma tinha tão mimosa,
Como della, & em tal tempo se pede
Desta sorte de mim já se despede.

2

De vós, a quem contey tão larga historia,
Conuem já que me parta, que apartada
Das mais Sanctas estou, se esta tal gloria
De mim se apartar póde desejada:
Pois determe não posso, na memoria
Vos peço que tragaes quão namorada
Estou daquelle Deos, que padeceo
Tanto, por nos leuar da terra ao Ceo.

3

Inda que nelle eſtou toda embebida,
Diante elle terey de vós lembrança,
Em o ſeruir gaſtay cá toda a vida,
E tereys certa a bemauenturança:
E poſto que eſta minha deſpedida
Vos pareça que cauſa em mim mudança,
Contino vos trarey no penſamento,
Pois de mim vos dey tal conhecimento.

4

Aquelle Deos,que deu a paz prezada,
Aquelle Deos,que Amor tanto eſtimou,
Aquelle Deos,em quem ando enleuada,
More ſempre em voſſa alma,que eu me vou:
Em Amor deſſe Deos fique abrazada
Eſſa alma,como a minha ſe abrazou,
Porque viuendo cá nelle contente
Nos vejamos na gloria eternamente.

5

Deſta ſorte pintaua a fanteſia
Que via eu eſta Sancta,& me deyxaua,
Minha alma em ſua auſencia eſmorecia
Da grande ſaudade que lhe daua:
Vendo eu ſer mais que ſonho iſto que via,
Pois tanto ao natural repreſentaua,
Quem de ſi me deyxaua em ſaudades,
Sancta d'eſta alma(diſſe)não vos vades.

6

Ah não vos vades não d'esta alma minha,
Que de ser vossa mais tanto se preza,
Senão vos desprezaes desta mezquinha
Alma, em vós de seu mal ter a defeza:
Não vos vades; senão vereys azinha
Como, por vós, até vida despreza,
Querendo antes mil mortes mais sofrer,
Que viuer hum momento sem vos ver.

7

Que vida póde ter sem vós contente?
Ou que morte por vós serlhe pezada?
Que vida póde ter de vós ausente,
Pois tanto em vossa vista anda enleuada?
Vida não lhe será, não differente
Da morte, pois estaes della apartada,
Que a quem tanto vos ama de verdade
De vossa ausencia o mata a saudade.

8

Se por assi cantar, soys mal seruida,
Vossa alta Conuersaõ, lagrimas bellas,
Que vos derão perdão, & eterna vida
Na gloria, que alcançastes ja por ellas:
Recebey a vontade offerecida,
Não vos lembrem agrauos, nem querellas,
Que mór culpa será de quem se atreue
A nada vos pagar de quanto deue.

Tanta

9

Tanta grandeza em ſi tem encerrada
Deſte dia o myſterio glorioſo,
Que por ſi merecia ſer cantada
C'hum eſtillo do Ceo alto,& famoſo:
Não póde vea tal ſer alcançada,
Nunca de engenho humano,deſejoſo
De ſó cantar de vós couſa tão alta,
Que pera tal cantar o engenho falta.

10

E pois que neſſa gloria ſoberana
Toda enleuada eſtaes,toda embebida
Em voſſo amado Amor,que gloria mana,
Sem nada vos lembrar cá deſta vida:
Saudoſa eſta alma lá vos lembre humana,
Que tal ſe vé ſem vós neſta partida,
Que alhea ja de ſi do que em vós vé,
Ficando em mim, em vós ſe vay por fé.

11

Não ſómente por fé vos vay ſeguindo,
Mas já por vos ſeguir cá ſó me deixa,
Por vos eſtar com rogos impedindo
De vós a vós fazendo minha queyxa:
Ella de mim a vós toda fugindo,
Por me eu de vós queyxar de mim ſe queixa
Que goſto moſtra mór de eſtar comvoſco,
Que de animar meu corpo rude,& toſco.

12

Se por fugir de mim poſſo queyxarme
Por ſó ſe vnir a vós lhe tenho enueja,
Por tambem ſe empregar ſofro deyxarme,
Com tanto que com voſco ſempre eſteja:
Que então verey de vós nunca apartarme,
A quem minha alma ver ſempre deſeja,
Vendo que eſtaes gozando todo o bem,
A quem nunca entender pode ninguem.

13

Se tanto de ir com voſco ja ſe préza,
Como tambem não leua meu ſentido?
Não viuera eu ſem vós neſta triſteza,
Nem ficara ſem ella eſmorecido:
Mas julgo já que tem por mór empreza
De voſſa auſencia eſtar eu tão ſentido,
Que tanto mais ſe eſtima o apartamento,
Quanto delle ſe tem mór ſentimento.

14

Mas ſinta eu morto já (pois lhe contenta)
O graue dano cá de voſſa auſencia,
Que não menos que a morte me atormẽta,
Fazer de tanto dano experiencia:
Se a alma,& vida com versos ſe ſuſtenta
Contra os golpes da morte em competencia,
Não lhe negueys, vos peço,a viſta voſſa,
Porque alma,& vida eu ter cá alegre poſſa.

15

Se verme Sancta, em fim não leuaes gosto
Não me vejaes a mim, deyxayme veruos,
Alegre verey sempre esse aluo rosto,
E seguro estarey de não perderuos:
Verey o meu bem todo em vós ser posto,
Verey a doce gloria de quereruos,
Verey a pena em gloria em fim trocarse,
Mas nunca esta alma mais de vós mudarse.

16

Se alcançastes aos pés serdes ouuida,
De quem de coração vos perdoaua,
Que não sofreys agora ser mouida
De quem com tantos ays por vós bradaua:
Ouui verme eys por vós perder a vida,
Que antes por vos seruir muyto estimaua,
Que amantes nunca tanto desprezastes,
Como depois que a Christo os Pés lauastes.

17

Esse Amor do Senhor não no consente
Que alguem por elle seja desprezado,
Que o Senhor todos ama inteyramente,
Como igualmente a todos tem criado:
E pois vos aceytou benignamente,
Alem de vos ter tudo perdoado,
Como agora fazeys tal recompensa
Fazendo d'hũs a outros differença.

18

Mas ella em cujo peyto amor ardia
Da bella companhia, que deyxara,
A cuja vista estar dalli se via,
De quem ja tanto auia se apartara:
Não responde a meus brados que sabião
Sair d'hum coração, que tanto amara,
Porque de amantes sempre a despedida,
Se accende mais o amor, mais tira a vida.

19

Qual o rayo do Ceo num só momento
Dos ares desce á terra luminoso,
Onde com repentino mouimento
Ao animo veril inda he espantoso:
Tal esta, como vago pensamento,
Hum voo de mim deu tão milagroso,
Que no ponto de mim que se apartaua,
No mesmo ponto vi que ao Ceo chegaua.

20

Della amorosas queyxas lhe fazia,
Quando os olhos alçando neste ensejo,
De donzellas fermosas vi que via
Tão grande multidão, qual meu desejo:
Oo que gloria, & prazer, ó que alegria
Em as ver, & a vendo entre ellas vejo!
Oo que hymnos tão suaues vão cantando,
Com que apos si tambem me vão leuando!

Fazião

21.

Fazião tanto eſtranha melodia
Cos cantos, que entre ſi todas cantauão,
Que já na gloria eſtar me parecia,
Que tanto me apos ſi tambem leuauão:
Na letra, que por alta não entendia,
Louuores parecia, que a Deos dauão,
Não os que dar ſó póde homem terreno,
Mas quaes Anjos lhe daõ no Ceo ſereno.

22

Palauras erão todas differentes,
Das que humanos ouuir podem ouuidos,
De ſuauidade, & ſom tanto excellentes,
Que nellas ſe perdião os ſentidos:
Tão contente eſtaua eu de as ver contẽtes,
Que não ſentia os meus de mim partidos,
De mim: que com as ver me parecia
No meſmo goſto eſtar em que já as via.

23

A grande fermoſura, a grão belleza,
Que cada qual de ſi ſempre lançaua,
Não há cá neſta noſſa redondeza,
Couſa, que explicar poſſa, nem ſe achaua:
Mòr era que a do Sol ſua clareza,
Que o vago penſamento mais voaua,
E ſe paſſar os Ceos duros ſe via
Cada qual niſſo pena não ſentia.

Nunca

24

Nunca já mais nasceo tão desejada
Depois da noyte escura a Aurora bella,
Ou donzella se vio ser tão rosada,
Quando os olhos de todos se põe nella:
Como quando Maria ja abraçada
De todas, todas querem parecela,
Que rodeada assi de tanta rosa,
Cada qual parecia a mais fermosa.

25

Tanto que assi as vi, tanta alegria
Sentio com sua vista esta alma minha,
Que saudade ter já não sentia,
De quantas me causaua quem ma tinha:
Fora esta fermosura, que então via
De tantas saudades grão mezinha,
Se desta vida o grão contentamento
Não durasse inda menos que hum momento.

26

Ficou todo o lugar, porque passauão
Tão cheyroso, & com tal suauidade,
Que meus queixumes ja me não lembrauão,
Que sua ausencia me daua, & saudade:
Os sentidos alli se arrebatauão,
Vendo a terra do Ceo tal calidade:
Que a sombra delle só faz cousas dignas,
Por muy bayxas que sejão, ser diuinas.

Minha

27

Minha alma,& coração de meu não tinha,
Que em as vendo apos ſi tinhão leuado,
Grande goſto me derão ſe tão azinha
Não fora,eſtando eu fora,o Ceo fechado:
Aſſi que onde cuydey de achar mezinha,
Fiquey,indo apos ellas,magoado
Com nouas ſaudades,que chorarão
Meus olhos,que as vendo tanto amarão.

28

Lográy Eſpiritos puros,que ſoubeſtes
Merecer cá na terra eſſe apoſento,
Gozay deſſe alto Deos,em que poſeſtes
Em eſta vida amor,& penſamento:
Lograyuos deſſe Deos,que mereceſtes
Em preſença lá ver neſſe alto aſſento,
Que bem ſey que ſereys tanto lembradas
Ante elle,quanto ſoys de mim amadas.

29

Ide na amada paz,ide fermoſas
Lograr eſſa alegria deſejada,
Em companhia d'outras tão ditoſas
Almas,que já lá eſtão neſſa morada:
Fiquem as noſſas cá tão ſaudoſas
De vos ver,& gozar,como a paſſada
Viſta voſſa me deu contentamento,
Que grande prazer hé neſſe alto aſſento.

30

De vos ver,& gozar ſempre teremos
Cá neſta vida,eterna ſaudade,
Triſtes viuemos cá,triſtes ſeremos
Até nos vermos neſſa eternidade:
Logray vós eſſe Deos,por quem podemos
Gozar tambem da immenſa claridade,
Com que viuendo em graça a elle amando,
Sem fim viuamos lá,nelle acabando.

31

Deſta arte lhes falando,em mim tornado
Suſpenſo hum pouco eſtiue duuidando,
Se quanto eſcripto tinha era ſonhado
Ou mo eſtaua o deſejo afigurando:
Sonho(diſſe) não hé,porque acordado
Me eſtauão meus ſentidos debuxando
Da gloria de Deos tal contentamento,
Qual nunca dizer póde entendimento.

32

No qual,como de mim fora embebido,
Co goſto,que ſentia me accendendo
N'alta contemplação pondo o ſentido,
Fuy quanto alcancey nella aqui eſcreuendo:
Muytas couſas deyxey,em que metido,
Iria ſeu louuor muyto abatendo,
Pois nellas não faz nada humano gabo,
Que em Deos tudo he ſem fim,no mais ha cabo.

Bem

33

Bem póde,& poderá tudo acabarſe
Quanto no mundo ouuer,que ponha eſpanto,
Mas não poderá nunca aſſaz louuarſe
A gloria lá dos Ceos em proſa,ou canto:
Que não póde tal bem per ſi alcançarſe
De noſſa humanidade: porque em quanto
Ouuer Deos,que he ſem fim em terra, & Ceos,
Mana gloria ſem fim do meſmo Deos.

34

Se entenderſe não póde a natureza
Das plantas,pedras,eruas,dos mortaes,
A virtude,a peçonha,& fortaleza,
Que Deos nos fruytos pos,nos animaes:
Que engenho poderá,que ſutileza
As couſas penetrar celeſtiaes?
Que com razão de nós ſaõ apartadas,
Porque ſejão de nós mais deſejadas.

35

Aquillo de nós he mais deſejado
De que tendo qualquer conhecimento,
De grandeza por nós ſempre he julgado,
Quando nelle ſe emprega o penſamento:
Mas não he aſſi depois que he alcançado,
Do agudo,& ſutil entendimento:
Mas iſto ſomente he na criatura,
Que de Deos faz mòr fome a grão fartura.

36

Por isso este meu verso rude, & tosco
Se vay sem tomar pé, tanto estendendo,
Desejoso, meu Deos, de estar com vosco,
Porque esteja de vós mais entendendo:
Que quanto mais de vós partis com nosco,
Tanto nos está mayor sede accendendo,
Que quem, estãdo em gloria, muy contente
Entende mais de vós, mór sede sente.

37

Mas não dá pena não, mas dá alegria
A sede que em vós tem a alma ditosa,
Que ter muyto de vós não enfastia,
Mas causalhe hũa sede deleytosa:
Que quanto em vós mais vé, mais se ascendia
No vosso puro amor, muy desejosa
De em vossa vista estar tanto occupada,
Que não se veja a si, nem sinta nada.

38

Pois pera que este verso tanto indigno,
Não possa roer nunca a triste enueja,
Esse vosso espiritu day diuino
Pera que da alma deuota lido seja:
Então nelle verá (se nisto atino)
O que ver lá no Ceo a alma deseja,
A Deos, ficando Deos, ser humanado,
Nascido, viuo, morto, & suscitado.

Verá

39

Verá como por ella deſſa altura
Deſceo o Filho ſó do Padre Eterno,
Fazerſe ſemelhante á criatura,
Mouido do Amor ſeu ſómente interno;
Pera a fazer, que o Sol, mais bella, & pura
Eſtando condenada a triſte inferno,
Sem ter della ja mais neceſſidade,
Mas ſómente por ſua grão bondade.

40

Verá na hiſtoria aqui, que ſe apreſenta,
Cada hum dos mortaes ſer figurado,
Com tanta ingratidão, quanta acreſcenta
A malicia de ſeu graue peccado:
Cada qual ſe vera, ſe bem ſe attenta,
Em quanto peccador ſer retratado,
Naquella muy famoſa peccadora,
Que inda aos pés do Senhor, ſe póde, chora.

41

O fim não póde dar a morte eſquiua
A tão ditoſas já lagrimas bellas,
Que a Magdalena deu em quanto viua,
Deſque ſua culpa vio ſer cauſa dellas:
Depois que ſe ſentio toda captiua,
Liurarſe determina já por ellas,
Que pera Deos não ha mais juſta paga,
Que lagrimas, & dor, que a culpa apaga.

42

Pòde a morte acabar a triſte vida,
Se póde a Sanctos ſer vida penoſa,
Mas não póde com ella ver comprida,
De chorar a vontade deſejoſa:
Por iſſo, inda que éſtá toda embebida
Na gloria de ſeu Deos tão deleytoſa,
Não fora neſta vida ſatisfeyta
Sem ſe em lagrimas ver toda desfeyta.

43

Se a Sanctos póde dar a morte pena,
Ou d'algum modo em fim ſerlhe pezada,
Não he ſenão,porque ſua ſorte ordena,
Da culpa nella a dór ſer lhe acabada:
Que quem conhece a culpa,ſe condena
A pena eterna,que vé ſer mudada
Em ontra,temporal diuinamente
Que acabarſe tão preſto em parte ſente.

44

Sente em parte acabarſe,o que apagando
Lhe foy ſeu grão tormento tão contino,
Vendo que com tal paga eſtá gozando
Deſſa alta Mageſtade,& ſer diuino:
Pois nunca imaginou foſſe alcançando
Da pena tanta gloria ſeu deſtino,
E que ſentir ſeu erro tanto monte
Que eterna em temporal pena deſconte.

45

Maria aſſi tambem ja gloriosa,
Sem poder ja chorar, chorar deſeja,
Que pois lhe a culpa foy tanto goſtosa,
So toda a dor quer que ſua ſeja:
Por iſſo cá pintarſe inda chorosa,
Pois lá não póde ſer, muyto feſteja,
Porque vejamos nós, quanto obrigados
Eſtamos a chorar noſſos peccados.

46

O nobre verá aqui ſua nobreza
Co mais pequeno já ſerlhe igualada,
Nem cuyde o que eſtá poſto em grande alteza,
Que pera mais peccar lhe foy ſó dada:
Que menos monta a Deos eſſa grandeza,
Que os homẽs querem cá tanto acatada,
Do que eſtima eſſe Deos hum bicho pobre,
Que ſó virtude a Deos faz homem nobre.

47

Vigie cada qual ſua ventura,
E pode della eſtar ſempre ſuſpenſo,
Que em quanto viue cá não he ſegura,
Se ſegura não he de Deos immenſo:
Em quanto lhe eſta triſte vida dura,
Com trabalho acquirir cá pode intenſo,
A gloria com da culpa entriſtecerſe,
E com Maria della arrependerſe.

48

O grande tem aqui,tem o pequeno
Cada qual que imitar na alma rendida,
Cujos feytos com isto não condeno,
Que não sou não juyz da alhea vida:
Procure cada qual ao Ceo sereno
Per qualquer modo ver a alma subida,
Que como muytos há na gloria assentos
Per mil modos se tem seus aposentos.

49

Deunos nosso alto Deos o grão retrato
Desta tanto famosa peccadora,
Que tanto que sentio bem seu máo trato,
Mudouse toda noutra de quem fora:
Chorando a culpa fea,tem barato,
Liure da pena,o Ceo,em que já mora,
Porque nós que na culpa a imitamos,
Na dor que della teue assi sigamos.

50

Se tanto nos agrada o torpe gosto,
Com que estamos a Deos tanto offendendo,
Que parece que nelle temos posto
A gloria,que por elle himos perdendo:
Que vão os passatempos em desgosto,
Alegrias em dores conuertendo,
Como esta Sancta fez:& desta arte
Com ella escolheremos melhor parte.

51

Melhor parte eſcolheo do que deyxára
Quando os goſtos em lagrimas mudando,
Polas culpas,que fez tanto chorára,
Que por iſſo lhas Deos foy perdoando:
Melhor parte eſcolheo,por quanto amára
A Deos tanto,que Deos a foy louuando,
Quando alcançou de Deos perdão da culpa
Que a dor,& amor,que a Deos teue, a deſculpa.

52

Não que deſculpa tenha em ſeu peccado
Quem tanto em cometelo ſe deleyta,
Que hum não pode ſer nunca deſculpado,
Da culpa,quando o vicio não engeyta:
Mas deſculpada foy,quando aceytado
Lhe foy de Deos o amor,que tudo aceyta,
Feyto por ſeu Amor:& mais perdoa
Quanto contra elle fez, que a alma magoa.

53

Donde ſe vé muy claro a grão bondade
De noſſo grande Deos,que inda offendido
Nunca deyxa de vſar de piedade
Com quem de coração vé conuertido:
Nem ſe faça ninguem,por charidade,
Por ſeus grandes peccados ſer perdido,
Se delles contrição tem com diſcordia,
Que a Deos he proprio vſar miſericordia.

54

De perdoarnos Deos tanto ſe preza,
Que então nos moſtra mais ſua potencia,
Quando deſmaya mais noſſa fraqueza,
Conhecendo de nós noſſa impotencia:
Vſa comnoſco então de ſua alteza,
Manifeſtando mais ſua clemencia,
Quando nós por ſua ordem já diſpoſtos
Capazes nos faz ſer de eternos goſtos.

55

Que inda que conta faz da culpa fea,
E da pena por ella merecida,
Que a alma padecer ſempre não recea,
Sómente em ſeu vão goſto de embebida;
Mais faz da contrição, que tanto enfrea
Eſſa alma, que vé toda arrependida,
Por não ſe doer ja da ſua pena,
Mas d'hum Deos offender, que tudo ordena.

56

Ordena tudo Deos pera bem noſſo,
Inda que nos pareça deſamarnos,
Caſtigos cá nos dá (ſe dizer poſſo)
Por com elles de móres libertarnos:
Que não ſofre, meu Deos, eſſe Amor voſſo
Ver a voſſa juſtiça caſtigarnos,
Mas porque os males cá por vós ſoframos,
E gloria por juſtiça vos peçamos.

57

Ah quem, meu alto Deos, ſoubera tanto,
Que podera louuar voſſa bondade,
Que proſa tanto eſtranha, que alto canto
Entoara! & com qual ſuauidade!
Se as obras corporaes nos põe eſpanto,
Que farão as que tem mór calidade!
Como ſaõ: não ſómente nos amardes,
Mas das culpas perdão, & gloria dardes!

58

Muyto he, mas pera nós, que a vós he nada,
Quanto por noſſo Amor nos tendes feyto,
Pois com hum ſuſpiro ſó d'hũa alma errada
A meteys toda dentro em voſſo peyto:
Grande he, mas pera vós, a alma abrazada
Em voſſo puro Amor, por que de feyto,
Não ſómente lhe as culpas perdoaes,
Mas bẽs eternos lá no Ceo lhe daes.

59

Quem logo louuará voſſa grandeza?
Quem dizer poderá voſſos louuores?
Que palauras dirão a grande alteza,
Em que pondes contritos peccadores?
Inda pera iſto he falta a natureza
Dos Anjos, não quaes quer, mas dos mayores,
Que em voſſo Amor eſtão tanto inflammados,
Que de ſi ſenão lembrão de enleuados.

60

Quem vio já a gloria mais,que não ſe eſpante
Com que ornaes a hũa alma peccadora!
Depois de conuertida num inſtante,
Tão differente já do que antes fora!
Pois inda os Seraphins,que lá diante
De voſſa viſta eſtão,nem inda agora
Dizer deſta alegria,quanto deuem,
Sendo couſa tão digna não ſe atreuem.

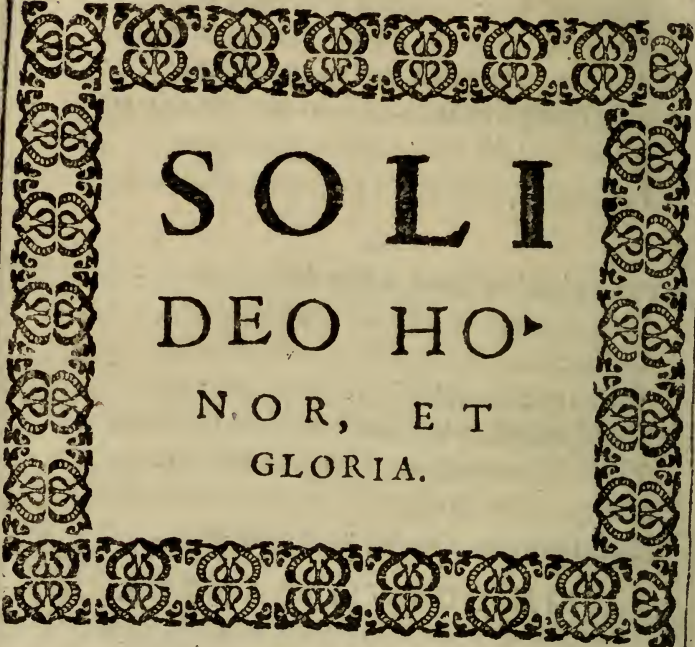
61

Bem ficarey pois logo deſculpado
Se tantos bẽs tão mal forem cantados,
De meu tão rude engenho,que enleuado
Sempre anda neſtes bẽs tão deſejados:
Enleuoume o deſejo,com que ouſado
Tal feyto acometi;mas ós ouſados
Fauorece a fortuna não couarde,
Que em peyto d'alto amor ardendo arde.

62

Não mais Lyra,não mais,que a voz me cança,
E deſcompõeſe a rude melodia,
Que inda que doce fora,bem alcança
Não poder cantar nunca o que deuia:
Se a troco de teu Canto,confiança
D'amor do Ceo lhe deu tanta ouſadia,
Agora que ſeu erro vé,conhece
Quanto pera cantar bem lhe falece.

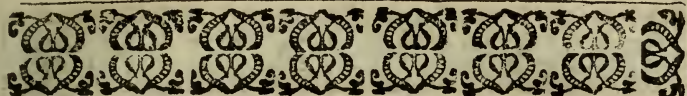
Can-

65

Cançame a fraça voz de todo rouca,
Cançãome as forças já,cançame o peyto,
Não que materia tanta ſeja pouca,
E falte que cantar a meu conceyto:
Antes tão fertil he que tudo apouca,
Pois campo mór me dá,do que lhe aceyto,
E cantar della não poſſo o que ſento,
Por mais que lingoas tenha cento,& cento.

64

A vos,pois,alto Deos, a que offendido
Tão grauemente tenho,perdão peço,
Ouui,cos deſta Sancta,o meu gemido,
Poſto que ouuido ſer não vos mereço:
Ouui,que ſem me ouuirdes,vou perdido,
Neſte Canto me ouui quanto offereço,
Porque eſtando meus erros cá chorando,
Eternamente em vós viua acabando.

FIM DOS VII. CANTOS.

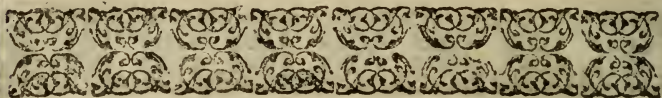
SOLI
DEO HO-
NOR, ET
GLORIA.

PRIMEIRA PARTE

DOS SONETOS, E OBRAS Espirituaes.

AO ESPIRITV SANCTO.

SONETO PRIMEIRO.

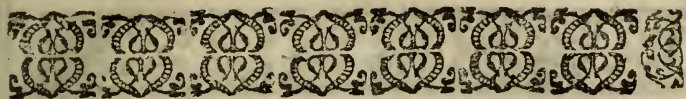
LTO Espiritu, que com rayos claros
Estaes vossos fieis allumiando,
Em vós, com vosco mesmo os abrazando,
Fazey não ser de si por vós auaros.
Fazey os por vós ser ao mundo raros
Com vosco ao Summo Deos manifestando,
Aos infieis de vós hi graça dando,
Com que por vós se vejão tambem charos.
Fazey que c'hũa fé muy firme,& pura
Se adore,& crea em toda a redondeza,
O que entender não póde humanidade:
Porque depois ver possa a fermosura
Das Sanctas Tres Pessoas em Grandeza
Iguaes,que todas saõ hũa Vnidade.

A Chri-

A CHRISTO

NOSSO SENHOR ENCO-
mendandolhe minha
alma.

SONETO 2.

A S Voſſas mãos Senhor o atribu-
lado
De meu canſado eſpiritu offereço,
Iá que por vos me ſer dado conheço,
Tornaruolo a dar ſou obrigado.
Pois vós por elle ſoys crucificado,
Pois ſoys de ſeu reſgate o alto preço,
E eu ſerdes vós ſeu Senhor, confeſſo,
Em nada em volo dar fico enganado.
Deuido premio he, juſto tributo,
De quem rendeo por elle a doce vida,
Effeyto d'hum Amor tão conhecido:
Pios eu vos offendi ja mais enxuto
O meu roſto verey, em quanto vnida
Eſt'alma a vòs não for, com meu ſentido.

A Chri-

A CHRISTO

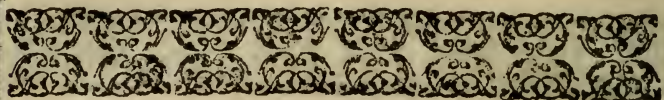
NOSSO SENHOR PEDINdolhe perdão.

SONETO 3.

VOS, Que de poder eſtaes armado,
A vós, a cujo aſceno o Ceo ſe vira,
A vós,por quem minha alma ſó ſuſpira,
A vós,que em me ſaluar ſoys occupado.
A vòs que por mim ſoys crucificado,
A vós,cuja potencia o mal me tira,
A vós,fora do qual tudo he mentira,
Quanto por cá ſe moſtra no criado.
A vós,que precedeys á Natureza,
A vós,que ao mundo daes noua valia,
A vós,a quem ſupremo bem conheço,
A vós,em quem ſe vé ſó alegria,
A vós,que ſó ſabeys minha fraqueza,
A vós,que offendi ſó,ſó perdão peço.

Gloſa

GLOSA DO
SONETO ATRAS.

1

Sſentado em Real aſſento eſtaua
O Propheta Dauid manſo,& ſeguro,
Quando lhe hum feyo caſo outro contaua,
A que deu contra ſi caſtigo duro:
A todos eſte Rey repreſentaua,
Que a todos cuydão todos ſer eſcuro,
Seu erro,& muyto mais,ay Deos Sagrado
A vós,que de poder eſtaes armado.

2

A vós,que em toda a parte eſtaes preſente,
A vós,a quem já mais nada ſe eſconde,
A vós,que ſó ſoys Deos Omnipotente,
A vós,a que a alma muda em fim reſponde:
A vós,cuja prudencia não conſente
Engano padecer:porque té donde
O Sol naſce,& ſe põe,ſó tudo aſpira,
A vós, a cujo aſceno,o Ceo ſe vira.

3

Se podéra enganar,com ouſadia
Todo homem,tal engano cometera,
Pois com tanta ſoltura cometia
Seu erro,como o bem,ſe algum fezera:
Mas vendo tal Iuyz,que tudo via,
Da culpa grão perdão já ter eſpera,
Chorando,o coração contrito vira
A vós,por quem minha alma ſó ſuſpira.

4

A vós,a quem ſó ter tanto offendido
Mais ſente,que perder a meſma vida,
Iá vira o coração de dor ferido,
Que ter lhe cauſa a culpa cometida:
Que vendo pera ſempre offerecido
A a pena,de ſeu erro merecida,
Por remedio ſó tem de ſeu peccado
A vós,que em me ſaluar ſoys occupado.

5

Mas quem he,meu Senhor,eſte homem fero,
Ingrato,desleal,deſconhecido,
Senão eu deſditoſo,que não quero
Ver quanto me fazeys d'amor rendido?
Que pareço dizer,que não eſpero
Ia gloria,mas perder della o ſentido,
Pois de ingrato,& feroz tenho agrauado
A vós,que por mim ſoys crucificado.

M Mas

6

Mas agora meu erro conhecendo,
De que não posso daruos já desculpa,
Irme ey, com vossa ajuda, conuertendo
De meu torpe peccado, & graue culpa:
Dous rios irão meus olhos fazendo
Pera lauar contino quem me culpa,
Que a alma temendo a culpa já se vira
A vós, cuja potencia o mal me tira.

7

Teme minha alma a pena, que causara
Contino padecer a culpa fea,
Quando, vos engeytando, tanto amara
Os males, que sofrer tanto recea:
Tal lembrança lhe agora custa cara,
E de nelles cair muyto a refrea,
Sentindo quanto mais perder sentira
A vós, fora do qual tudo he mentira.

8

Conheço, meu Senhor, minha cegueyra,
Conheço, já muy claro meu engano,
Conheço, já perderme, de maneyra
Que conhecerme faz meu desengano:
E pois na hora me vejo derradeyra,
Que a conhecer me deu o desengano,
Veja eu, por vós deyxar, quanto he acertado,
Quanto por cá se mostra do criado.

9

Nas criaturas pus minha eſperança,
Deyxandouos a vós, ay Deos benigno,
Pelo que ter não póde ſegurança
Com grande goſto meu dey o diuino:
De meu erro fazer outra mudança,
A a minha grande cuſta já me enſino,
Buſcando ſó por toda a redondeza,
A vòs, que precedeys a Natureza:

10

Se entendera meu grande atreuimento,
Buſcaruos, meu Senhor, não me atreuera,
Que de tanta ouſadia o ſentimento
Tal couſa cometer me defendera:
Mas que tenha qnereys conhecimento
Das culpas, & de vós, que aſſi perdera,
Que alem da contrição darme podia
A vós, que ao mundo daes noua valia.

11

Tendouos eu Senhor, tanto offendido
Que ſentimento, & dor ter me conuinha?
Senão julgarme todo por perdido,
Pois tal dor ter não póde eſta alma minha:
Senão foreys, Senhor d'amor rendido,
Que outra couſa podera dar mezinha,
A eſta alma peccadora, que offereço
A vós a quem ſupremo bem conheço.

12

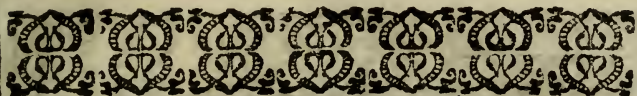
Soys vós, alto Senhor, Deos ſoberano,
Eu ſou nada ſem vós, hum peccador,
Que ando de dia, em dia, de anno em anno
Pagandouos amor com deſamor:
Que de ingrato não quero ver o dano,
Que viſto me cauſara grão temor,
De tormentos ſofrer, & então viria
A vòs, em quem ſe vé ſó alegria.

13

A vós, de quem ſó toda a criatura
Recebe todo o ſer, que eſtá logrando,
A vós, em quem ſe encerra a fermoſura
Em que ſó ſe eſtá tudo arrebatando:
A vós, que eſtando poſto neſſa altura
Quanto criaes contino is alegrando,
Com deſamor offende eſta bayxeza
A vós, que ſabeys ſó minha fraqueza.

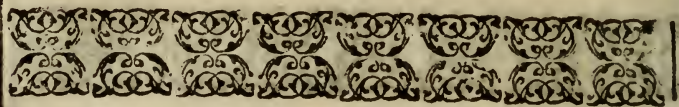
14

A vós ó alto Deos, bem conhecendo,
A vós, contra quem tenho tanto errado,
A vós, a quem contino tanto offendo,
A vós, de quem d'amor ſou tanto amado:
A vós, de quem auer perdão pretendo,
A vós, que por mim ſoys crucificado,
A vós, de quem perdão ter não mereço,
A vós, que offendi ſó, ſó perdão peço.

Ao Se-

AO SENHOR

CONHECENDO MInhas culpas.

SONETO 4.

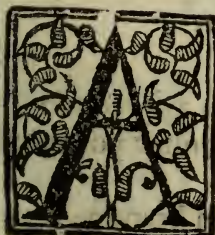
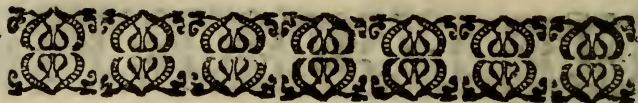
M Fontes d'agoa os olhos conuertidos,
Em mim fazem,bom Deos,hum lago triste,
Pois vossa ley quebrarão,em que consiste
A gloria de vos ver,tão atreuidos.
Irão de magoa,em magoa arrependidos
Chorando a ausencia vossa,a que assiste
A monarchia d'Anjos,nem resiste
O infernal assento,& seus temidos.
Olhos que por mal vosso assi perdestes
O summo bem dos Anjos venerado,
Fugindo o jugo seu brando,& suaue,
Sem descançar choray o triste estado
De vossa ingratidão,não menos graue
De essas culpas sao,que cometestes.

A CHRISTO NOSSO SENHOR ADORADO dos Iudeus.

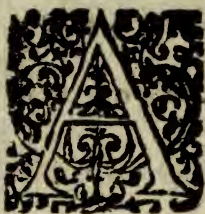
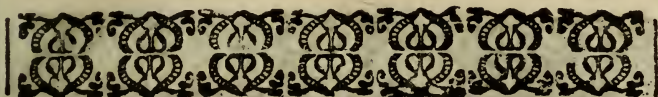
SONETO 5.

Vós, ó alto Deos, que ſoys honrado
Dos perfidos Iudeus por zombaria,
Adoro,& creyo eu, neſſa agonia,
A que vos trouxe o meu graue peccado.
Ahi vos vejo eu das mãos atado,
Aſſi volas atou minha ouſadia,
Eſſa cana he o ſceptro, que trazia
A meu coração triſte o vão cuydado.
Tal coroa vos deu meu penſamento,
A purpurea veſte a vaydade.
Com que vos offendi ſem nenhum tento.
Piedade Senhor, ah piedade,
E perdoay meu erro tanto iſento,
Quanto confeſſo agora eſta verdade.

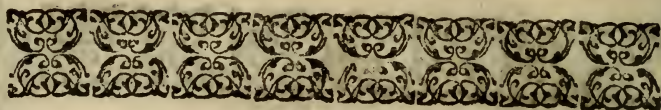
A Chri-

A CHRISTO
NOSSO SENHOR CRVcificado.

SONETO 6.

S Mãos,& Pés, bom Deos já tresſpaſſados
Vos vejo ter por mim dos crauos duros,
Mas mais vos doe a vós os crueys furos
Com que vos chagão meus graues peccados.
Ah mãos, diuinas mãos, Pés delicados,
Cuja obra he fazer eſpiritos puros,
Rompey deſta alma minha os fortes muros
De ingratidão, crueza,& vãos cuydados.
Pois a cabeça tendes indinada,
E pera receberme aperto o peyto,
Que da alma deuota he doce morada:
Criay, Senhor em mim nouo ſugeyto,
Em lagrimas veja eu a alma banhada,
Pois quanto mal ſofreys tanto tem feyto.

AS CHAGAS DE CHRISTO NOSSO Senhor.

SONETO 7.

Y Chagas preciosas, ay precioso
Sangue de meu Senhor por mim vertido,
Ay peyto pera mim brando, ferido
De meu peccado torpe, & furioso.
Ay alto Senhor meu, ay piedoso
Coração de meu Deos tanto offendido,
Ay entranhas d'amor, d'amor rendido
Pera amar, quem desama o Amoroso.
Não acho a meu peccado já desculpa,
Por mais que o lauo em lagrimas contino,
Pois quanto mais o vejo, mais me culpa.
Eu triste a vós me chego, ay Deos benigno,
Que me outorgueys, Señor, perdão da culpa,
Que contra vòs obrou meu desatino.

AO ALTO MYS-TERIO DA ENCARNAçāo, visto em espiritu por Dauid.

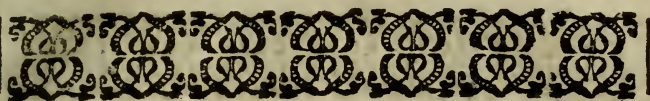
SONETO 8.

VANDO Os olhos de meu entendimento
Em vosso Filho, ah Deos, ponho encarnado,
Cõ vosco sendo igual, de vós gerado,
Em si, & só em vós tendo aposento:
Enfraquece minha alma, & tão sem tento
Se torna meu sentido, que mudado,
Ser vencido quer mais, mais que auer dado
Algum fim glorioso a seu intento.
Mas nem com tudo isso desespera
Poderse effeytuar obra tão alta,
Qual se espera de vossa omnipotencia.
Antes com viua fé, & muy sincera
Nesta esperança tal toda se esmalta.
Pois não pode faltar vossa clemencia.

A CHRISTO

NOSSO SENHOR COM A Cruz ás coſtas.

SONETO 9.

VAM Fraca vejo vir, quão demudada
Aquella omnipotẽcia ſoberana,
Aquella imagem pura, de que mana
A gloria lá dos Ceos vem treſpaſſada.
Aqui treme; alli cae co a pezada
Cruz, que ás coſtas lhe pos a gente humana
Ingrata, antes cruel, que tanto vſana,
He ſempre o offender, mal attentada:
Tanto peza Senhor a culpa noſſa,
Com que is a cada paſſo agiolhando,
Por ſó leuar ao Ceo a ouelha voſſa?
Ah alma minha vay, vay o ajudando
Com emmendar a vida, porque poſſa,
Com mayor goſto ſeu irſe a ti dando.

Dado

DADO A HVMA

PESSOA ILLVSTRE COM HVM Retabolo de Ecce Homo, que veyo de Roma com perdões.

SONETO 10.

AM Como o mao Iuyz vos apresento
A nosso Deos chagado, & paciente,
Mas sentindo com elle o mal, que sente,
Vos faça assi sentir o seu tormento.
Não tirareys então do pensamento
O grão mal, que padece pola gente,
Por quem inda que morre, está contente,
Por lhe acquirir na glória o aposento.
Mas inda que está posto em tal estado
Que as mãos atadas tem, rosto piedoso,
Não perdeo o poder, que lhe foy dado:
Antes como quem vay victorioso
Reparte graças mil de seu Reynado,
Com quem se humilha mais, muy grandioso.

A CHRISTO
NOSSO SENHOR VIVO
Na Crúz.

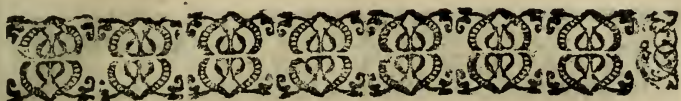
SONETO II.

Aquelle ſem piedade, & duro Monte
Eſtaua o alto Deos já humanado
Na crúa, & ſaudauel Cruz pregado,
Manando do ſeu Sangue hum rio, ou fonte.

Qual eſtaua o Senhor, quem há que conte?
De açoutes, & de eſpinhos laſtimado,
Das mãos, & pés com crauos treſpaſſado,
Pera que a culpa noſſa em ſi deſconte.

Tinha os olhos no Ceo, mas cá na terra
O brando coração d'Amor ferido,
Dos homẽs, que ſó á terra buſcar vinha,

Dalli conquiſta o mundo, alli faz guerra,
Trazendo a ſeu Amor todo o ſentido,
Como já muyto dantes dito tinha.

A Chri-

A CHRISTO
NOSSO SENHOR ORANdo na Cruz a ſeu Eterno Padre.

SONETO 12.

COM Os olhos no Ceo na Cruz pregado
Eſtaes, ah bom Ieſus, ao Pay rogando,
Por quem vos aſſi eſtá crucificando,
Que aſſi o pede o amor do pouo amado.
Ah Padre meu (dizeys tão laſtimado)
Ponde os olhos em quanto eſtou paſſando,
E pois ſem culpa eſtou, culpas pagando,
As deſtes perdoay com que hão errado.
Pois vòs, meu bom Ieſús, d'amor rendido
Pedindo eſtaes perdão da culpa fera
De quem, por galardão tão mal vos trata.
Ouui d'eſta alma minha o grão gemido
Com que alcançar perdão de vós eſpera,
Poſto que em offenderuos ſeja ingrata.

A Chri-

A CHRISTO
NOSSO DEOS, E SENHOR
Atado á Columna, á instancia de hũa Religiosa.

SONETO 13.

Columna de pedra estaes atada
Columna diuinal, que os Ceos sustenta,
Sofrendo açoutes crús cẽ cincoẽta
Cos mais que a conta faz bem acertada.
Fermosura dos Ceos tanto afeada
Quem fez vir sobre vós tão crú tormenta
D'açoutes, que escrauos tanto atormenta,
Senão esta alma triste tanto errada?
Sem culpa pola minha estaes pagando
Com açoutes a pena merecida
De quem vos está assi tão mal tratando.
Oo bondade de Deos tão conhecida,
Que tanto em meu Amor se está abrazando,
Que á açoutes quer morrer por me dar vida!

A al-

A ALMA POLA

COLVMNA DE CHRISTO Nosso Senhor significada.

SONETO 14.

H Alma mais que pedra endu-
  recida
Que es na dura Columna affi-
  gurada,
Magoate de ver tão mal tratada
Por ti, outra d'Amor tanto ren-
  dida.
Com seus braços te tem toda cingida
  Pera em si toda tẽ vnir tanto apertada,
  Que porque tenhas mais facil entrada
  Por mil partes por ti quis ser ferida.
Mestura com seu sangue casto, & puro,
  Por ti sem piedade derramado,
  Lagrimas, que perdão da culpa alcancem.
Mouate a grande magoa o peyto duro,
  De ver teu Criador por ti açoutado,
  Causa de tanta afronta as culpas cancem.

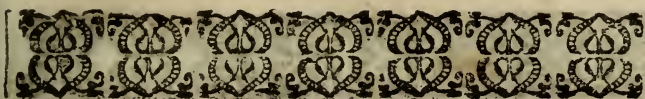
A Chri-

A CHRISTO

NOSSO SENHOR AÇOVTADO Á COLUMNA.

SONETO 15.

QVAL A Mãy piedosa o filho amado
Empara do castigo merecido,
Que o riguroso pay embrauecido
Do filho quer tomar, que tem lhe errado.
Tal Christo nosso Deos tem emparado
O homem na Columna a si vnido,
A açoutes feros, vis, offerecido,
Por lhe alcançar perdão de seu peccado.
Dizendo: Ah Padre meu, posto que seja
Feyto o homem, por a culpa, pedra dura,
Não sofrerá com tudo o rigor vosso,
Eys aqui tenho prestes quem deseja
Com açoutes pagar o mal sem cura,
A elle perdoay polo Amor nosso.

A Chri-

A CHRISTO

NOSSO SENHOR ATAdo á Columna.

SONETO 16.

ENDO O Nosso IESVS seu
Padre irado
Pola culpa só do homem cometida,
Que não podia dar paga deuida,
Por mais que della fosse castigado.
Tomou antes ser Deos martyrizado
Em a carne que do homem tinha vnida,
Que ver a Natureza ser perdida
Por cujo Amor pera isso a tem tomada.
Açoutes cinco mil antes sofrendo
Banhando quer estar a pedra dura,
Que perder só do homem companhia.
Porque era a culpa tal, que a criatura
Fez contra o Criador, que estaua vendo
Que outro só seu igual a pagaria.

A CHRISTO NOSSO SENHOR SAIDO Do Templo escondido dos Iudeus,

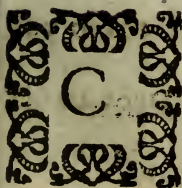
SONETO 17.

NDE Estareys meu Deos, onde seguro,
Que lá vos não persiga o meu peccado?
Pois do Templo onde ouuereys ser honrado
Com desamor vos lança triste escuro.
Não fugis vós Senhor do seyxo duro,
Que contra vós leuanta de indinado,
Pois podeis, com querer, sem mais cuydado
Desfazer este Ceo tão firme, & puro.
Mas fugis por não ver minha ousadia,
Por não punir meu erro tanto horrendo,
Que castigado ser bem merecia.
Isto de vós bem creyo: de mim entendo
Quanto chorar me importa noyte, & dia,
Pois polo mundo mao tal Deos offendo.

A Chri-

A CHRISTO

NOSSO SENHOR ESTANdo aſſentado ao Poço de Samaria.

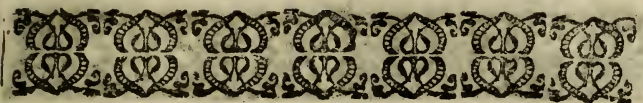
SONETO 18.

Anſado de buſcar quem lhe fugia
Penſatiuo o Senhor eſtá na fonte,
De todo o noſſo bem, mas quem lhe aponte
Em ſua ſaluação não ver ſentia.
Sede, de vos ſaluar homẽs, dizia,
Me abraza o coração, que em mim deſconte
Quantos males ouuer de monte a monte,
Que ſofrelos por vós me dá alegria.
Não ſinto a calma não, ſinto a frieza,
Que vos tem congelado o peyto duro,
Que nem o fogo em que arço ſente a chama.
Ah vinde amados meus, vede a fineza
De meu tão grande Amor, tão caſto, & puro,
Que em tal por vós me ter, ſempre vos chama.

A CHRISTO

NOSSO SENHOR POSTO Na Cruz.

SONETO 19.

A Cruz eſtaes meu Deos por mim pregado!
Na Cruz por mim meu Deos ſó vos poſeſtes!
Na Cruz por mim meu Deos a vida deſtes!
Na Cruz pagaes por meu graue peccado!
Na Cruz Amor por mim vos tem crauado!
Na Cruz d'Amor por mim morrer quiſeſtes!
Na Cruz por meu Amor ſatisfizeſtes!
Na Cruz em ſangue eſtaes por mim banhado!
Na Cruz morreis meu Deos por me dar vida!
Na Cruz por mim ſofreys, ó gloria, pena!
De Cruz vos deu amor meu o tormento!
Na Cruz trazeyme, ah Deos, a alma accendida,
Na Cruz, pois voſſo Amor gloria me ordena,
Na Cruz em vós trarey meu penſamento.

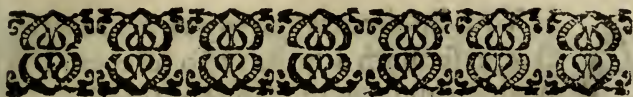
A Chri-

A CHRISTO
NOSSO SENHOR ATADO
à Columna dos opprobrios a noyte de ſua Sagrada Payxão.

SONETO 20.

VEM Nos dirá Senhor, quanto ſofreſtes
Depois de a Cayphas ſer preſentado,
A Colũna de afrontas ſendo atado,
Que por mim peccador ſofrer quiſeſtes?
Que deshonras? que afrontas padeceſtes?
Que vos faz inda agora o meu peccado,
Taes ſaõ, que não merece ſer contado
O modo de tormento que ahi tiueſtes.
Taes afrontas os homẽs vos fazião,
Quaes lhe os peccados meus repreſentauão,
Que o roſto por não veruos vos cubrião.
Se os voſſos Coroniſtas as calarão,
Eſcriptas de ninguem ſer merecião,
Mas calandoas de vós mais enſinarão.

A CHRISTO
NOSSO DEOS DANDO O Banquete no Deserto.

SONETO 21.

OVIDO O Bom IESVS a piedade
De ver a muyta falta, que sentia
Aquella grande turba, que o seguia,
Pois tinha de comer necessidade.
Por mostrar dos seus nisto a charidade.
A Philippe pregunta, se sabia
Donde pão, com o mais, se compraria,
Estando em tal deserto, & soydade.
Philippe respondeo: Vinte cruzados
Auendo só de pão inda faltára.
Pera auer cada hum, delle hum bocado.
Mas pois que saõ por vòs sempre abastados
Mas d'essa mão, que he nunca auara,
Mantimento tambem lhe será dado.

A NOSSA

SENHORA EM DIA
Dos Reys.

SONETO 22.

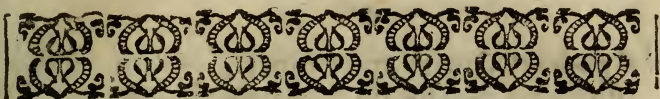
O Oriente guiados pola Eſtrella
Os tres Magos vierão muy contentes,
Com dões conformes todos, differentes,
Adorar o Senhor delles, & della.
Mas tanto que chegou a Mãy Donzella
Os rayos lhe apagou reſplandecentes,
Que tanto ſaõ os ſeus mais excellentes,
Quanto o Deos que a fez mais reluz nella.
Cheyos de eſpanto já com alegria
De ver o Ceo na terra ſer plantado,
Se a Mãy, ou Filho adorem eſtão ſuſpenſos,
A vós no Filho voſſo, alta Maria,
Tambem adorarão, com dões immenſos,
Pois elle ſendo Deos, he de vós nado.

A HVM Sublime Rey antiguamente
Dizem ser hum dom bayxo offerecido,
A quem elle aceytou benignamente,
Por de vontade ser ter entendido:
E pois em nome,& ser soys eminente
Como he por todo o mundo tão sabido,
Com ledo rosto assi tomay agora
O dom da bayxa Musa alta Senhora.

A ALMA DEVOTA DAS CHAGAS.

SONETO 23.

AH Pombinha sem fel,alua Pombinha,
Ah Pomba,que es em Deos toda enleuada,
Pomba,que mereceste ter morada
Nos buracos da Pedra vida minha.
Por elles nos correo nossa mezinha,
Delles saiste tu tanto esmaltada,
Que mais bella ficaste,mais ornada,
Que o Sol quando mais perto nos vezinha.
Em teu Esposo amar só te afinaste
De seu diuino Amor quis elle encherte,
Com que toda d'amor feyta ficaste.
Alcançanos do mesmo poder verte,
Naquella eternidade,que buscaste,
Que nem da vista sofre Amor perderte.

Glosa

GLOSA DO SONETO ATRAS.

I

Vós Muſas inuoco,que contentes
Lá no Olympo fazeys voſſa morada,
Deyxando as do Parnaſo a differentes
Materias,a que foy já a lyra dada:
Pois ante eſſe alto Deos eſtaes preſentes
Alcançay que me ſeja graça dada,
E tu fauor inſpira a eſta alma minha,
Ah Pombinha,ſem fel,alua Pombinha.

2

Cantar propõe a Muſa em rude Canto
De Deos as marauilhas cá na terra,
Pois aquillo que aos Anjos cauſa eſpanto,
No bayxo Orbe ſe vé,nelle ſe encerra:
Eternamente,viue,viue em quanto
Da morte es não vencida em crúa guerra,
E tanto mais ſeras de nós amada,
Ah Pomba,que es em Deos toda enleuada.

3

Mal podes tu ſentir a cruel morte;
Pois viue aquelle em ti que nos dá vida
Mudar eſta, ſi podes noutra ſorte
Alegre pera nós, a ti deuida:
Pois antes que eſſa dura Parca corte
Da vida o ſutil fio, es accendida
Em Amor do Eſpoſo, & nelle amada
Tu Pomba mereceſte ter morada.

4

Amor clara te fez, Eſpoſa pura,
Amor vnio a ti teu lindo Eſpoſo,
Amor nos eſmaltou na criatúra,
Armas do Criador muy poderoſo:
O teu amor em amar tanto ſe apura,
Que nem de enfraquecer he receoſo,
Pois pera ſe esforçar acha a mezinha
Nos buracos da Pedra vida minha.

5

A Pedra Chriſto he Deos muy potente,
Buracos ſaõ as Chagas precioſas,
Teu puro coração diſſo contente
Em ellas ſe eſcondeo, tanto amoroſas:
Ferio a Pedra o golpe cruelmente
De noſſas demaſias tão danoſas,
E abrindo nella os canos, que não tinha,
Por elles nos correo noſſa mezinha.

Canos

6

Canos de saluação, fontes de vida,
Immensos rios saõ de nossa gloria,
Com que nosso alto Deos, na despedida
De vencidos nos deu clara victoria:
Pois em os contemplar es embebida.
Em ti se matizarão por memoria;
Ah não te escondas não, que namorada
Delles, saiste tu tanto esmaltada.

7

Que perla, que rubi, que pedra fina,
Que rico diamante, & reluzente,
Que roxo lyrio, & rosa matutina,
De vista mais se vio tanto excellente:
Qual outra se verá, que por mais digna
A palma, em amar te leue claramente,
Pois se foras com muytas comparada
Tu mais bella ficaste, mais ornada.

8

Não quero compararte a criatura
Terrena, pois do Ceo tu mereceste
Esposa, Esposo ter, a quem natura
Infernal obedece, & mais celeste:
Pois tu com tão diuina fermosura
A tudo o humano já tanto venceste,
Muy mais clara se vé esta alma minha,
Que o Sol quando mais perto nos vezinha.

Se eu

9

Se eu andar ja te vejo paſſeando
Nas praças lá de cima acompanhada
Doutras, que a amar te eſtão tanto excitando,
Quanto tu dellas es mais namorada:
Se quãdo em mim te eſtou mais contemplando,
Então te acho em amor mais abrazada,
Tanto que o mundo affirmo, cá deyxaſte
Em o teu Eſpoſo amar ſó te afinaſte.

10

Amaſte com amor tanto affectiuo
A quem ſó por amor não nega nada,
Que mais com tal amor o tens captiuo,
Do que tu delle eſtás de namorada:
Amoute com amor em nada eſquiuo
A alma, que em ſeu amor he abrazada,
E pera que folgaſſe mais de verte
De ſeu diuino Amor quis elle encherte.

11

D'amor, de graça chea, & de brandura
De muytas ſeres tu a mais fermoſa
Nos dá a certeza já a grande altura,
Em que do Eſpoſo teu es tão mimoſa:
Pois tanto eſſe amor teu em amarſe apura,
O meſmo Amor vencendo de alteroſa,
Vas outro amar em fim, a quem buſcaſte,
Com que toda d'amor feyta ficaſte.

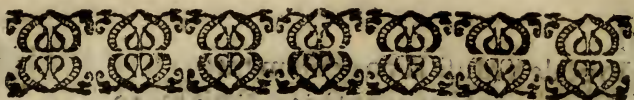
12

Não póde a Musa já co pensamento,
Nem com humanas forças subir tanto,
Que possa penetrar esse alto assento
Em que assentada ja causas espanto:
E pois só ver a Deos he teu intento,
Em quanto eu cá na terra triste canto
O grande Amor com quelle quis encherte
Alcançanos do mesmo poder verte.

13

Mas como te verão olhos tão tristes,
Que não cansaõ de ver taes vaydades,
Quaes vós espiritos puros quando vistes
Eternas vos tocarão saudades:
As quaes em quanto cá vencer insistes
Lançando mão de muy claras verdades,
Liure d'algum receyo assento achaste,
Naquella eternidade, que buscaste.

14

Mas não vas inda não alta Princeza
Do Ceo gozar a gloria merecida,
Inda que nessa triste, & vil bayxeza,
Te faça em odio seu muyto accendida:
Os olhos põe em nossa natureza,
Que já deu amor toda vencida,
Com lagrimas procura cá deterte,
Que nem da vista sofre Amor perderte.

A ALMA AFAS-
TADA DE DEOS POLA
Culpa.

SONETO 24.

ONVERTETE A Teu Deos nobre Cidade
De Hierusalem forte, & muy famosa,
Olha que vas sem elle perigosa,
Por fòra do caminho da verddade.
Despide já de ti a falsidade
Em que andas embebida, tão danosa,
Leuanta teus sentidos, ah furiosa,
Mouido o veras todo a piedade:
Pregados tem os pés pera esperarte,
Os braços estendidos a acolherte,
O peyto te offerece por morada.
Inda que qual estas não póde verte,
Podes co sangue seu fresco lauarte,
Não tardes hora em vir mal attentada.

A ALMA CON-

VERTIDA A DEOS CONHE-
cendo ſua culpa.

SONETO 25.

Y De mim triſte, pobre, & ſem ventura,
Que confiado em meu ſaber profano,
Me quis por mim reger: mas em meu dano
Se virou pera mim minha locura.
Deyxey a patria amada, & a brandura
Do mauioſo Pay, ſegui o engano
De meu vão apetite tanto vfano,
Quanto me moſtra agora a fome dura.
A quantos jornaleyros tão contentes
A bundante pão dá meu Pay benigno,
E eu a pura fome aqui pereço.
Pois me enſinarão meus males preſentes
Dirlhe ey: Ser filho voſſo não ſou digno
Culpado antè vòs ſer, & o Ceo conheço.

A ALMA A QVEM

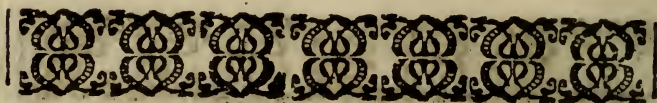
DEOS COM FACILIDADE
Perdoa a culpa, & pena.

SONETO 26.

E Quem me espante mais sou duuidoso,
A adultera molher, que mereceste
Da pena liure ser, em que encorreste
Por teu peccado horrendo, & tão famoso.
Se do Iuyz que tens tão piedoso,
Se das grandes afrontas, que sofreste,
Ou da grande constancia, que tiueste,
Vendo estar contra ti o pouo iroso.
Do Iuyz não, que vsar de piedade
Mais que de justiça tem por natureza,
Contra quem offender sua bondade.
Mas d'esse pouo ter tanta vileza,
Que sendo tanto cheyo de maldade,
Quer vsar contra ti tanta crueza.

EM PESSOA DE DAVID CONHECENDO Sua culpa.

SONETO 27.

QVANDO Vejo o castigo, que mereço
Por meu peccado, ah Deos, fero, & horrendo,
Negardesme, Senhor, então entendo
A merce, que me daueys tão sem preço.
Mas pois que meu peccado já conheço
De vosso Filho, & Deos, que está enchendo
D'alegria esses Ceos, não esteys detendo
A vinda, por não ver quanto padeço.
E posto que meus males me priuarão
Da esperança, que disso ter deuia,
Da certeza me day hum nouo esprito.
E meus gostos, que em breue se passarão,
Se tornarão eternos de alegria,
Que menos dar não póde o Infinito.

NAM SE DEVE

FAZER CONTA DAS COVSAS

Da vida, que em breue ſe acabão, mas
ſó Deos ſe hà de buſcar, que
permanece.

SONETO 28.

Empo que de contino vas gaſtando
As doces eſperanças, que ſuſtinha,
Virando a falſa roda tão azinha,
Quanto com mais vagar foſte impi-
nando.
Andaſte me tégora ſuſtentando
Com enganos crueis a vida minha,
E quando imaginey, que fixa a tinha,
No ar deſemparada a vas deyxando.
E eu tão cego fuy, que fuy ſeguindo
Teus claros deſenganos, de que agora
Com me ver enganado te eſtás rindo.
Pois de enganos teus me vejo fóra
A aquelle, a quem por ti andey fugindo
Minha alma ſeruirá, que iſto a namora.

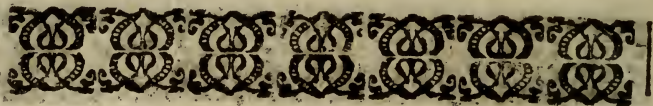
AO ANNO
BOM.

SONETO 29.

E Nouo reſplandor, noua clareza
Entre nuuẽs azues reſplandecente,
Naſceo a noua Aurora refulgente
Com mais aceyta graça, mais bel-
leza.

Phebo que tal a vio, com ligeyreza
Seu vulto logo ornou c'hum eminente
Rayo, que a pedra fina do Oriente
A ſi ſugeyta tem por natureza.

Seguios coroada a Primauera
De boninas cem mil, Autumno, & Eſtio,
De ſeus dões o Inuerno, com muyta arte.

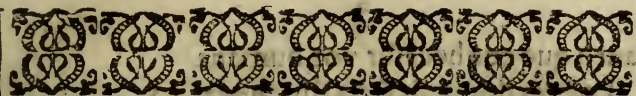
E logo ſem contenda, em paz ſincera
No Stygio jurárão ſacro rio
De darem annos bõs em toda a parte.

SONETO ALHEO

A QVE FIZ A GLOSA Seguinte.

SONETO 30.

VE Doudo pensamento he o que sigo?
A pos q̃ vão cuydado vou correndo?
Sem ventura de mim, que não me entendo?
Nem o que calo sey, nem sey q̃ digo.
Peleyjo com quem trata paz comigo,
De quem guerra me faz não me defendo,
De falsas esperanças que pretendo?
Quem de meu proprio mal me fez amigo?
Porque se nasci liure me captiuo?
E se o quero ser, por que não quero?
Como me engano mais com desenganos?
Se ja desesperey, que mais espero?
E se inda espero mais, porque não viuo
Esperando algum bem de tantos danos?

GLOSA DO
SONETO ATRAS.

I

IVnto d'hum manſo rio, que corria
Por entre eſpeſſos, & altos aruoredos,
Por onde hũa alta ſerra erguer ſe via,
Que cõ duros, & aſperos penedos:
O Ceo com grão ſoberba combatia:
Retumbaua hũa voz polos rochedos,
Que dizia ao pé d'hum freyxo antigo,
Que doudo penſamento he o que ſigo?

2

Eu que eſta voz ouui tão ſaudoſa,
Por ver ſe mais ouuia eſtiue quédo,
E crendo d'algũa aue ſer queyxoſa,
Que ſeus filhos perdera no rochedo:
Por quanto já a ouuira duuidoſa,
No alto me ſubi d'hum grão penedo,
Quando outra mais ſenti que hia dizendo,
Apos que vão cuydado vou correndo?

3

Tanto que conheci ſer voz humana
Por ver de quem ſeria fuy chegando,
E junto donde o manſo rio mana,
Que odoriferas flores vay regando:
Eſtar hum paſtor vi, que deſengana
Os miſeros mortaes, & diz chorando,
Com ſuſpiros, que os ares vão rompendo
Sem ventura de mim, que não me entendo.

4

Eu vencido da dor, que nelle via,
Com lagrimas meu roſto já banhaua,
Com as ſuas o freyxo humedecia
Mas nem com iſſo em fim flores lançaua:
Turuado o manſo rio, que corria
Com ellas muyto mais ſe acreſcentaua,
Mas elle magoado diz conſigo,
Nem o que calo ſey, nem ſey que digo.

5

Moſtrauaſe a montanha temeroſa,
Sopraua então o vento iroſamente,
Retumbaua na rocha cauernoſa
O ſom d'agoa mouida do accidente:
Soaua do paſtor a voz queyxoſa,
Reſpondendo o ſeu ecco juntamente:
Por ter concerto ſó Mundo contigo
Peleyjo com quem trata paz comigo.

6

De ti me queyxarey que me enganaste,
Dizia, sem ter premio deste engano,
Quantas vãs esperanças me deyxaste
Todas se desfarão pera meu dano:
Por remedear meu mal, pois me enleaste
Cruel te chamo, ingrato, & deshumano,
Banhando me estou em lagrimas dizendo,
De quem guerra me faz não me defendo.

7

Com suspiros, & ays de magoado,
Lamentarey meu dano em grão perfia,
Pascentarey com lagrimas meu gado
Deyxará doce rio, & fonte fria:
D'ellas o campo só será regado,
Que espinhas dá sómente, & cardos cria,
Com que esta serra, & bosques vãose enchendo
De falsas esperanças, que pretendo.

8

Bem mostraua a montanha a grão tristeza
Com que o pastor alli só lamentaua,
Negaua ás eruas folha a Natureza,
Que o frio vento então lha derribaua:
Estaua tudo cheyo de aspereza,
Que o pastor muyto mais triste tornaua,
Que tornando em si diz: Porque sigo
Quem de meu proprio mal me fez amigo?

9

Eſtaua o boſque mudo, nem cantauão
Os paſſaros então ſuauemente:
A roucas rãs ſómente deſatauão
Sua triſtonha voz na vil corrente:
Os paſſaros nocturnos ajudauão
Lamentarſe o paſtor tão triſtemente,
Que com lagrimas diz: Se eu inda viuo,
Porque ſe naſci liure me captiuo?

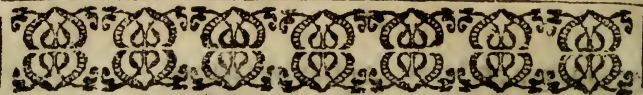
10

Naſcido fuy, dizia, em liberdade,
Eu ſó me captiuey, ſem ſer forçado,
Pola tua neguey minha vontade
Que agora com meu mal eſtás vingado:
Deyxame ſó fugir de vaydade,
Que aqui triſte me tẽs ao jugo atado,
Pois ſempre teu captiuo ſer eſpero.
E ſe o quero ſer, porque não quero?

11

Captiuo ſerey teu em quanto a vida
Durar neſte mortal, & vil ſugeyto,
Que a fé que já te tenho prometida
Me manda que te tenha eſte reſpeyto:
Nunca de mim ſerá eſta offendida
Em quanto viuo for meu mortal peyto,
Mas ſe de ti recebo tantos danos,
Como me engano mais com deſenganos?

Quey-

12

Queyxarme poderey de quantos danos
Com mauiosa mão tu me causaste,
Agora se vem já claro os enganos,
Quanto só por meu mal tu me ordenaste:
Que a flor de minha idade, & tenros annos,
Sem eu o conhecer, tu mos leuaste,
Por ti me perderey: que mais não quero,
Se já desesperey, que mais espero?

13

Querendo eu conhecer com quem falaua:
Chegueyme pera ver se conhecia,
E porque o claro Sol ja trasmontaua,
E a aspera montanha se cubria:
Dum temeroso manto, que mostraua
Que a triste noyte logo chegaria,
Não vi outrem: mas disse pensatiuo,
Se inda espero mais, porque não viuo?

14

Caindo já da serra, & altos montes
A temerosa sombra d'aruoredos,
Não se vião fermosos Horizontes,
Mas metiãose as aues nos penedos:
Solitarias tambem as frescas fontes
Do mais alto descião dos rochedos,
Ficou alli o pastor em seus enganos,
Esperando algum bem de tantos danos.

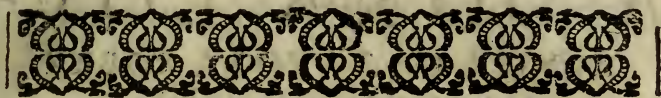
FIM.

SEGVNDA PARTE

DOS SONETOS, E GLOSAS
Feytos a Sanctos.

A SAM IOAM EVANGELISTA
Deytado na Cea ſobre o Peyto do Senhor.

SONETO PRIMEIRO.

AQVELLA Vltima Cea em que o Senhor
Diſſe auer d'hum dos doze ſer traido,
Aquelle amado ſeu diſſo ſentido,
No peyto lhe caio com magoa,& dor:
Não ireis vos ſem mim meu doce Amór,
Lhe diſſe,que com voſco ſempre vnido
Me tem tanto eſſe Amor,que offerecido
Eſtou a ſofrer por vós pena,& rigor.
Sendo preſo por mim,móres cadeas
Me tem preſo d'Amor voſſo,de geyto
Que nunca mais de vòs partirme poſſa.
D'alma me reſgarão do ſangue as veas,
Quando o voſſo ſair deſte meu peyto,
Na alma em fim toda a pena terey voſſa.

A Sam

A SAM IOAM
EVANGELISTA.

SONETO 2.

OAM Aguia celeste, que voaste
Com as azas do teu entendimento,
Lá sobre o Ceo Empyreo, & Firmamento,
Onde grandes mysterios alcançaste.
Alta noticia delles nos deyxaste:
Fazendo já do Ceo teu aposento,
Depois que no regaço sonorento
De teu diuino Mestre te enleuaste.
E pois que dos trabalhos já seguro
Gozas do summo bem, & com victoria
Triumphas dos imigos, casto, & puro:
Alcançarnos do mesmo tem memoria,
Que delle, liures já do carcere escuro,
Per graça aqui gozemos, lá per gloria.

A DONA LOVRENÇA DE TAVORA SOBRE O Soneto abayxo de São Ioão Euangelista.

EXcita ao alto canto a rude Musa
O fauor do ouuinte esclarecido,
E tanto de mayor estilo vsa,
Quanto com attenção he mais ouuido:
E posto que esta minha está confusa
Vendo que ante ti vay o seu sonido,
Tu pera te cantar lhe dá licença
Ao teu alto Ioão alta Lourença.

SONETO 3.

AH Diuino Ioão, que mereceste
O mais amado ser do Deos, que amaste,
Por quem pay, & mais cousas cá deyxaste,
Quando ao diuino asceno te rendeste.
Não sey se louue só quanto escreueste?
Se as sublimes virtudes, que alcançaste?
Cos Anjos em pureza te igualaste
Na gloria, que já tens, tu os venceste.
O mesmo Deos sua Mãy, por mãy quis darte,
Tu filho de tal May folgaste verte,
E ella a ti por Filho já aceytarte.
Que mais logo queremos, que quererte?
Que mais amar queremos, mais que amarte?
Pois todo o bem está em merecerte.

Glosa

GLOSA DO SONETO ATRAS.

1

LCANÇA Do muy alto hum
novo esprito
Pera cantarte, alcança noua vea,
Alcança lá do Ceo, q̃ vá meu grito
Por todo esse vniuerso, & mais se
lea:
Fauor dá já diuino a este escripto
Que publicalo a Musa inda recea,
Pois delle tanta copia ter celeste,
Ah diuino Ioão que o mereceste.

2

Cantarte se me atreuo confiado,
Não he, porque cantarte eu já mereça,
Mas porque o grão fauor que te foy dado,
Tu nunca o negarás a quem to peça:
E pois com te louuar he Deos louuado,
Teu louuor em meu Canto se conheça,
Pois que tu lá do Ceo só alcançaste
O mais amado ser do Deos que amaste.

Amor

3

Amar te quis em gráo muy differente
Do que outro nenhum delle foy amado,
Vio a virtude em ti tanto excellente,
A quem em extremo he tanto afeyçoado:
E tu que tambem viste ser decente,
Este tão grande Amor ser compensado,
Em outro a elle aceyto te affinaste,
Por quem pay,& mais cousas cá deyxaste.

4

Deyxaste pay terreno,que faltarte
Auia em breue espaço a vida chara,
Buscaste pay celeste, que por darte
A vida,que já tẽs,perdeo a rara:
Não quis o seu Amor a ti negarte,
Vendo delle não ser tua alma auara,
Porque então com Amór tu o prendeste
Quando ao diuino asceno te rendeste.

5

Se amor he d'outro amor igual a paga
O seu quanto em ti foy tu igualaste,
Mas porque era diuino não se paga,
Nem de chegar se queyxa onde chegaste:
Porem inda cõ tempo não se apága
A distancia,que tanto atras ficaste,
E porque nisto só te escureceste
Não sey se louue só quanto escreueste.

6

Não ſey ſe louue ſó quanto eſcreueſte
Do meſmo Deos immenſo,começando
Deſſe alto Conſiſtorio deſcendeſte
As Sanctas tres Peſſoas declarando:
Alta noticia dellas tu nos deſte,
Em cujo Amor ſe eſtá a alma abrazàndo,
Donde não ſey ſe cante o que deyxaſte,
Se as ſublimes virtudes, que alcançaſte.

7

Quando eu não chegar a celebrarte
Com minha rude Muſa enfraquecida;
Ao menos chegarey a tanto amarte,
Quanto de teu amor eſtá vencida:
Que não ſerá muy facil cá cantarte
A Muſa, que não for a ti vnida,
Que pois que a Deos tu tanto contentaſte,
Cos Anjos em pureza te igualaſte.

8

O Sol ante teus rayos ſe eſcurece,
A Lua perde a luz em contemplarte,
Porque elle a luz que dá em fim fenece,
Mas tu es o que da alma ſenão parte:
Tua luz nella então mais reſplandece,
Quando contra ella mais ſe accende Marte,
E pois com iſto entre Anjos te poſeſte,
Na gloria que já tẽs tu os venceſte.

Quem

9

Quem há que de ti não vencido seja,
Se ser vencido póde quem tem gloria,
Té os Anjos parecem terte inueja
Tendo quanto es amado na memoria:
Que em Deos, por mais amado que se veja,
Nunca de nenhum cá nos deu a historia
Lhe desse, como a ti, por exalçarte,
O mesmo Deos sua Mãy por Mãy quis darte.

10

Oh Filho de tal Mãy, Filho ditoso,
Mas Mãy pera tal Filho muy mais digna,
A ti casto entregarte o Poderoso
A casta sua Mãy quis, & benigna:
Que quando se partio tão saudoso
A sagrada cabeça só lhe inclina,
O que dizer não posso sem doerte
Mas Filho de tal Mãy folgaste verte.

11

Tu Filho de tal May folgaste verte,
Mas não sem grande magoa aceytaste,
Não porque não podesse merecerte,
Mas porque lhe lembrauas o que amaste:
Que por mostrar quem eras quis encherte
Da muy diuina graça que buscaste,
E casto Filho, casta Mãy quis darte,
E ella a ti por Filho já aceytarte.

Se tu

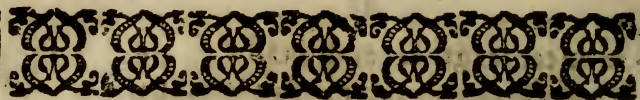
12

Se tu de tantas graças es dotado
Quantas tem dito já meu rude canto,
Com muytas mais,que se me fora dado
Cantar,se detiuera o Sol em tanto:
Se tu te has em amor tanto affinado,
Que aos mesmos Cherubins causas espanto,
Se Deos pera o prégar quis escolherte,
Que mais logo queremos,que quererte?

13

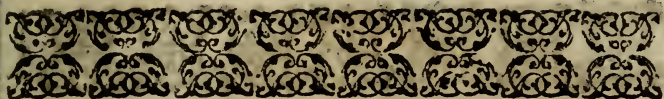
Se em ti Deos encerrou o seu thesouro
D'Amor tanto infinito,& lealdade,
Ante quem perde o preço o fino ouro,
Que tanta conta faz da castidade:
Se dessa insigne palma,se do louro
A vida dando em fim pola verdade,
Mereceste em tal grao só coroarte,
Que mais amar queremos,mais que amarte?

14

Se amando a ti só he Deos amado,
Se querendo te a ti he Deos querido,
Se louuandote a ti he Deos louuado,
Se seruindote a ti he Deos seruido:
Se honrando te a ti he Deos honrado,
Se ouuindote a ti he Deos ouuido,
Que queremos senão d'Amor prenderte,
Pois todo o bem está em merecerte?

A SAM IOAM

EVANGELISTA EM A Tina.

SONETO 4.

QVAL Coſtuma ante o Sol reſ-
plandecente,
Outra qualquer eſtrella lumino-
ſa
A luz toda perder, que gracioſa
A todos parecia, delle auſente.
Taes ſão as chamas jâ do fogo ardente
Ante eſte alto Ioão, que glorioſa
Pura tem ſua carne, & tão fermoſa,
Quanto nellas ſe vé d'amor contente.
Mas qual ante eſſe Sol fermoſo, & claro
Moſtra o Diamão mais ſua belleza
Parecendo outro Sol ao mundo raro.
Tal o noſſo Ioão, que com fineza
D'Amor, não ſendo a Deos d'amor auaro,
Venceo do fogo ardente a grão braueza.

AO MESMO
SANCTO NA TINA.

SONETO 5.

O Vaſo d'Amor puro eſtá metida
Aquella carne em ſprito ja tornada,
Que tanto em ſeu Amor anda enleuada,
Que não ſente perder por elle a vida.
Em fogo d'Amor puro eſtá accendida,
D'Amor de ſeu Amor tanto abrazada,
Que de carne em eſprito he já mudada,
Porque he com ſeu Amor, d'Amor vnida.
D'antre as brazas d'Amor ſae fermoſa
A gloria do martyrio não perdendo,
Mas ganhando d'Amor fama eſpantoſa.
Que quem no Amor de Deos ſe eſtá accendendo
D'Amor leuarà a palma glorioſa,
Como leua Ioão na Tina ardendo.

GLOSA DO SONETO ATRAS.

1

HV M Modo ſingular, gentil trocado,
De quantos fez Amor, ſutil mudança,
Vſou o meſmo amor, que namorado
Em Amor de Ioão pos a eſperança:
De modo que ſe Amor ſeu gaſalhado
Nos homẽs ſempre teue, & confiança,
Iá de Ioão a carne a mais ſubida
No vaſo d'Amor puro eſtá metida.

2

Tão contente eſtá Amor de ver ardendo
Ioão em puro Amor, que treſpaſſando
Em Ioão já ſeu cargo, o vay metendo
Em ſi, com que outro Amor poſſa ir amando:
Amor, que de Ioão bem conhecendo
Quanto em ſeu Deos ſe eſtá todo abrazando,
A ſi meſmo offerece por morada
Aquella carne em eſprito ja tornada.

Via

3

Via muy bem amor, que não viuia,
Sómente aquella carne vida humana
Pois que tanto tormento padecia,
Quanto lhe daua á gente deshumana:
Por isso lhe em si mesmo offerecia
Por pousada a sua alma soberana,
Que a carne nelle ter póde morada
Que tanto em seu amor anda enleuada.

4

Quem todo em seu amor anda enleuado,
Tanto perde de si mesmo o sentido,
Que não viuendo em si, mas só no amado
Delle sente o tormento padecido:
Assi nosso Ioão todo abrazado
D'amor de seu amor todo ferido,
Tanto traz em seu Deos a alma embebida,
Que não sente perder por elle a vida.

5

Perder Ioão por Deos vida não sente
Que em perdella por elle a tem segura,
De perdella por elle está contente,
E de ganhar a eterna se assegura:
E tão segura a tem, que não consente
A vida perdoar, que em fim não dura,
Que por a alma ter gloria na outra vida
Em fogo d'amor puro está accendida.

6

Viuendo inda Ioão, ja não viuia
Em si, que já por morto se julgaua,
Pois padecendo dores, não sentia
Senão o que de Deos só o tiraua:
A vida só em Deos viua trazia,
E de nelle viuer só se prezaua,
Tendo, quanto a alma ao corpo anda liada,
D'Amor de seu Amor tanto abrazada.

7

Querendo Amor amar quem o feria
D'amór, que em seu amor era abrazado,
Ioão por amor toma, que sabia
Ser desse mesmo Amor d'amor prezado:
Com afagos, & rogos lhe pedia
Por elle seu Amor amasse amado,
Que a carne em Amor tem tão transformada,
Que de carne em esprito he ja tornada.

8

Mudada tinha toda a natureza
A carne de Ioão, que estaua ardendo,
Em amor de seu Deos, com tal pureza,
Que sem fim esse Deos estará vendo:
Por onde vsou com elle tal fineza
D'amor, que estando ja morte morrendo,
Lhe deu por Mãy a Mãy na despedida,
Porque he com seu Amor d'amor vnida.

9

Porque he com seu Amor à carne vnida
Em amor de seu Deos tanto abrazada,
Não sente ja perder por elle a vida,
Que em perdela por elle a tem ganhada:
Mas antes a tem sempre offerecida
A tormentos crueys tão costumada,
Que porque a pena lhe he nelle gostosa,
D'entre as brazas d'Amor sae fermosa.

10

D'antre as brazas d'Amor sae fermosa,
Porque outro amor em si dentro sentia,
Abrazarlhe as entranhas da amorosa
Chama, que em seu amor tambem ardia:
Dalhe a palma este amor tão gloriosa,
Que as chamas ja despreza, em que se via
Metida, de seu Deos no amor ardendo,
A gloria do martyrio não perdendo.

11

Não perde a gloria não, quem o sentido
De si perde, que em Deos traz enleuado,
Andando em seu amor tanto embebido,
Que todo em seu amor tem o cuydado:
Estando sempre em tudo offerecido,
Que amor por seu amor tem ordenado,
Com que a palma não sò vá gloriosa
Mas ganhando d'amor fama espantosa.

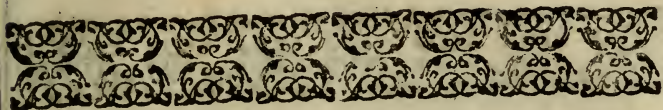
12

Se quem ganha d'amor illustre fama
Onde há móres perigos se auentura,
Que fará quem d'amor na doce chama,
D'amor de seu amor tanto se apura?
Senão quanto for mayor a flamma,
Os perigos d'amor todos procura,
Que ninguem menos sofre hilos temendo,
Que quem no amor de Deos se está accẽdendo.

13

Se amor temer não sofre a quem tocado
D'amor de seu amor seu peyto sente,
Como sofrerá aquelle que he abrazado
D'amor de seu amor viuer ausente?
Por isso nada teme de apressado
Passando fogo,& agoa afoutamente,
E pois morte d'amor lhe he tão gostosa,
D'amor leuará a palma gloriosa.

14

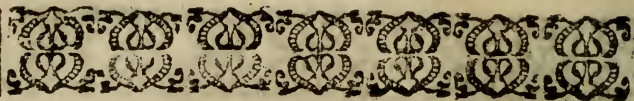
Não morre quem d'amor morte padece
Em amor de seu Deos todo accendido,
Porque morte nenhũa ter merece,
Quem de si perde,em Deos tendo o sentido:
Eterna vida tem quem se offerece
A morte por seu Deos,que offerecido
Leuou a palma a amor morte morrendo,
Como leua Ioão na Tina ardendo.

A HVM RETRATO DE S. IOAM EVANGELISTA,

Que na mão direita tinha hũa Palma,& na esquerda o coração de IESV, & hũa Aguia aos pés,se fez este Soneto,a que fiz a Glosa seguinte.

SONETO 6.

Iuino coração,amor me enlea,
E faz que perca o passo de espantado,
Que sendo cujo soys esteys mudado
Do Peyto natural á mão alhea.
Mas outro amor me leua,& faz que crea
Que sendo de Iesu sejaes do amado,
E que de Peyto a Peyto andeys trocado,
Que isso vos deu amor na final Cea.
Suba a palma por si,& a Aguia voe,
Ante este coração tudo o mais cale,
Que o amor, de que está cheyo, tudo abala.
Por isso delle só minha voz soe,
Que quem tal coração tem,de que fale
Furto he,que faz ao amor,se doutrem fala.

GLOSA DO SONETO ATRAS.

1

Vm caſo nouo, graue, & nunca viſto,
Succeſſo em fim, que encontra a Natureza,
Hum effeyto d' Amor , Amor de Chriſto.
Com que nos quis moſtrar ſua grandeza:
Cantar com ſeu fauor agora inſiſto,
Receoſo porem de tal empreza,
Mas ſenão for igual com o caſo a vea
Diuino coração Amor me enlea,

2

Amor forças me dá, Amor me abraza
Em outro inda que delle differente,
Amor, que aſſi vos faz mudar a caſa
Do peyto do Amador a mão da gente:
Amor em fim que a Deos com a alma caſa,
E traz alhea em ſi quando preſente,
Eſte diuino Amor tem me enleado,
E faz que perca o paſſo de eſpantado.

E d'eſ-

3

E d'efpantado ja, não fey fe cale
O que dizer não poffo fem efpanto,
E fe quifer falar temo que fale
Coufas, que enuoluão terra, & mar em pranto:
Mas julgo que quereys já, já que abale
Os duros corações fó com meu canto,
E diga quanto andaes d'amor tocado,
Que fendo cujo foys efteys mudado.

4

Qual outro auerá tanto endurecido,
Tão ifento d'Amor fem charidade,
Que vendo que d'Amor eftaes ferido,
Ao pranto olhos não dé de piedade?
E como efteys de vós tanto efquecido,
Tão contente de noffa humanidade,
Que nem mudar o fitio vos afea
Do Peyto natural á mão alhea.

5

Quem caufa tal mudança, tal trocado,
Diuino coração, mais que Amor noffo?
Pois que fendo de Chrifto a mão do Amado
Semelhante julgaes ao Peyto voffo:
Não vos tem voffo Amor niffo enganado,
Se já dizer Ioão Chrifto outro poffo,
Inda que amor da Fé diffo me enfrea,
Mas outro Amor me leua, & faz que crea.

6

Faz me outro amor que crea de contente,
Que posso ver comprido meu desejo,
E posto que esse peyto differente
Seja, de todos quantos nascer vejo:
Tão grande he vosso amor tanto excellente,
Que nada receoso, mas sem pejo
Vos faz, sem poder ser disso tachado,
Que sendo de Iesu sejaes do amado.

7

E pois que de Iesu sendo prezaes
Dos miseros mortaes a companhia,
Que quasi aos Anjos puros igualaes
No Ceo fazendo delles monarchia:
Bem poderey dizer que esses sinaes,
Que amor d'esse nos mostra cada dia,
Vos tem todo nos homẽs transformado,
E que de Peyto a Peyto andeys trocado.

8

Ferido estaes d'amor, coração brando,
Dos homẽs, que de ingratos vos fugião,
Se estaes o seu amor tanto estimando,
Quanto elles não ser vistos merecião:
Co vosso amor o seu ide abrazando
Em desejos de ver, quem não querião,
Pois vosso amor por nós nada recea,
Que isso vos deu Amor na final Cea.

9

Se Amor na final Cea pode tanto
Que vencedor d'Amor vos fez vencido,
Leuandouos a palma pòs espanto
A quem como Aguia ao Ceo vos vé subido:
Que esperar já se póde, mais que em quanto
De eu tal imaginar, perco o sentido,
Tal victoria no mundo muyto soe,
Suba a Palma por si, & a Aguia voe.

10

Que a vencedora Palma vá subindo,
Que Amor de nosso Deos vá triumphando,
Que Amor o vá de nosso amor ferindo,
Que Amor nos vá do seu victoria dando:
Que a seu coração vá a Aguia seguindo,
Polo ar apos elle o vá louuando,
Deste alto coração só a Aguia fale,
Ante este coração tudo o mais cale.

11

Se este alto coração de namorado
A Amor quis dar de si mesmo victoria:
Tanto andando nos homẽs enleuado,
Que parece, de si não ter memoria:
Não será de espantar, se em tal estado
O tem posto esse Amor, que já na gloria
Com elles lhe pareça estar á fala,
Que o Amor de que está cheyo tudo abala.

12

Oo ſoberano Amor, Amor diuino,
Amor que não cataes merecimento,
Amor que ſó fazeys o peyto digno
De ſer de noſſo Deos doce apoſento:
Amor com quem já mais ſe perde o tino
De em Deos trazer contino o penſamento,
Pois fazeys com que amor de Deos entoe
Por iſſo delle ſò minha voz ſoe.

13

Entoe minha voz cem mil louuores
D'hum coração de Deos a Amor rendido,
Entoe minha voz quantos amores
Cos homẽs trata Deos d'Amor ferido:
Entoe quanto faz, quantos fauores
Vſou ſempre com o homem empedernido,
Que ninguem ſofrerá menos que cale,
Que quem tal coração tem de que fale.

14

Quem tal coração tendo de que fale
Se dizer ſeus louuòres não ſe atreue,
Nem por mais não poder por iſſo cale,
Mas pague o que poder a quanto deue:
Antes com ſeu louuor juſto he que abale,
Os duros corações em tempo breue,
Que louuando outro bem ſe deſte cala
Furto he que faz ao Amor ſe doutrem fala.

A Sam

A SAM IOAM
BAPTISTA.

SONETO 7.

AH DIVINO Ioão, a quem foy dado
D'esse alto Ceo tal dom, que por quererte
Do mundo o Criador engrandecerte
No ventre, delle foste visitado.
Alli elle por ti foy adorado,
Alli de sanctidade quis encherte,
E com sua alta graça alli mouerte
A que elle só por ti fosse mostrado.
Nesse aspero deserto te criaste,
Dos Ceos a policia não perdeste
Cõmunicando a Deos, que sempre amaste.
Alcançanos do mesmo a quem prendeste
Co amor, que em teu pay lá geraste
Tal dom de graça ter qual mereceste.

A Sam

A SAM IOAM

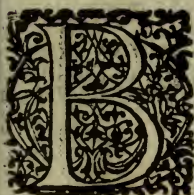
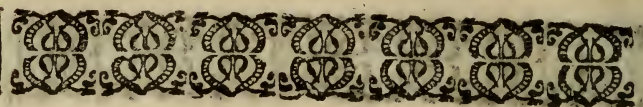
BAPTISTA PRESO, E DEGOLADO no carcere.

SONETO 8.

M O Carcere eſcuro pretendia
A luz d'outra mais clara meſſageyra,
Herodes encubrir, mas tão inteyra
Foy, que em carcere mais reſplandecia.
Em crueza a malicia ſe accendia
Por dar o fim a voz tão verdadeyra,
Que ſendo da verdade companheyra,
Por ella ſó viuer, morrer queria.
A morte ſe offerece muy contente
A vida entre as feras ſó guardada,
Que ſegura eſtar não póde entre a gente.
No carcere a cabeça foy cortada
A aquelle que ja viue eternamente,
Que não morre a Deos quem cá muyto agrada.

A Sam

A SAM IOAM BAPTISTA.

SONETO 9.

BAPTISTA Nas entranhas ja ſentia,
A luz do Eterno Sol, que alumiaua
A terra, & altos Ceos lá donde eſtaua
A humildade vendo de Maria.
Os olhos com os rayos lhe feria,
D'amor o coração lhe treſpaſſaua,
A quem elle no ventre ja adoraua,
E Deos tambem Menino conhecia.
Oo alta Concepção, ó Parto Sancto,
Que da Eſteril naſceo ſanctificado
Polo da Virgem, que dá mais eſpanto.
Pois es em ſeu amor todo abrazado
Entoe noſſa voz hum nouo canto,
Com que elle ſeja em ti glorificado.

GLOSA A DO SONETO ATRAS.

I

ACENÇA, Concepção,& morte honrosa,
Do Baptista celeste,& vida pura,
Cantar propõe a Musa graciosa
Co fauor que se espera lá da altura:
Pois tanto mais excede a fresca rosa,
Quanto mais alta foy sua ventura,
Que pejada Isabel vendo a Maria,
Baptista nas entranhas ja sentia.

2

Propondo de cantar est'alto feyto,
Os olhos leuantey ao Ceo luzente,
E logo senti cá dentro no peyto
Hum fogo sem queymar resplandecente:
E vi num alto throno hum claro aspeyto,
De quem ja se chamou alto Oriente,
Cuja luz era tal, que ser mostraua
A luz do eterno Sol, que alumiaua.

3

Hũa voz logo ouui, que me dizia,
Não tardes em cantar juſtos louuores,
D'aquelle, que foy dado em prophecia
Pera o Senhor moſtrar dos peccadores:
Hum vento freſco, & brando já accendia
Em meu coração duro mil amores,
Com que o Baptiſta alegre namoraua
A terra, & altos Ceos lá donde eſtaua.

4

Quando o mundo mais de erro eſtaua atado
Em ſeu vicio enuolto, & grão cegueyra,
Tres vezes mil o Sol tinha aquentado
Com mais perto de mil a laã carneyra:
Neſſe alto Conſiſtorio era tratado
Hũa voz lhe mandar por meſſageyra,
D'aquelle, que por nós morrer queria,
A humildade vendo de Maria,

5

A voz era Ioão, que por milagre
De Pay, & Mãy, eſteril foy gerado,
Ao Pay manda Deos que lhe conſagre
Em ſeu altar incenſo venerado:
Mas quando fóra veyo, ja não abre
A boca pera o que era perguntado,
Que quem então a fala lhe impedia
Os olhos com os rayos lhe feria.

6

Eſtaua deſcuydado o Velho Sancto,
Quando hum Anjo ſentio, que lhe dizia:
Hum Filho terás cedo, que de eſpanto
Encherá todo o mundo, & de alegria:
Eſte leuantará hum nouo canto,
Que alegre a gente Hebrea, & a Gentia:
E porque iſto ao velho contentaua,
D'amor o coração lhe treſpaſſaua.

7

E ſendo de ſeys meſes ja gerado,
Ioão no ventre da Māy lá eſcondido,
D'aquelle alto Senhor foy viſitado
Que moue a ſeu amor todo o ſentido:
Então da clara luz foy illuſtrado,
Ioão da bella luz todo accendido,
Alli grandes ſegredos lhe moſtraua,
A quem elle no ventre ja adoraua.

8

Alli de ſancta graça vaſo puro,
Ioão foy feyto logo com a preſença,
De ſeu alto Senhor, que deſſe eſcuro
Lago, liurar o vinha de ſentença.
Alli manda cá ao pouo duro,
Declarar ſua vinda ſem detença,
Alli logo Ioão lhe obedecia,
E Deos tambem Minino conhecia.

A quem

9

A quem reſiſtio ſempre o mundo velho
Ioão em tenra idade ja ſe inclina,
Oo Mundo torna a ti, toma o conſelho
De quem já contra ti juſto ſe indina:
Aquelle Deos autor do Euangelho
Ioão prégar te vay com voz diuina,
Adorando o Ioão diz com eſpanto,
Oo alta Concepção! ó Parto Sancto.

10

Senhor, que nas entranhas eſcondido
Mais claro ſoys a mim que a luz do dia,
E co Sprito, & Padre em Eſſencia vnido
Dos Anjos vos adora a monarchia:
Não me mandeys, Senhor, ao pouo incrido,
Prégar o que dizer não ſaberia:
Iſto dizia aquelle ao mundo dado,
Que da Eſteril naſceo ſanctificado.

11

Deyxando patria, & pay, & fera gente
Do deſerto buſcar vay a aſpereza,
Onde embebido em Deos muyto contente,
Se occupe em contemplar ſua grandeza:
Em caſtidade alli por eminente
Mereceo ſó ſubir a tanta alteza,
Que inda que de Iſabel filho, foy Sancto
Polo da Virgem, que dá mais eſpanto.

12

Com nouo esforço ja, noua alegria,
Com zelo de mostrar noua verdade,
Engeytando das feras companhia
O pouo buscar vay, vay a Cidade:
Os paços ja de Herodes cometia
Pera nelles prégar a castidade:
Vay, vay Ioão em Deos, vay animado,
Pois es em seu Amor todo abrazado.

13

Porque es em seu Amor todo abrazado
Lançando estás d'Amor faiscas viuas,
Com que o coração que he bem inclinado
De seu amor accendes, & captiuas:
Mas não te faltará outro obstinado,
Que contra ti leuante as mãos esquiuas,
& pois por seu Amor tu sofres tanto,
Entoe nossa voz hum nouo canto.

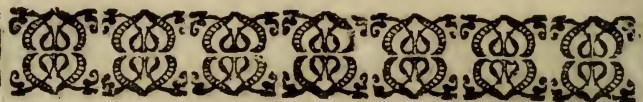
14

Entoe nossa voz hum nouo canto,
Em toda a parte soem teus louuores,
Pois tu na vida, & morte foste espanto,
A te immitar inflamma os peccadores:
Diuina graça alcança por em tanto,
Só por ti Deos nos faça mil fauores,
Nosso espirito em si veja inflammado,
Com que elle seja em ti glorificado.

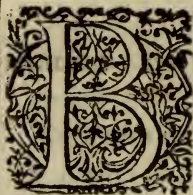
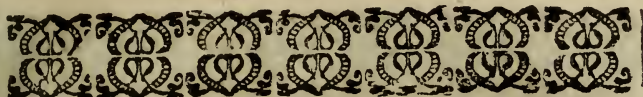
A SAM IOAM

BAPTISTA EM O Deſerto.

SONETO 10.

AS Feras do Deſerto acompanhado
Ioão trazia o corpo, em que viuia
Aquella alma ditoſa, que trazia
De ſi ſeu Criador tão namorado.
Alli de gafanhotos ſuſtentado
Manjar celeſtial lhe parecia,
Que mais o mel ſylueſtre lhe fazia
Saudade de quem eſtaua apartado.
Os camelos lhe derão veſtidura,
O molle leyto deulho a fria terra,
O Ceo ſó tinha alli por cubertura.
Neſſa aſpereza tal da dura ſerra,
Achou eſte Ioão do Ceo doçura,
Pondo primeyro a ſi, que ao mundo, guerra.

A SAM IOAM

BAPTISTA.

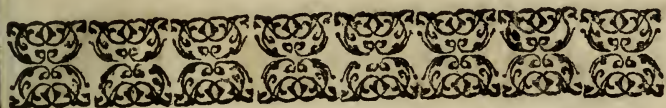
SONETO II.

APTISTA Nas entranhas encerrado
A Luz do Sol Eterno estaua vendo,
Nas da Virgem metido, não cabendo
Com tanta Magestade em o criado.
De seus rayos alli ja allumiado
Adorado por Deos foy conhecendo,
De seu diuino Amor no amor ardendo,
Ser delle mereceo sanctificado.
Foy tão alto Ioão que mereceo
O Filho baptizar do Padre Eterno
Donde seu grão louuor todo o outro passa.
Esse peyto Ioão logo que ardeo
Em amor desse Deos tão sempiterno
Tal desse mesmo Deos me alcance a graça.

AO APOSTOLO SAM THOME.

SONETO 12.

VE Achaes, ò Thome Sancto nesse lado
De Christo a quem palpaes? mais por ventura
Que aquelle resplandor, & fermosura
Com que de morto foy resuscitado?
Ay duro coração mais congelado
Que frio caramelo, ou pedra dura,
Derrete essa frieza na quentura
Do coração d'Amor todo abrazado.
Cá neste coração acho escondido
Hũa bondade immensa, hum poder grande
De minha pouca fé muyto offendido.
A quem por mais que o tempo, & mundo mande
Por Deos, & por Senhor terey querido
Que do coração quer sò que se abrande.

A SANCTO
ANDRE NO DIA DE SEV Martyrio.

SONETO 13.

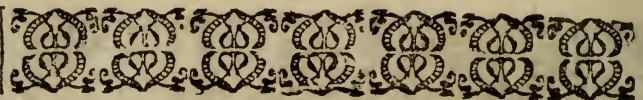
STANDO O Grande Andre ja de partida
A acompanhar ſeu Meſtre na jornada,
Tão longe vio a Cruz ja aparelhada,
Quanto deſeja pór por elle a vida:
O Cruz(diſſe ſaluandoa)tão querida
Deſte meu coração,& tanto amada!
Dayme vos a meu Meſtre,ó Cruz Sagrada,
Que em vós minha eſperança eſtá metida.
Pois ſem elle alegria ter não poſſo,
Em vós quero perder a vida triſte,
Porque eſta triſte vida alegre ſeja.
Em vós ſe pós por nós todo o bem noſſo,
Todo o bem do mal noſſo em vós conſiſte,
Dayo ja a quem por vós telo deſeja.

AO MARTYR
SAM LOVRENÇO.

SONETO 14.

O Peyto em grande amor todo abrazado,
E corpo em viuo fogo já accendido,
Estás alto Lourenço ahi metido
No meyo dessas chamas consolado.
D'aquelle immenso Deos es visitado,
Sem cujo grão poder nada he mouido,
Por cujo amor es tu só offerecido
Pera gozar sem fim do mesmo amado.
Com tua mansidão estás vencendo
Do tyranno cruel a grão crueza:
Com a morte a alma doutra defendendo,
Pois tu nos deyxas cá nesta bayxeza,
Alcança que cá vamos merecendo
Gozar contigo lá da grande Alteza.

Glosa.

GLOSA DO SONETO ATRAS.

1

LEVANTESE O Engenho,& a voz tanto,
Que esse Homero, & seu verso se escureça,
De Orpheo a branda lyra cõ espanto
Vencida doutro som desapareça:
Que esta Musa entoa hum nouo canto
Em que louuar Lourenço ja começa,
Que por exemplo foy á terra dado
Co peyto em grande amor todo abrazado.

2

As graças que em cantar outras tiuerão
Do grande Apollo,& Phebo antiguamente
Em esta Musa juntas se poserão,
Por alto fauor ter do Omnipotente:
Com seu canto porem não mererecerão
Do Martyre Lourenço eternamente,
Cantar,como em seu Deos tinhao sentido,
E corpo em viuo fogo ja accendido.

Nas

3

Nas chamas em que Deos quis abrazarte
De seu amor immenso; pois o amaste,
Por nos deyxar exemplo, quis tentarte,
Por onde em seu amor mais te afinaste:
E quanto d'este amor quis desuiarte
O tyranno cruel, tanto o ferraste;
Que por estar com Deos em amor vnido
Estás alto Lourenço ahi metido.

4

Bem como a Carça arder vio Moyse Sancto;
Te vejo arder Lourenço sem queymarte,
E senão se abrazar lhe pos espanto
O mesmo me pões tu com ver assarte;
Se aprouue a Deos guardala por em tanto
Assi ouue tambem por bem guardarte,
Que bem se póde estar com Deos liado,
No meyo d'essas chamas consolado.

5

Ardia a çarça sancta, arder te vejo,
Do fogo em que ella foy es accendido;
Mostrounos nisso Deos amor sobejo,
Co mesmo estás tu já com elle vnido:
Arde teu alto esprito com desejo
De ser por seu amor offerecido,
E pois que em tal amor es abrazado
D'aquelle immenso Deos es visitado.

D'aquelle

6

D'aquelle immenſo Deos es viſitado
Que co aſceno os Ceos em torno gyra,
A terra fruytos dá, flores o prado,
Quando he ſua vontade o vento aſpira:
E qnanSo o ſeruo eſtá mais deſcuydado
Com ſeu ſancto fauor da afronta tira,
D'aquelle Deos em fim es ſocorrido;
Sem cujo grão poder nada he mouido.

7

Ver teu celeſte roſto tão contente,
E tua alma fermoſa não me eſpanta,
Mas ſó ante eſſa luz reſplandecente
De grão tyranno ver cegueyra tanta:
Que ſe com amor te vira claramente
De Deos te vira ornada eſſa alma ſancta,
De quem pera o gozar foſte eſcolhido
Por cujo es tu ſó offerecido.

8

Oo Amor celeſte Amor, Amor ditoſo,
Amor, que em outro amor ſó te afinaſte,
Amor, que em nada foſte receoſo
Quando deyxando a terra, o Ceo buſcaſte:
Amor, que por amar diuino Eſpoſo
Em outro igual a elle te abrazaſte,
Como em Lourēço eſtás bem empregado,
Pera gozar ſem fim do meſmo amado!

9

Não menos do que as chamas se leuantão
Ir te vejo Lourenço ao Ceo subindo,
Os Anjos com te ver alegres cantão,
E tu de teu tormento te estás rindo:
Mas nem tão altos dões de gloria plantão
Em duros corações, que vão ferindo,
Antes em mór crueza se accendendo
Com tua mansidão estás vencendo.

10

Creça o tormento esquiuo, creça a pena,
Creça o fogo cruel, & esté queymando
O corpo, de quem culpa não condena,
Mas vay por elle mais puro ficando:
Que mòr gloria ao Sancto se lhe ordena,
E mòr merecimento accrescentando,
Quando se põe por obra com destreza
Do soberbo tyranno a grão crueza.

11

Vencido fica já, & enuergonhado
Por ser com sofrimento assi vencido
A quelle grão tormento, que cansado,
Está mais de sofrer em ser sofrido:
Mas tu tanto por elle es exalçado,
Quanto elle por ti só quis ser valido,
Que estás nesta perfia debatendo,
Com a morte, a alma doutra defendendo.

12

Hó muy ditosa morte pois te alcança
Viuer, com breue morte, eterna vida,
Mas mais ditoso tu, que em tal mudança
A sorte merecceste mais subida:
Ditoso pois poseste a esperança
Em quem nunca se teme ser perdida,
Ditoso foste em fim com tal empreza,
Pois tu nos deyxas cá nesta bayxeza.

13

Bayxeza de miseria, mar de dores,
E muy profundo lago de tormento,
Tormento esquiuo são falsos fauores,
Com que o mundo nos dá contentamento:
Mas não tocou tua alma com sabores
Só de enganosos dões o pensamento,
Pois ja por nós estás entercedendo,
Alcança que cá vamos merecendo.

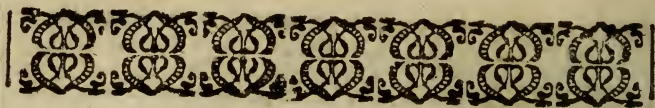
14

Alcança que cá vamos merecendo
Gozar, do que tu gozas tão contente,
Alcança que se esté nossa alma enchendo
Da graça do muy alto Omnipotente:
Alcança que em amor vamos ardendo
Daquelle que tu vés muy claramente,
Alcança em fim que vá nossa alma acceza
Gozar contigo lá da grande Alteza.

Ao

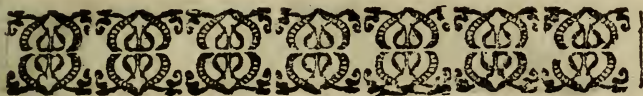
AO MARTYR
SAM LOVRENÇO.

SONETO 15.

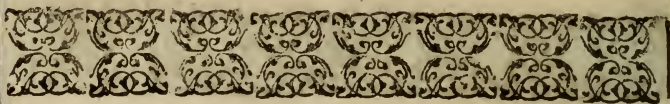
H Lourenço celeste, que accendido
Em outro fogo mór te estás queymando,
As brauas chamas d'esse desprezando,
Por elle ao alto Ceo serás subido.
A aquelle immenso Deos estás vnido,
Em cujo amor se está a alma abrazando,
Por quem tu vás agora triumphando
Do falso mundo,& carne,& do immigo.
Do mundo desprezaste a vaã riqueza,
Da carne própria o vão contentamento,
E do immigo os afagos enganosos.
Pois tu conheces bem nossa fraqueza,
Alcança que tenhamos vencimento
Dos mesmos de que estamos receosos.

AO GLORIOSO

SAM HIERONYMO.

SONETO 16.

IERONYMO Glorioſo, que trocaſte
Polo Deſerto, a gente, & pouoado,
Onde neſſe alto Deos todo enleuado
Na morte raro exemplo nos deyxaſte.
Celeſte vida nelle exercitaſte
Das feras ſó viuendo acompanhado,
Por doce tendo em Deos o triſte eſtado,
Mais que o do mundo alegre, que deyxaſte.
Do mal alli viueſte mais ſeguro,
Do bem quaſi ja certo, ſe certeza
Póde ter quem não viue no Ceo puro.
Tanto alli leuantaſte a natureza
Humana, quanto a d'Anjos neſſe eſcuro
Lago, ſó por ſubir deu em bayxeza.

AO GLORIOSO
SANCTO ANTONIO.

SONETO 17.

VEM He o que do valle eſcuro, & triſte
De mil dões rodeado tão contente,
A noſſo aſſento ſobe refulgente
Gozar ſeguro o bem, que nelle aſſiſte?
A humildade o fez, ſe bem o viſte,
Tão grande cá no Ceo reſplandecente,
Que a pedra de mais preço do Oriente
O toma delle, ou perde, ſe reſiſte.
O grande Antonio he, que com pobreza,
Com mil outras virtudes delle amadas,
Mereceo cá ſubir a tanta Alteza.
Ah Sancto Glorioſo, pois já dadas
Te ſaõ graças ſem mil por tal bayxeza,
Dos teus ſejão por ti tambem gozadas.

A SANCTO ANTONIO.

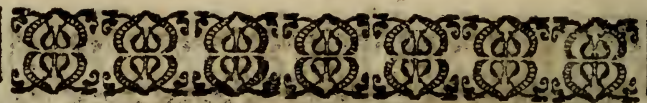
SONETO 18.

H Glorioſo Antonio, lume claro
Da nação Luſitana floreſcente,
Em Padua com milagres eminente,
De virtudes no mundo exemplo raro.
Com tão ſancta doutrina a todos charo,
Por voſſa alta virtude claramente,
O morto á vida torna muy contente,
O triſte tem em vós ſeu certo emparo.
Que Erro, Lepra, Diabo, ou dura pena,
Que proceloſo mar, couſas perdidas
A vós não obedecem? Todos ſentem.
Alcançay me o que peço com ſerena.
Fronte, porque eſperanças não compridas,
Nem voſſo amor as quer, nem ſe conſentem.

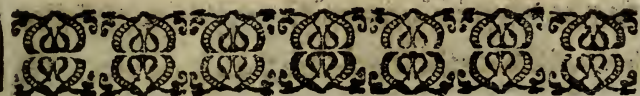
A Sam

A SAM IA-CINTO.

SONETO 19.

VE Bonina, que flor, que linda rosa
Hé esta, que produz a Natureza,
De tanto estranho ser, tanta lindeza,
Que vence toda a outra por fermosa?
No cheyro, vista, & cór mais deleytosa,
Na graça, & perfeyção tem mais belleza,
Que quantas nascem cá nesta bayxeza,
Donde mostra no Ceo ser preciosa.
Este he o grão Iacinto, que foy dado
Na terra pera o Ceo, pera que della,
Deyxando raro exemplo, suba a elle.
Póde inda dar a terra tal estrella?
Si póde: Porque Deos nos tem mostrado,
Que tudo póde o Amor, que he posto nelle.

A S. LVRENÇO IVSTINIANO PATRIARCHA DE Veneza, da Congregação de Sam Ioão Euangelista.

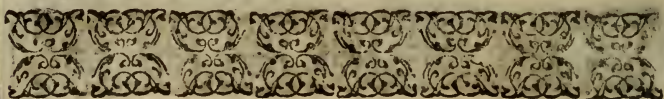
SONETO 20.

A Populosa Roma triumphando
Dos fortes inimigos ja domados,
Entrauão os Capitães de louro ornados
Nas armas seu valor nisso mostrando.
Mas vós alto Lourenço conquistando
Mais fortes inimigos de odio armados,
Noutra mais alta Roma leuantados
Arcos, a vossa honra ides passando.
De louro estaes Lourenço coroado,
De justiça a coroa resplandece,
D'hum justo a outro dada justamente:
Porque quem cá na terra tem domado
Imigos a que tanto se obedece,
Laureola no Ceo tem florescente.

A S. PEDRO

GONC,ALVEZ TELMO AVOGADO

Dos Nauegantes, a instãcia de Andre Diaz da Cruz Procurador Géral de sua Canonização, de que eu sou Escriuão.

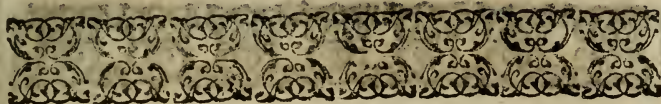
SONETO 21.

S Ondas do alto mar horrendo, escuro
Podes com ousadia, ó nauegante,
D'hum Polo a outro Polo, & mais auante,
Sem temer mal nenhum passar seguro.
Pois tẽs por teu emparo, & forte muro
Hum Pedro a outro Pedro semelhante,
Que desse horrendo mar ja triumphante
A furia amansa, & faz sereno, & puro.
Na tempestade horrenda, & furiosa
Quando o perigo for mais euidente
Verás seu resplandor celeste, & claro.
D'ella a liurar te vay com poderosa
Mão sua, que esse Deos Omnipotente,
Lhe manda que te seja certo emparo,

A S. GONÇALO

A INSTANCIA DE ANDRE DIAZ Da Cruz, Procurador Géral da sua Canonizaçāo, de que sou Escriuão. Interlocutores elle, & eu.

SONETO 22.

QVE Fazes Godio amigo? Emmudeço.
Não tēs de que cantar? Si tenho, & calo.
Quem tēs, & porque calas? São Gonçalo,
A quem cantar por alto não mereço.
E por alto o não cantas? Enfraqueço.
Grandes virtudes teue? Dellas falo.
Pois dellas cantar pódes. Grande abalo
Me faz tanta virtude tão sem preço.
Cantalhe a sancta vida. Bem deseio.
Pois disso quem te estorua? Essa grandeza,
E nelle contemplar vida tão sancta.
Canta lhe logo a morte. Essa lhe enuejo,
Pois o vejo por ella em tanta alteza,
Que em vida, & morte em fim sēpre me espanta.

A S.

A S. MARIA MAGDALENA.

SONETO 23.

NA Lapa do deserto fria, & dura
Do mundo a Magdalena despedida,
Em aquelle alto Deos toda embebida,
Fazia d'Anjos já hũa vida pura.
Conuerteoselhe em dia a noyte escura
Quando d'amor d'aquelle foy ferida,
Que veyo lá dos Ceos a dar a vida
Por remedio de toda a criatura.
De lagrimas banhaua o branco peyto,
Com penitencia a carne sugigaua
Obrar, & contemplar era seu feyto.
Não he de espantar logo se gozaua
Do Ceo toda a riqueza hum tal sugeyto,
Que mais, que tudo mais a Deos amaua.

A S. MARIA
MAGDALENA.

SONETO 24.

VE Fazeys Magdalena, que enleuada
Eſtaes aos pés de noſſo Redemptor?
Conheceys por ventura eſſe Senhor?
D'outra Maria he Filho mais ſagrada.
Conheceo minha alma, que abrazada
Ma tem elle de ſeu diuino Amor,
Por quem eu paſſarey, ſem ter temor,
Por ferro, fogo, & agoa muy ouſada,
Que vendome elle a mim, vime a mim nelle
Tão longe de quem ſempre ſer diuia,
Que logo em mim propus mudar a pelle.
Com lagrimas lauey minha ouſadia
Logo que tal me vi, fuyme apos elle
Sem quem por me ganhar me perderia.

A S. MARIA

MAGDALENA, INDO AO SANC-
to Sepulchro no dia da Sagrada Reſurrey-
ção do Senhor.

SONETO 25.

E Noyte a Magdalena vay ſegura,
Paſſa por homens d'armas ſem temor,
Tanto enleuada vay no ſeu Amor,
Que não entende a quanto ſe auentura.
Indo buſcar a vida á ſepultura
Quando não achou nella a ſeu Senhor,
Com ſuſpiros, com lagrimas, com dor
Mouia a piedade á pedra dura.
Suaue Eſpoſo meu todo o meu bem
(Cos olhos no ſepulchro começou)
Quem vos leuou Senhor, donde vos tinha?
Quem vos leuou Senhor, onde vos tem?
Torneme meu Senhor quem mo leuou,
Ou leue com ſeu corpo eſta alma minha.

Gloſa

GLOSA DO SONETO ATRAS.

1

CAntar pódes ja Musa afoutamente
Esse esforço dos homẽs ser mudado,
Na feminil fraqueza, que altamente
Tal dom por muyto amar tem alcançado:
Pois quando os homẽs fogem bayxamente
Com medo que no peyto he congelado,
E quando a terra ao Ceo faz guerra dura
De noyte a Magdalena vay segura.

2

Naquella triste noyte, & temerosa,
Em que mostrarão mais sua cegueyra
Os homẽs, que da Lua tão fermosa,
Nem dos Ceos a luz virão verdadeyra:
Noyte em fim que o temor com mão medrosa
A alma, & vista lhe cega de maneyra,
Que armada Magdalena só d'amor
Passa por homẽs d'armas sem temor.

3

Paſſa por homẽs d'armas, nada teme,
Antes póde de todos ſer temida,
Que em lugar de temer ſuſpira, & geme
Como quem tem d'amor a alma ferida:
Antes qualquer armado ante ella treme
De perder receoſo a triſte vida,
Vendo que quanto entre armas ſem temor
Tanto enleuada vay no ſeu Amor.

4

Na força vay d'Amor tanto esforçada
Que por elle não ſente ja tormento,
Porque poſſa paſſar, mais que apartada
Se ver de ſeu Amor hum ſó momento:
Deſte receyo ja tanto apertada
De ver de ſeu Amor o apartamento,
Paſſa por homẽs d'armas tão ſegura,
Que não entende a quanto ſe auentura.

5

Se a quanto ſe auentura conhecéra
Com esforço mayor, com mór cuydado,
Tão alto penſamento acometera,
Que então lhe dera esforço Amor dobrado:
Mil eſtremos d'amor então fezera,
Dandonos a entender quanto he acertado
Arriſcarnos a toda a deſuentura
Indo buſcar a vida á ſepultura.

6

Buſca na ſepultura a doce vida,
Que morta tinha Amor,que nella ardia,
Eſtando em noſſo Amor tanto accendida,
Quanto via d'Amor noſſa alma fria:
Em noſſo nome foy eſta ferida
D'amor,que ardendo nella em nós ſe esfria
A quem chorando vay com grande dor,
Quando não achou nella a ſeu Senhor.

7

Quando ſem ſeu Senhor noſſa alma ſente
Sentindo noſſo mal de dor cortada,
Por vela de ſeu bem eſtar auſente,
Com tanto mal,mil ays dá magoada:
Com tantos ays noſſa alma penitente
Deſeja ver da culpa ja paſſada
Em amizade vir de ſeu Senhor,
Com ſuſpiros,com lagrimas,com dor.

8

Com ſuſpiros,com lagrimas,com dor,
Com que Amor lhe feria o brando peyto,
Choraua ver auſente o ſeu Amor
De nós,de quem ſe queyxa deſte geyto:
Ay dura condição,com deſamor
Pagas a quem por ti tanto tem feyto?
Não viras que em eſtar na ſepultura
Mouia a piedade á pedra dura?

Se a

9

Se a dura pedra Amor, já de dor ſente
Os males, porque eſtou triſte choroſa,
Que he verme, meu Senhor, de vós auſente,
Sem quem toda a mais vida me he penoſa:
Vejauos eu Senhor, que não conſente
Eſta alma vida ter tão deſditoſa,
Pois ſem vòs vida ter póde ninguem,
Suaue Eſpoſo meu, todo o meu bem!

10

Vejauos eu Senhor, porque não veja
Chorar meus triſtes olhos de contino,
Porque verey então quanto ſobeja
O bem a quem vos vé meu Deos benigno:
Veruos minha alma Amor ſempre deſeja,
Que ſem vos ver de ſi ja perde o tino,
Que ſe viſtes por vós quando chorou,
Cos olhos no Sepulchro começou.

11

No Sepulchro onde a morte tinha a vida,
Enterrada d'Amor, ſeus olhos triſtes,
Pos minha alma d'amor por vós ferida,
Que tanto que vos vio d'amor feriſtes:
Com ella ſem vòs fico eſmorecida,
Sem vós, que logo tanto que partiſtes,
Não ſoube mais dizer me eſta alma minha,
Quem vos leuou Senhor, donde vos tinha.

Quem

12

Quem teue Senhor tal atreuimento,
Ou quem tomou ſem mim tal ouſadia,
Que ouſaſſe vir ſem mim ao Moymento
E leuaruos ſem mim, que em vós viuia?
Pois Senhor vos leuarão hum ſó momento
Sem vós não poderey ter de alegria,
Digame meu Senhor, todo meu bem,
Quem vos leuou Senhor, onde vos tem?

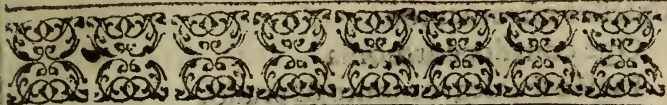
13

Moua ſeu coração a piedade
Em lagrimas por vós ver meu desfeyto,
Que vſarão feras ja de humanidade
Vendo diande ſi hum brando objeyto:
Quem comigo vſou tal crueldade
Leuandouos ſem mim tão ſem reſpeyto?
Leuandouos Senhor, quem me deyxou?
Torneme meu Senhor, quem mo leuou.

14

Se quem meu bem leuou ja me leuara,
Pena de tão grão dano não ſentira,
Que então com elle eſtar me conſolara,
Que ſeu tão grande Amor mo conſentira:
Mas pois niſto me foy a ſorte auara,
Que eſtar com meu Senhor tambem me tirá,
Torneme meu Senhor a onde o tinha,
Ou leue com ſeu corpo eſta alma minha.

FIM.

TER-

TERCEYRA

PARTE, QVE CONTEM AS Canções.

Saudades do tempo, & bem paſſado, & queyxas, & magoas dos males preſentes.

CANC,AM I.

Memoria trazendo
De eſpaço com grão magoa
Da vida ja paſſada o deſconcerto,
Farey ſempre ir correndo
Dous rios de turua agoa
Os olhos q̃ vos virão tão de perto
Moſtrando ſempre aberto
O peyto, que vos ama,
Quando ſe vé auſente
De vòs clara Sião, quanta dor ſente,
Vendo d'amor a chamia
Em deſamor mudada,
Deyxando por Babel a patria amada.

Aquelles eſtromentos
Que com doce armonia
Fazião ſer alegre monte,& prado,
Agora mil tormentos
Dão a quem os ouuia
A memoria trazendo o bem paſſado,
De nós tão venerado:
Agora os penduramos
Nos amargos ſalgueyros,
Que dor,& contrição ſaõ verdadeiros,
Sobre que derramamos
As lagrimas ſem conto
Das penas merecidas em deſconto.

Pois noſſos inimigos
Vendonos deſterrados
Da patria celeſte andar vagando,
Metidos nos perigos,
A que noſſos peccados
Sem nós o conhecer forão leuando,
Eſtamos perguntando
Alli,por zombaria,
Tendo nós ſugigados
Sem liberdade,& ſer,de mãos atados,
Por aquella armonia
Tão doce,& deleytoſa,
Com que em Sião ſe alegra a alma ditoſa.

E aquelles a quem fortuna,

Contra-

Contraria a todo o bem
Nos deu em tal estado por Senhores
Vendo tão opportuna
Occasião, que nos tem
De quanto nos mandarem por penhores,
Nos dizem sem temores
Nos cantay as cantigas,
Que soyeys cantar,
Quando com rosto alegre vos juntar
Costumaes nas antigas
Festas desse Deos vosso,
Agora cá as cantay ao gosto nosso.

Mas quem ouuindo tal
De lagrimas será auaro
Por mais que duro tenha o coração,
E não chore o grão mal,
Em que de exemplo raro,
A todos nos pós nossa presumpção!
Mouido a compayxão
De ver tal desatino,
Pois querem homens terrenos,
Como se andassem lá nos Ceos serenos
Ouuir canto diuino,
Com que Deos he louuado,
Nem póde em terra alhea ser cantado.

Inda que em tal estado
Me tem minha ventura,

De inimigos zombado entre mil dores
Por ser tão descuydado,
Que em vossa fermosura
Não pus clara Sião os meus amores,
Com tudo meus clamores,
Que contino lançar
Por vós serão de geyto,
Que mostrẽ andardes vos sẽpre em meu peyto,
E se não me lembrar
De vòs em todo o estado,
De minha dextra não seja lembrado.

Se minha lingoa falar
Quiser algũs louuores
Não sendo em vosso nome todos ditos,
(Que não conuem calar
Alguem vossos primores,
Que saõ pera falar quasi infinitos)
Todos elles malditos
Serão,quaesquer que forem
De mim,pois que não saõ
Dados a quem os merece com razão,
Mas antes della chorem
Ser no papo apegada,
Que serdes vós de mim nunca lembrada.

E se em mim alegria
Caber póde algũa hora,

Não

Não ſendo vós Sião a cauſa della,
Fujame o claro dia,
Nem veja em noyte fora,
Que lume algum no Ceo dé clara eſtrella;
Nem aja couſa bella,
Que dé contentamento
A meu coração triſte,
Cuja alegria ſó em vós conſiſte,
Mas veja meu tormento
Contino atormentarme,
Senão me vir em vós ſó contentarme.

E vós juſto Iuiz
A cujos claros olhos
Por encuberto mais nada ſe eſconde,
Ouui o que vos diz
Hieruſalem de abrolhos
Cercada,& voſſos olhos nella ponde,
Com pena,que reſponde
A ſua,caſtigay
A quem de crueldade
Se preza mais de vſar,que humanidade,
E de modo tratay
Babylonia homicida,
Que veja ſer Sião de vós querida.

Daquelles infernaes
Homens crueys damnados,

Que Tygres,que Leões inda mais feros,
Piores que animaes
Brutos,acostumados
A ser de todo o bem imigos mòres,
Pois nisto saõ seueros,
Tomay vingança dura,
Que outros estão chamando,
E com crueza não vista excitando
Pera essa fermosura
Desfazer num momento,
Sem deyxar de Sião,nem fundamento.

Aquelle que a ti der
Castigo semelhante,
O misera Babel cruel imiga,
Ao que soes fazer
Com iroso sembrante
Mouendo contra todos dura briga,
Com justiça persiga
Os males que fizeste,
A quem não merecia
Senão seruires tu de noyte,& dia,
A elle sem fim preste
A bemauenturança,
Pois do mal que fizeste tem lembrança.

Aquelle em fim que der
Com teus maos pensamentos,

(Que

(Que ſaõ os que de ti naſçem danoſos)
Na pedra, a onde o ſer
De todos os maos intentos
Se desfazem, tornandoſe amoroſos,
E teus tão perigoſos
Deſejos, ja mudar
De crueys a ſuaues,
Facilmente lhe venhão nunca graues
Os bens que deſejar,
Gozando cá bonança,
E lá na eterna a bemauenturança.

Pſalmo meu, que já chorado
Tens lembranças de Sião
Sem mouer Babylonia a compayxão,
Deſcança, ja cançado,
Pera de nouo chorar
Auſências, que não canção de lembrar.

MYSTERIOS DE NOSSA REDEMPÇAM, REPRESENTADOS nas sete Horas Canonicas, que canta a Sancta Igreja todos os dias.

CANÇAM II.

A Matinas.

Salue de Matinas Sagrada Hora,
Na qual vós bom Iesus com agonia
No Horto ao Padre orando em sangue tinto,
Que Amor do coração vos lãça fora,
Deyxado soys da doce companhia,
Pelo maluado Iudas tanto infinto
Entregue, preso, atado (ay quanto sinto)
As deshonras, blasfemias, que sofrestes,
Golpes, que recebestes,
Cuspos, & bofetadas, que afearão
A celeste belleza
De Annás a outro leuado com crueza,
Mais negações de Pedro vos cortarão,
Que esta alma significa
Que em tal vos ver de dor cortada fica.

A Pri-

A Prima.

¶ Salue ſempre Sagrada Hora de Prima,
Na qual vós bom Ieſus de menhã cedo
De Pilato a Herodes ſoys leuado,
D'elle com branca veſte em deſeſtima
Trazido com crueza,& vós muy quedo
Sofrẽdo injurias mil por meu peccado,
E grauemente por elle accuſado,
Por eu não ter deſculpa,não a deſtes,
Silencio antes tiueſtes,
Com que corrido fico,por deſculpa
Em elle não caber,
Pois lha não deſtes vós ſummo ſaber:
Ay de mim,que farey com tão grão culpa,
Que perdão não merece,
Pois tanto offendo a quem por mim padece.

A Terça.

¶ De Terça Salue ſempre Hora Sagrada,
Na qual ſoys bom Ieſus com grão crueza
Nú á Columna atado(ó dura afronta)
Sofrendo açoutes: foy ſanctificada
A terra deſſe ſangue,& quem o não preza,
A Purpura vos veſte,& vos afronta,
Por mais de vós zombar com dura ponta
De Eſpinhos vos Coroa,& Cana fere,
Ao pouo que requere
Sejaes(ſendo Innocente)condenado,
Hum: ECCE HOMO, diz

Com Barrabas vos pondo o mao juiz,
Com afflições, & Cruz fostes leuado
Ao Monte,ò triste historia,
Em que cumpre trazer sempre a memoria.

A Sexta.

¶ De Sexta Salue sempre Hora bendita,
Na qual vós bom Iesus no Monte escuro
Sem piedade sois todo despido,
E posto nessa Cruz,com mão maldita
Pregado a duros crauos d'aço duro;
Soys entre os maos ladrões em conta tido,
Com deshonras,blasphemias abatido,
Co amor,com que os homẽs sempre amastes,
Ao Padre Eterno rogastes,
Dymas ladrão saluastes,por Mãy destes
Vossa Mãy gloriosa
Ao Amado,& por Filho a Mãy ditosa:
Ditoso a hum,a outro não fizestes,
Que a troca não podia
Encher esse lugar que vos cabia.

A Nona.

¶ De Nona Hora Sagrada Salue pura,
Na qual vós bom Iesus com voz queyxosa
A vosso Eterno Padre alto clamastes,
Fel vos dey a beber na sede dura
De minha saluação tão duuidosa,
Ao Padre Eterno o Sprito encomendastes,
E depois que na Cruz posto espirastes,

Esse

Esse peyto, que Amor tanto ferio,
De nouo vos abrio
Com lança, donde correo o sangue puro,
E agoa, que lauou
Minha alma triste, a quem culpa çujou:
Vossa Alma então desceo ao Reyno escuro,
E sahio com victoria
Leuando os Sanctos sós á Sancta Gloria.

A Vesperas.

¶ De Vesperas Salue Hora desejada,
Na qual vós bom Iesus, com cuja morte
Espero de viuer na gloria eterna,
Deposto da Cruz fostes, ja Sagrada,
Da Virgem vossa Mãy (ditosa sorte)
E das Marias mais com dor interna,
Honrado de oração fostes superna,
Com grão magoa de todas lamentado,
Chorando o triste estado,
Que o meu me representa, que sou causa
D'esse em que hora vos vejo,
E com grão confusaõ, com graue pejo
Peço disso perdão sem fazer pausa,
Trazendo na memoria
Quanto fazeys por darme a eterna gloria.

A Completas.

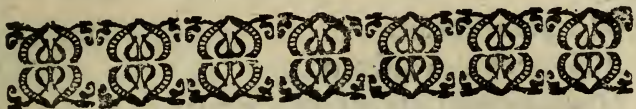
¶ Hora Salue Sagrada de Completas,
Na qual vós meu Iesus Senhor suaue
Aquelles que na vida vos seguirão

Ouuindo

Ouuindo vossas praticas discretas,
Sentindo vossa morte,& pena graue,
Com precioso vnguento vos vngirão,
E num sancto lençol tambem cingirão
Vosso Corpo Sagrado sepultando,
E vltima honra dando,
Vossa Resurreyção tanto esperada
Da Madre Gloriosa,
Que sem vós está cá tão lastimosa,
Que não póde d'alguem ser consolada,
Que não consola assi
Quem perde tanto bem,que he bem sem fim.

Canção minha suaue,& lastimosa
Dá comigo infinitas
Graças ao Criador,por tão benditas
Payxões,como por mim com amorosa
Vontade padeceo,
E padece por elle o que sofreo.

CANCAM III. A QVE DEV

Causa a morte de hũa illustre senhora,em que se notão algũas cousas da Bemauenturança que a Alma recebe de Deos nosso Senhor,& saudades que deyxa a quem com ella communicou.

A MORTE DE HVMA ILLVSTRE SENHORA

Que no dia de ſeu falecimento ſe confeſſou,& commungou por hum Iubileu que então auia,& faleceo em Domingo.

CANCA,M III.

LMA Ditoſa,& bella,
Que deyxando a bayxeza
Da terra, onde té gora á força andaſte,
Porque eſſa tua eſtrella
Te deu mayor alteza,
Por quanto,andando cá,nos enſinaſte:
Pois agora deyxaſte
A tantos deſcontentes,
Que com te ver andauão
Alegres,& contentes,& buſcauão,
Pera mais te obrigar goſtos preſentes,
Não deſprezes agora
A terra,em que morreſte,& quem cá mora.

E poſto

E posto que assentada
Estás nesse alto assento,
Doutro preço mayor, que de ouro fino,
Com virtudes ornada
D'aquelle acatamento,
Que faz teu resplandor quasi diuino,
A quem tu de contino,
De todo o coração,
Em quanto cá moraste,
Como agora lá fazes sempre amaste;
Estes olhos tão cheyos de afeyção,
Com que a todos querias,
Em nós tristes os põe por todas vias.

Em nós que suspirando
Estamos de contino,
De tristes saudades combatidos,
Ainda que esperando
De ver o teu benigno
Rosto, & nelle ja quasi embebidos,
Perdemos os sentidos,
Que té agora enleuados
Em vãos contentamentos,
Mostrão causarem todos mil tormentos,
Pois estamos de ti tanto apartados,
Que eras nossa alegria,
Sem quem não ha viuer noyte, nem dia.

Ah não

Ah não ſejas auara
Dos bens, que agora gozás,
Pois dos que cá gozauas nunca o foſte:
Moſtranos ja eſſa clara
Face tua, & ditoſas
Farás as almas ſer, em que Deos poſte,
Pois ſem ella que goſte
De vida tão pezada,
Auer não póde humano,
Senão for pera ſi tanto tyranno,
Que deyxe a tão ditoſa, & deſejada
Patria, a quem buſcaſte,
Por cujo Amor, de cá tudo deyxaſte.

De quanto reſplandor
Affirma eſta alma minha
Eſſa tua ditoſa eſtar veſtida!
Por onde mayor dor
Recebe, nem mezinha
Mitigar póde dor tão ſem medida,
Até não ver comprida
Com a grão claridade
Das tuas partes bellas,
Que reſplandecem em ti mais que as eſtrellas,
A intença por ti minha vontade,
Por quem cá deſcontente
Serey té te não ver eternamente.

Ah quem

Ah quem alma ditoſa
Ditoſo tanto fora,
Que ja contente em tua companhia,
Virá aquella eſpantoſa
Claridade, que agora
Em ti, mais do que cá, Deos te infundia,
Nunca mais claro dia
Com ſeus rayos luzentes
Phebo louro moſtrara,
Que quando o reſplandor da face clara,
Cos dões de que es ornada ja excellentes
Vira, & nella arrebatada
Na gloria, de te ver fóra plantada.

Que mais a fanteſia,
Que mais o penſamento,
Que podia pedir mais o deſejo!
Que mais outra alegria,
Que mór contentamento
Poderey deſejar, ſe iſto deſejo!
E poſto que bem vejo,
Que afora tu, ha outras muy dignas
Couſas, que ver eu poſſo,
Foyte tão liberal eſſe Deos noſſo,
Que quis que eſſas ſupremas, & diuinas
Couſas, que nelle vemos
As vejamos em ti, & que paſmemos!

Quem

Quem fora tão ditoso
Que tiuera o esprito
D'outro claro,& diuino assi inflammado,
Que em estilo espantoso
Deyxára por escrito
Quanto a alma ja de ti tem alcançado!
Mas como esse alto estado,
Em que posta estás,
Explicarse não possa
Com lingoagem bayxa,& tosca nossa
Ficara,eu então triste,tanto atras
Com meu diuido intento,
Que nem sonhado fora o pensamento.

Tem tão alto primor
As cousas lá de cima
De que tu estás tanto acompanhada,
Que lhe faz desonor,
Quem quer que as exprima
Lingoagem tão pouco aprimorada,
E pois a nossa he nada,
Pera com sua essencia,
Será melhor calar,
Ou quanto a nossa assi rude alcançar
Digamos,se ser póde a excellencia
De cousas tão diuinas,
Que pera as declarar saõ doutras dignas.

E tu Alma ditoſa
No tempo em que eu viuia,
Por quanto cá te tinha, então ditoſo,
Que com graue, & amoroſa
Pratica que em ti via
Ledo cantaua hũa hora, outra queyxoſo,
Neſte meu laſtimoſo
Peyto infunde agora,
Pois tens ja conhecidas
As couſas lá dos Ceos, que tẽs veſtidas,
Com hum claro reſplandor da noua Aurora
Hum freſco, & brando orualho,
Com que dellas cá cante ſem trabalho.

Mas não ſou eu tão digno,
Que poſſa merecerte,
Ainda em teu ſeruiço, bem tão alto,
Que mal póde hum indigno
Eſprito comprenderte,
De graça inda que cheo, & culpa falto,
E poſto que me eſmalto
Cantando teus louuores,
De que eſtás tanto chea,
Não póde tanto em mim a rude vea,
Que poſſa deſſes teus altos primores
Dizer, ainda humanos,
Quanto mais os que lá tẽs ſoberanos.

Se tu

Se tu hora quiſeras
Moſtrarte a eſta alma tua,
Que he minha ſó em ſer menos ditoſa:
E ſe por bem tiueras,
Que a triſte viſta ſua
Te vira, quanto agora eſtás fermoſa:
Oo quanto deleytoſa.
Quão alegre, & ſuaue
Me fora eſſa preſença!
Que pera mim faz já tanta detença,
Que não ha pena mór, couſa mais graue,
Que me dé mór tormento,
Que viuer, ſem te ver, hum ſó momento.

Ou quando iſto não fora,
Por ſer couſa muy rara,
Que, por ſer bem tão alto, não mereço,
Me deras algũa hora
(Não ſendo diſſo auara)
De verte hũa eſperança tão ſem preço,
Ainda que bem conheço,
Que não poderey ver
A luz reſplandecente,
Com que viras veſtida muy contente,
Com tudo ſe eu por incapaz perder
A viſta, com que vejo,
Verá minha alma mais do que deſejo.

Essa alma verá tua,
De que ledo viuia
Em quanto o permittio o Ceo sereno.
Antes que a morte crua,
O fio, que crescia,
De enueja, te cortasse inda pequeno,
Por quem ainda peno,
E triste viuirey,
Com a magoa que tenho
De não te poder ver, pois me detenho
Tão forçado sem ti, que pasmarey,
Se cuydar de não verte
Lá nesse Ceo Empyreo, ou de perderte.

Verteha estar assentada
Nesse Throno de Estrellas
Que de ti muyto mais ja resplandecem,
Inda que descuydada
Lhe parecias d'aquellas
Almas, que cá deyxaste, & que te esquecem,
Que inda que não merecem
Vsares piedade,
Com quem cá nesta vida
Não fez caso de ser mal seruida,
Com tudo esse amor teu, essa bondade,
Com que a todos olhauas,
Te inclina a darlhe mais do que lhe dauas.

Verte

Verteha ó Alma Sancta
De Deos tão namorada,
Lançar hum resplandor, quasi diuino,
Mas isto não me espanta,
Pois foste cá morada
Desse Deos, que lá gozas de contino,
Porque elle he tão benigno,
Que quem se a elle entrega
Veste de immortal gloria,
Trazendo sempre escrito na memoria
Pera tal paga dar, a quem se emprega
Todo no seu Amor,
Hum Archanjo fazendo hum peccador.

Verá do teu fermoso
Rosto, sair luzentes
Rayos, que os do Sol vendoos se escurecem,
Mas temse por ditoso
Serem tanto eminentes
Os teus, que muyto mais cada hora crescem,
Que posto que enfraquecem
Os seus, não perde o dia
A luz tão clara, & pura
Que mostra a variedade da pintura,
Com que a alma natureza as cousas cria,
Porque essa tua imagem
Lhe faz, na fermosura, grão ventagem.

Verá esses fermosos
Olhos doutra muy noua
Luz, mais que a do Sol resplandecente,
Virem tão graciosos
Que ainda a quem lho estorua
Deyxão de si catiuo, & tão contente
Que se esse Omnipotente
Deos nosso apagara
A luz do Sol, Lua, & Estrellas
O grande resplandor delles, mais bellas
Cousas, & seu primor todo mostrara,
Deyxando de alegria
Sinaes, por te ter em sua companhia.

Verá de graça cheyo
Mais do que foy té agora
Por ja te ter em si o Ceo supremo,
Pois já nenhum receyo
Tem de ficares fora
Quando naquelle dia, & fim extremo
(De quem ja agora tremo)
Pera sempre fechado
Foi, daquelle alto bem
De quem entendimento nenhum tem,
Por mais que nelle esteja arrebatado,
Tanto conhecimento,
Que muyto mais não fique ao pensamento.

Verá

Verá ſair contino
Deſſa tão piedoſa
Boca, feyto por nós, rogo piedoſo,
Ante eſſe Deos benigno,
Porque es tanto amoroſa
Que tudo em ti he amor, tudo amoroſo:
Por onde muy ditoſo
Me ſinto em te lá ter,
Pois ſey ſerás lembrada
D'eſta alma, que ſem ti, viue penada,
Que inda que nunca póde merecer
A bemauenturança
Teu grão merecimento lá lha alcança.

Verá aquelle alto Deos
Cuja alta Mageſtade
Sobrepuja em grandeza com grão copia
Eſſes immenſos Ceos,
A quem de claridade
Enche com ſua Eſſencia, & viſta propria,
De nada tendo inopia,
Fazerte triümphante,
Pois vé gozarte agora
Do que nunca gozaras, ſenão fora
Em guardar ſua ley ſeres conſtante,
Com o que mereceſte
A gloria agora ter, que cá lhe deſte.

Verá que com ſembrante
Alegre,& prazenteyro
Quanto mais lhe pedires te concede,
Pois tu com ſemelhante
Amor tão verdadeyro
Amando a todos n'alma,como pede,
Não ouue mais que arrede
De inconſtante fortuna,
O tempo tanto auaro,
Que tudo em ſeu Amor te foſſe charo,
Não pretendo niſſo gloria algũa,
Gaſtar,metendo na alma
Aquelles,com que já gozas da palma.

Verteha eſtar diante
Eſſe alto acatamento,
Que coroando te eſtá d'eterna gloria,
De quem participante
Te faz cada momento
Oo nunca o cá tirares da memoria:
Com que grande victoria
Dos imigos ouueſte,
Querendo mais perder,
Quem perder te fezera,pode ſer
Por não perder tal bem,que bem ſoubeſte
Quanto mais importaua
Amar a hum Deos tal,que tanto amaua.

Verá como deytando
Eſtá aquelles diuinos
Braços, ſobre eſſe teu collo fermoſo,
Com que mais namorando
Eſtá a nós indignos,
Quam affabil he vendo, & gracioſo.
Alegre, & deleytoſo
Pois que por hum ſó bem
Que cá por ſeu Amor
(A quem tudo he deuido por Senhor)
Se faz, tanto franco he, que nada tem,
Que tudo não dé por elle,
Até ſe dar a ſi em premio delle.

Verá a grande alegria,
O grão contentamento,
Que eſtando aſsi lá tẽs (Alma ditoſa)
Ditoſo então o dia,
De teu falecimento,
Dirás que foy, & morte muy goſtoſa,
Pois ſendo laſtimoſa
A todos, tu te viſte,
Deyxando a bayxa terra,
Em hum momento eſtar, ſem temer guerra,
Lá neſſe Ceo Empyreo, onde conſiſte
O bem, que deſejamos
Alcançar, como tu, que cá eſperamos.

Verá que como ſonho
Alegre,& deleytoſo
Foy,mas ſó pera ti a morte tua,
Que poſto que medonho
A todos,& eſpantoſo
Moſtre o roſto cruel á morte ſua
Não foy pera ti crua
A morte,que ſabia
Que em partindo da vida
Auias lá no Ceo de ſer ſubida,
Que o theſouro do Ceo que então ſe abria
D'eſſe poder,que honraſte,
As graças,que então daua,tu ganhaſte.

Verá como ganhaſte
O que perder não póde
Quem viue,como tu,no Ceo ſeguro:
Porque o mundo deyxaſte,
A quem por mais que engode
Não ſegue quem tem a Deos por firme muro,
Em quem eſſe Amor puro,
Em quem eſſa Alma prezada,
Que tanto ver deſejo,
Que em ſaudades ja morrer me vejo,
Sempre alegre trouxeſte,& enleuada,
Que ja cá parecia
Que gozauas de Deos neſſa alegria.

Verteha

Verteha neſſa alegria
A quem o penſamento
Não póde inda entender, nem o deſejo
Deſejar poderia,
O que o entendimento,
Por mais alto que ſeja, & mais ſobejo
Em tão ditoſo enſejo
Ia mais alcançará,
Por mais que della alcance
Tanto, que eſſe alto Deos muy mais não lance
De gloria, que ja mais não poderá,
Por mais que for partida,
Por quantos naſcerão, ſer minuida.

Verá que num momento
Sem ter niſſo fadiga
Os Ceos, a Terra, & Ar em torno giras,
E como penſamento,
Ou mais (não ſey ſe diga)
Penetrando eſſes Ceos tão firmes, tiras
Da afronta, em que ora viras
Eſtar, quem duuidoſo
Não quiſer inda crer
Iſto, que de ti digo, certo ſer,
Que quaſi neſte inſtante tão ditoſo
Nos Ceos de Deos gozando,
E na terra aos teus te eſtás moſtrando.

Verá tambem naſcer
De ti tanta excellencia
De couſas que nós cá não conhecemos,
As quaes não póde auer
Tão clara alta prudencia,
Com a qual o de cá tudo entendemos,
Inda as que por fé temos,
Que como mais ſubidas
Nada perde o ſentido
Em não as entender verſe perdido,
Que ſejão,ou poſſaõ ſer de nós ſabidas,
Em quanto cá moramos,
Nem ſey ſe em todo depois que lá as logramos.

Verá tudo iſto em fim,
Co mais que imaginar,
Nem póde deſejar mais meu deſejo,
Que fora pera mim
Couſa em que gloriar
Mais me podia cá,ſe neſte enſejo,
Em que iſto que deſejo,
E eſtou imaginando,
Comprido vira agora
Eſta alma,que por ti tão triſte chora,
Que em vez de gloria ter,viue penando,
Com tão grande fadiga
Que a naſcerlhe de ti,não ſey que diga!

Mas

Mas já não ſey que diga
D'eſſa tua tardança,
Pois tanto facil te he moſtrarte agora!
A quem tanto te obriga
Com rogos,& eſperança
A vires alegrar,quem por ti chora:
Que inda que na alma mora
A fé muy firme,& pura
De quanto eſtás gozando,
Nos Ceos,com alegria triumphando,
Não conſente com tudo eſſa brandura,
Com que a todos amauas,
Negarte agora,pois cá te moſtrauas.

Se tu quando moſtrauas
A tua viſta clara,
Clara fazias ſer a noyte eſcura,
Que tanto alumiauas
Com eſſa luz tão rara,
D'eſſe alto parecer,& fermoſura,
Não ſendo inda tão pura,
Como agora te vejo,
Inda que ver não poſſo
Quão bella lá te faz eſſe Deos noſſo,
Mas ſó qual te imagina meu deſejo:
Como agora te eſcondes,
E a tantos rogos meus tão mal reſpondes?

Se tu tão mal reſpondes
A quem com tantos ays
Em teu amor acceſo por ti chama,
Se tu tanto te eſcondes
Por não ver os ſinays,
Que de amor teu nos olhos faz a chama,
De quem agoas derrama,
Só por te ver auſente,
Não ſendo niſto incerto,
Que eſtas vendo de Deos no peyto aberto
Quanto nelle ſe ver a alma conſente:
Não ſey que mais te diga,
Ou que mal meu te fez minha enemiga?

Se tu minha enemiga
Te moſtras não me vendo,
Que outro bem me dará deſte mal cura?
A quem queres que diga
O mal, que padecendo
Anda eſta alma, que ver tanto procura
Eſſa alta fermoſura,
Em quem tanto enleuada
Anda, que o penſamento
Não tem fora de ti hum ſó momento:
Ah não queyras, não vindo, ſer culpada
Na morte, que padece
Quem por folgar de verte a não merece.

Se verte

Se verte não merece
Eſta alma, a que dás vida,
E gloria, quando tu ver a querias,
Mouate o que padece,
Que em teu amor perdida
Se hora a quiſeſſes ver tu a verias,
Alegre então farias
Eſte coração triſte,
Que anda por ti paſſando
Noyte, & dia com choro ſuſpirando,
Por ver tua preſença, & que ſentiſte
D'alegria da gloria,
Que ver deſejo, & trago na memoria.

Se de ti a memoria
Perder não poſſo hũa hora,
Que farey ſe cuydaſſe de não verte,
Como eſtás neſſa gloria
Tão alegre, que agora
Te faz de mim (ſe ſer póde) eſquecerte!
Por iſſo por mouerte
Com ſuſpiros te chamo
Tão contino, que cuydo
Que póde em ti de mim caber deſcuydo,
E que não vés as agoas, que derramo,
Pois não vejo preſente,
Por quem padeço tanto, em ver auſente.

Se ven-

Se vendote inda auſente
Como da morte a vida
Tua lembrança torna eſta alma minha,
Que fora ſe preſente,
Eſtando eſmorecida,
Vira agora a meu mal darte a mezinha?
Mas ay vida mezquinha.
Ay, ay que deſatino
Me leua a deſejar
O que não poderey nunca alcançar?
Perdoame alma ja, que deſatino,
Leuandome apos ſi
O deſejo, com que ſó te offendi.

Mas ſe eu ſó te offendi
Como te peço agora
O que ſeruindote inda não mereço?
Mas pois niſto perdi
O bem, que a alma namora,
Socorreme Alma ja, que desfaleço:
Se vendote eſmoreço
De mim queyxoſa em fim,
Não ſey que inda pretendo,
Senão deſeſperar, pois que te offendo:
Mas em quanto tu lá rogas por mim,
Viua eu neſta eſperança
De poderte lá ver neſſa bonança.

E tu

E tu que essa bonança
Da gloria, que pretendo,
Canção tão mal cantaste, tambem chora
Não ter eu de esperança
Mais razão, pois offendo
A Deos, & a essa Alma, que tanto o adora
Que he grande atreuimento
Querer mudar de Deos o justo assento.

CANC,AM

QVARTA.

COMO D'hum graue sono ja acordada
Do profundo descuydo em que se via
Minha alma, meu Senhor, a vós bradando,
Em quem, de seu mal todo, o bem sentia,
Com suspiros, & ays toda turbada,
Muda, em seu coração gritos vay dando,
Sua miseria a vós representando,
Que só valer podeys a esta alma humana,
E de ser vos prezays
Mais Deos de piedade,
Que de erros castigar de humanidade,
Tem grande confiança, que seus ays
Sejão dessa clemencia soberana
Ouuidos neste ensejo,
Pera a liurar da pena, em que ja a vejo.

Muy certa está Senhor, que seus gemidos
Arrancados do fundo do seu peyto,
Com que seu grande mal vos representa,
Farão em vós, bom Deos, hum grande effeyto,
Em sendo de vós só somente ouuidos:
Esta grande certeza lhe accrescenta
A longa experiencia, quando attenta
Quantos bēs lhe fazeys sendo agrauado.
Com que inda não contente
Pera mais me obrigar
Quereys, ficando Deos, carne tomar;
Pera que eu ver vos possa eternamente
Nesse throno celeste estar sentado,
Dandome quanto peço,
Que ouuido ser de vós tão mal mereço.

Se as maldades Senhor, com que contino
Os miseros mortaes cá vos offendem,
Não dignas de perdão, mas de castigo,
Que vendo certo estar, não se arrependem,
E de offender hum Deos, que he tão benigno
Mais parecem prezarse, pois consigo
Contentes, mostrão não temer perigo:
Diante essa presença soberana,
A vista se estiuerem
Vossa, tão poderosa,
Condenalos a pena rigurosa,
Com justiça por vós, que ter merecem,

Que

Que natureza auerá ja mais que humana,
Que a pena ſofrer poſſa,
Que com juſtiça dá a juſtiça voſſa.

Mas porque o perdão eſtá tanto em vos certo,
Sempre vſado com mãos de piedade,
Tendo por natural ſer piedoſo,
Que iſſo pedindo eſtá voſſa bondade,
Perdoando do mundo o deſconcerto,
Ganhaes o nome nelle mais famoſo,
Ser Deos de piedade,& amoroſo:
E como ja por ley determinada
Não póde faltar della,
O que aſſi prometeys,
Que vſar perdão com todos pretendeys
Certeza já me dá de poder vela
Comigo,em meu peccado,ſempre vſada,
E com eſta lembrança,
Soſtenho a vida cá neſta eſperança.

E poſto que eſperar ſeja penoſo,
A quem fóra de Deos,no mais eſpera,
Minha alma certa já na experiencia
Da palaura de Deos não deſeſpera,
Por mais que o tempo trabalhoſo,
Que não ſofre ſua alta Omnipotencia,
Chea tanto d'amor,como clemencia,
Terem os homẽs cá neceſſidade,

E auer mal que possa
Impedir seu intento,
Que he não sentir ninguem nenhum tormento,
Em que possa cair esta alma nossa:
Por onde com grão fé nesta verdade
Minha alma atribulada
Em vós será, Senhor, muy confiada.

Des da bonança ja do mundo incerta,
De que conuem guardar com grão cautela,
Que como menhaã fresca, & deleytosa
Mil deleytes promete só com vela;
Até que a tarde venha, que tão certa
Vem sempre, & sem tardar muy perigosa,
A quem bonança foy sempre gostosa:
Quem ver deseja a Deos na eterna gloria
Tenha sempre esperança,
Que liure do desterro,
Em que paga sem fim com pena o erro,
Aquelle Deos verá, que cá se alcança,
Tendo dos inimigos tal victoria
Por meyo da fé pura,
A quem Deos cos trabalhos mais apura.

Mas ainda que em trabalhos tão penosos,
Lhe pareça de Deos ser esquecido,
Sobre si leuantando o pensamento,
Todo o bem d'esse Deos verá nascido,

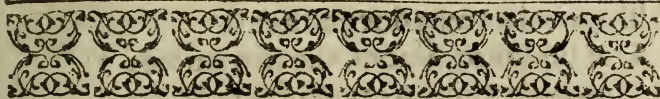
Com

Com ſinaes de quem he tanto eſpantoſos,
Que facilmente julgue o naſcimento
De miſericordia ſer,& ſeu intento
Ser ſempre ſocorrer onde o perigo
Se vé mais claramente,
Pera que aſſi ſe veja
Quanto Deos ſocorrer mais nos deſeja,
Do que nenhum de nós verſe contente,
E quanto ſe vé mais ſer noſſo amigo,
Em remedear a falta,
De quem em o offender tanto ſe eſmalta.

E poſto que offendido com peccados,
(Que caſtigados ſer mais merecião)
De perdoalos todos mais ſe preza,
Quando eſſes peccadores ſe acolhião
A elle,por ſenão ver caſtigados:
Vſa com tudo Deos da natureza
Mais ſua,porque vé noſſa fraqueza,
(Inda que com malicia,& com maldade)
Deſde ſeu naſcimento
A peccar inclinada,
Pelo que pera ſempre condenada,
Fora a penas eternas,com tormento,
Que ſua condição,ſua bondade
Não ſofre padecer
A quem ſe a elle vem já ſocorrer.

Ah com ordem Canção desordenada,
Co sentimento ja que se apresenta
Das penas que mereço, pois offendo
A quem benigno ter sempre pretendo:
Com isto a quem te ler mais accrescenta
A dor, como em mim sentes, magoada
De ver esta alma minha tão cortada
De offendido ter Deos com tanta culpa,
A que não tem, nem pode dar desculpa.

FIM.

QVARTA PARTE

EM QVE SE CONTEM Hũa Elegia, & Oytauas.

ELEGIA.

EM Hum florido campo deleytoſo
Com gracioſas cores eſmaltado
Por quem ſe eſtende Zephiro famoſo,
Que com ſuaues agoas regado
He do dourado Tejo noyte, & dia
Antes que co mar ſeja miſturado.
Hũa famoſa ſerra alli ſe erguia
Rodeada de furnas temeroſas,
Em que Godio hermitão pobre viuia.
Em lembranças alli muy ſaudoſas
Da patria amoroſa, de que eſtaua
Auſente, as horas gaſta lacrymoſas.
Hora no boſque eſpeſſo ſe deytaua,
Que de hũa parte a ſerra alta cingia,
Ora no freſco prado paſſeaua.

Alli ouuindo a muy doce armonia
Dos lindos royxinoes, que seus amores
Nos verdes ramos cantão noyte, & dia.
Alli do brando metro cos clamores,
Seu pensamento em alto se aleuanta,
Com que em parte aliuia suas dores.
Exercitando alli a fresca planta
As horas, & momentos vay gastando,
Pera de si deytar tristeza tanta.
Contente esta de si, considerando
Das boninas o ser, & fermosura,
Que os sentidos lhe estão arrebatando.
Mas que serra auerá aspera, & dura,
Que Tygre, que Leão, ou que Vsso fero,
Que Lobo tão cruel, Serpente pura.
Que fortissimo asso, diamante mero,
Que toda a força tem a si sugeyta,
Que não abrande o tempo, ou arte, ou ferro.
Assi este hermitão tudo engeyta,
Quando da amada patria tem memoria,
Que quem affeyção tem só ella aceyta.
Quando ausente se vé de tanta gloria,
E que no mundo não se acha bem perfeyto,
Trabalha d'alcançar delle victoria.
Mas forças ja não tendo humano peyto,
Que do mundo ter possaõ vencimento,
Inuoca o Summo Deos por este geyto.
Ah soberano Deos, que o alto assento

Tendes

Tendes aos eſcolhidos preparado,
Pera nelle lhe dar contentamento.
Iá deſte eſprito meu attribulado,
Que combatido eſtá de tantas dores,
Sò por ſe ver de vós tanto apartado.
Ouui benignamente eſtes clamores
As lagrimas tambem, que de ſeu roſto
Correndo, os rios fazem ſer mayores.
Eſperanças em vós todas tem poſto,
De vós lhe vem ſeu bem, em vós confia,
E ſem vós cá na terra não tem goſto.
Vós ſoys a clara eſtrella, vós a guia
Que ſeguindo os bemauenturados,
Mereceräo ter gloria noyte, & dia.
Os ſentidos em vós tem occupados
Vendo voſſo alto ſer diuina Eſſencia,
De ſi todos ſe eſquecem de enleuados.
Vſay Senhor com elle da clemencia,
Com que trataes a voſſos eſcolhidos,
Tambem nelle ſe veja eſſa excellencia.
A tão profundos ays voſſos ouuidos,
Com entranhas d'amor, dem larga entrada
Pois ſó a vos mouer ſaõ deſpedidos.
Ouui Senhor os gritos com que brada,
Que com lagrimas triſtes, de canſado,
Tem ja tremula a voz, & amedrentada.
Nem a tardança o faz deſconfiado,
Do altiſſimo ſocorro, porque eſpera.

Pois quanto mais tardar será dobrado.
Porque de vós gozar muyto ha quisera,
Qualquer espaço breue tem por grande,
Que nada he apressado a quem espera,
Por mais que a má fortuna,& sorte mande
A vida passará nesta esperança,
Posto que vagaroso o tempo ande.
Nem bastará do mundo a mór bonança,
Que em negro ja de esquecimento,
Meter possa de dões,esta lembrança.
Porque com só trazer ao pensamento
De criarme a merce que me fizestes,
Em vos louuar terey sempre o intento.
Pois d'alma que direy? que a ennobrecestes
Com tão sublimes dões,que causa espanto
Dizer quanto com dões a enriquecestes.
Agora pois Senhor seja me em tanto
Licito ja cantar quanto a amastes,
Dizendo em rude verso o doce canto.
Com tantos dões de amor a sublimastes,
Que, se cantar os quero,o pensamento
Nunca mais chegará onde chegastes.
Mas dando vós fauor a meu intento,
Como creyo dareys fauor diuino,
Que em a fazer tereys contentamento.
Direy da Humanidade,inda que indigno
Me acho pera tratar tão alta historia,
Pois em darme fauor soys tão benigno.

Que

Que da alta Diuindade só a memoria
Passa por todo o humano entendimento,
Mas della ser vencido he grande gloria.
Quem póde ter tão alto o pensamento,
Que fale de mysterio tão profundo,
Em que da humana sorte seja isento!
Agora pois Senhor vos foy jucundo
Ser vossa amada vida o alto preço
De nossa Redempção vindo ao mundo.
Posto que cantar isto não mereço,
Inflammay meu esprito doutro claro,
A que este canto meu doce offereço.
Em minha ajuda seja,& meu emparo
Vossa sagrada Mãy,a quem inflamma
Da humana natureza amor tão raro.
Tal foy o viuo ardor,tão viua a chama,
Com que o peyto diuino vosso ardia,
Que o tronco vos gastou depois da rama,
Que não sofreo andar de dia em dia,
E tão supremo bem ir dilatando,
Os humanos estando em agonia.
Hũa Dama Diuina foy traçando
Ab Eterno essa luz,mente diuina,
Que de grande virtude esteue ornando.
Em todo o mundo sempre esta he tão digna:
Que o Vnicorne celeste Deos benigno,
Em seu sancto regaço se reclina,
Della o muy alto Deos,Verbo Diuino.

Tomar

Tomar humana carne quis ſem magoa,
E ſendo ſem principio ſer Minino.
Ardia a Virgem pura em viua fragoa
Com deſejos de ver o mundo iſento
Da nodoa que não lauão fontes d'agoa.
Quando lá neſſe altiſſimo apoſento
As peſſoas daquella alta Trindade
De noſſa redempção tomão aſſento.
Deſceo o Filho logo aceyto ao Padre
Omnipotente Deos a carne humana
Tomar na Virgem,pura,Filha,& Madre,
Andando triumphando muy vfana
Dos miſeros mortaes a crúa morte
Foy vencida da Virgem ſoberana.
Parindo mereceo,por alta ſorte,
Em ſeu Parto a Deos ver Humanado,
E ſer do meſmo Deos doce conſorte.
Alli o bom Ieſus virão deytado
Em pobre manjadoura,os bõs paſtores,
Que de noyte guardauão a ſeu gado.
A terra ouuio dos Anjos os clamores,
Que a Deos a gloria dauão nas alturas,
E paz na terra aos homẽs com fauores.
Virão na terra então as criaturas
Do mundo o Criador(alto myſterio)
Prometido nas Sanctas Eſcripturas.
O que tem lá do Ceo o grande Imperio,
O que dos Anjos rege a Monarchia,

Deſce

Desce por nosso amor a este Hemispherio.
Oo bellissima noyte, ó felix dia,
Digno de ser dos homẽs celebrado,
Em que veyo do Ceo tanta alegria.
Que bosque póde auer, que verde prado,
Que de purpureas rosas fermosura,
Que jardim de boninas esmaltado?
Que rubicundo Sol, que alta pintura
D'estrella rutilante, em noyte clara,
Que desta vencer possa a luz tão pura?
Ah quem vira de verso vea rara,
E estando do Parnaso no alto monte
Louuores deste dia mil cantára!
Ou lá na Pegasea sacra fonte,
Em o fresco Helicone situada,
De Homero ja vencera a douta fronte.
Das Noue virá a sua coroada
Com louro, madresylua, & lindas flores,
Depois desta alegria ter cantada.
Quão pouco lhe lembrarão então d'amores
Os afagos, nem mimos, nem receos
De engeytarem as damas seus pastores.
Quão poucos lhe lembrarão então mil meyos,
De louuar verdes prados, frescas fontes,
Nem trazer de boninas cestos cheyos.
Longe de seu sentido os altos montes
Estiuerão, do bosque, & fermosura:
Nem vira mais alegres Horizontes.

Deyxára

Deyxára de cantar a bella aluura
Das ſoberanas damas tão fermoſas,
Da amada natureza alta pintura,
Em auſencias as lembranças ſaudoſas,
De quem na alma ja leua os olhos bellos,
De que mil vidas pendem duuidoſas.
Nem as tranças cantára dos cabellos,
Coroados de mil freſcas grynaldas,
Nem receber o Sol a luz com velos.
Nem ſoltos ao vento nas eſpaldas
Das damas delicadas, nem trançado
Sioſo de o ver priſoẽs ſer d'almas.
Deyxára por cantar o delicado
Geſto da muy gentil dama, & honeſta,
De quem o coração pende enleuado.
Na meſma conta forão boca, & teſta,
De que a alma ſó recebe a luz do dia
Por cuja viſta deyxa toda a feſta.
Nem tem mayor prazer, nem alegria,
Que eſtar conſiderando tal belleza,
Nem em auſencia tem mór agonia,
Tudo iſto, & mais tiuera por triſteza
Comparado com dia tão fermoſo,
Fora lhe o brando todo ja aſpereza.
Ah quem me fora ja tanto ditoſo,
Que tão ſuaue canto ouuir podéra,
Tão brando pera mim, tão deleytoſo.
Mil ſentidos então em mim quiſera,

Pera

Pera que nelle tendoos empregados,
Nem hum ponto de tal canto perdera.
Mas ay, trifte de mim, quantos cuydados
Então me perſeguirão, que não vira
Tantos bẽs, pera mim tão deſejados.
De muy clara verdade grão mentira
Me fizerão crer falſos penſamentos,
Que gloria do deſerto ninguem tira.
Aſſi compridos annos os momentos,
Breues dias idades vagaroſas,
Me farão crer que ſaõ longos tormentos.
Oo quão felices almas, quão ditoſas
As que eſtes penſamentos não combatem,
Quão dignas ſaõ do Ceo, quão glorioſas.
Deſditoſas por certo, as que ſe abatem
As falſas eſperanças, que diante
Põe mil vezes o mundo a que matem.
Bem como faz fazer o diamante,
Que a viſta eſtá dos olhos deleytando,
Mas comido mil mortes põe diante.
Aſſi as eſperanças contentando
Com principios bõs, alegres meyos
Lá no fim nos vão ſó deſenganando.
A vida fica então com mil receyos
Accuſando a eſperança falſa, incerta,
Lançando vãos queyxumes d'agoa cheyos.
Como o que prende o ar, ou o que aperta
A fugitiua ſombra confiado,

Que

Que não lhe eſcapará,mas que eſtá certa.
Mas ja de tal priſaõ deſenganado,
Eſtá dizendo mal ſua locura,
Do ſeu ſocorro ja deſemparado.
Aſſi vencidos muytos da brandura
Deſta falſa eſperança,que os conuida,
Com deſgoſtos lhe agoando a vaã doçura.
Vendo gaſtarſe nella toda a vida,
Com ſuſpiros,que arrancão do ſeu peyto,
Geme então cada qual,chora,& ſuſpira.
Então vé cada qual em vão desfeyto
Quanto contentamento offerecia,
Cada qual mais ſe queyxa deſte geyto.
Ay eſperanças vaãs mal merecia,
Quem em vós tanto tinha confiado
Lhe tornaſſeys em noyte o claro dia.
Mais tempo me trouxereys enganado,
Ou me dereys mais cedo o deſengano
Não morrera viuendo aſſi enleado.
Não foy ſómente hum dia,nem hum anno,
Mas toda a minha idade me roubaſtes,
Com que reſtaurarey tão grande dano?
Quando mais vos ſeruia me deyxaſtes,
Não com remedio algum,que tenhaes dado,
Mas depois que de todo me enlaçaſtes,
Ay triſte que farey,que vão cuydado
Fuy tégora ſeguindo,ſem cuydar,
Que em vós ninguem viuia deſcançado.

Meus

Meus pensamentos vãos,& imaginar,
 Que fruyto me deyxarão,senão pena,
 Do tempo todo em vós mal empregar?
Com justissima causa me condena
 A razão,que tão clara agora vejo,
 Quanto o gosto da vida desordena.
Seguindo fuy vontade,fuy desejo,
 Do que a alma lá sepulta no profundo,
 Nem tiue de seguilo nenhum pejo.
Agradauel me foy,foyme jucundo,
 Nem senti nelle pena,nem desgosto,
 Nem cuydaua outro bem auer no mundo.
Em elle as esperanças tinha posto,
 Como se firme fosse,não mudauel,
 Crendo poderme ser na morte encosto.
Cada qual isto diz:porque a instauel
 Fortuna não consente sempre enganos,
 Que vida nos prometem perdurauel.
Merce faz nisto grande aos humanos,
 A que acode a diuina prouidencia,
 Por não serem sem fim doudos,insanos.
Oo bondade de Deos,ó grão clemencia
 De piedoso Pay,que nas entranhas
 Traz este amado Filho de excellencia.
Vsa de mil ardis,tenta mil manhas,
 Com que á patria leue descançado,
 Quem desterrado andaua nas estranhas.
Té agora pois Senhor fuy enganado,

Nem tenho deste engano, que padeço
Senão queyxarme em vão de meu cuydado.
Agora meu bom Deos, agora peço
Do tempo, sem seruiruos, mal gastado,
Perdão do grão castigo, que mereço.
Acha este sempre em vós aparelhado
Qualquer, como este meu, cansado esptito,
Nem cuydo que me a mim será negado.
No meu attribulado sempre gryto
A vós meu alto Deos em quem tem posto
As doces esperanças ja contrito.
Tristes lagrimas pois banhem meu rosto
Em quanto bem tão grande ver espero,
Gemer, & suspirar seja meu gosto.
Em quanto ausente for outro não quero,
Viuo nesta esperança confiado,
Que de outro ter na terra desespero.
Por ella deyxarey todo o criado,
Nem temo que por ella de alto caya,
Nella só viuirey cá descançado.
Assi disse. Mas eu que ao pé da faya
Escutando lhe estaua o doce canto,
Com que a alma mais se rende, & se desmaya.
Não podendo falar cheyo de espanto
Do muyto, que lhe alli dizer ouui,
A a pena dando a mão, olhos ao pranto,
Estas só de mil magoas lhe escriui.

QVEYXAS DA ALMA AFLIGIDA SAVDOSA

Do bem,& tempo paſſado.

1

AO Alto leuantando o penſamento
Na auſencia de Sião patria amada
A magoa,com a dor,& ſentimento
Em nós fazia já triſte morada:
A culpa cometida tão ſem tento
Alli de eſpaço foy por nós chorada,
Sobre tal confuſaõ(triſte ay memoria)
Dos goſtos,que contar he larga hiſtoria.

2

Aquelles inſtromentos,que ſoauão
Com armonia doce,& deleytoſa,
Em vez de alegre ſom gemidos dauão
Feridos ſó da voz tão laſtimoſa:
Alli a lamentar nos ajudauão
Aquella paz em nós tão ſaudoſa,
Nos amargoſos ſalzes pendurados
Mas com razão de nós muy agrauados.

3

Porque aquelles, que a toda a piedade
Cerrado o coração tem de contino,
(Ou seja por vsar mais crueldade,
Ou porque assi o quis nosso destino)
Depois de nos ter fora a liberdade
Vsarão doutro em nós mór desatino,
Com peyto de vontades inimigas,
Perguntãonos então nossas cantigas.

4

Cantaynos (dizem todos) da Paz sancta
Cantigas, pelo mundo desejada,
Que inda que soys catiuos, tambem canta
Quem viue em vida tal tão trabalhada:
Mas isto em nós causaua magoa tanta,
Que a vida pera nós era pezada,
Que mais nos déra o mar insano,
Ou Lybico Leão, ou Tygre Hyrcano.

5

A quem com branda voz, rouca, & chorosa
Saida do profundo nosso peyto,
Dauamos a reposta saudosa,
Que em nós tristes causaua triste effeyto:
Como cantar se póde a deleytosa
Cantiga do Senhor, ou de que geyto,
Fora da amada patria, em terra alhea:
Que de pranto não saya a larga vea.

Iuda

6

Inda que em tal eſtado deſcontente
Cada qual de nós viue,ſe tem vida
Quem eſtá de quem ama tanto auſente,
Que a morte não lhe ſeja mais ſofrida:
Por onde quer que for ſempre preſente,
Sereys clara Sião de mim querida,
E ſe memoria voſſa em mim faleça
De minha dextra mão tambem me eſqueça.

7

E ſe eu em goſtos vãos todo embebido
Delles com voſco não tiuer victoria,
Bem ſe póde cuydar que ſou perdido,
E de mim ſe fazer a triſte hiſtoria:
Mas antes perderey eu o ſentido
Que faleça de vós em mim memoria,
E veja a eſta garganta a lingoa atada
Antes que façaes fora outra morada.

8

Lá no meyo de meus contentamentos
(Se em mim póde caber alegre ſorte)
Não empregando em vós meus penſamentos
De mim tome vingança a crúa morte:
Em quanto viuo for de mil tormentos
Me cerque todo em roda algum mal forte,
Senão fordes principio de meu goſto,
Em quem toda a eſperança tenho poſto.

9

E vós ó alto Deos juyz direyto
Não menos de justiça, que clemente,
Os males castigay, que nos tem feyto
Esta cruel imiga, & fera gente:
Os filhos de Edon tratay de geyto,
Que vejão serdes vós Omnipotente,
E que tendes a mão toda estendida
A Hierusalem della destruida.

10

Daquelles tomay vós vingança dura,
Que de males alheyos se gloriáo,
E não contentes inda, com mais dura
Condição, outros móres ver querião:
Dizendo a outros maos, maos de natura
Com enueja em que só se desfazião:
Com furia nunca vista num momento
Vinde destrua até o fundamento.

11

Aquelle chamarey sempre bendito
Que em reposta de teus merecimentos,
Só der por paga a ti mal infinito
Com que não sayas nunca de tormentos:
Pois quiseste de nós fazer o fito
Dos males que te dão contentamentos,
Cruel mais que Leoa, ou Tygre irada
Oo filha de Babel desuenturada!

A quem

12

A quem cos filhos teus de pouco nados,
Com furia desusada, ou dor immensa,
Na dura Pedra der, onde pisados
Causem a quem os vir a magoa intensa:
Aaquelle em fim, que a teus graues peccados
Com rigor castigar, ou com doensa,
Porque elle deue ser muy venerado
Aquelle chamo eu bemauenturado.

PEDINDOME PERA SANCTA Clara de Lisboa hũas oytauas, em que altercassem São Pedro, & São Ioão Euangelista sobre qual diria Louuores do SANCTISSIMO SACRAMENTO, que em Domingo da Pascoela de 1597. se passou com licença Apostolica pera sobre o Choro fiz as seguintes.

São Ioão.

VIgayro de Iesu, Pastor da gente
Dizey deste Senhor, qual o lá vimos,
Nesse Throno do Ceo resplandecente
Donde a darlhe estas nouas nos partimos.

São Pedro.

A vòs Ioão Amado he mais decente
Dizer com branda voz, o que ſentimos
Da gloria do Senhor lá neſſa altura
Em que ſe enleua toda a criatura.

São Ioão.

A vós Sacro Paſtor he mais diuido
De nunciar ao mundo a excellencia
De tão alto Myſterio. S. Pedro. Ioão querido
Vós ſó delle falaes, inda em auſencia:
Pois ſe preſente eſtaes, que mór partido,
Me pode ſucceder, onde a experiencia
Me tem tanto de vós certificado,
Que fico diante vós muyto acanhado!

São Ioão.

A vós compete abrir, pois vos ſaõ dadas
As chaues pera abrir o Empyreo Ceo,
Aquellas excellencias encerradas
Debayxo de aquelle alto, & ſacro veo:

São Pedro.

Antes a vós Ioão vos ſaõ moſtradas
Quando em ſeu peyto eſtar vos concedeo
Tantas, & taes grandezas, quaes não poſſo
Dizer, porque me falta o eſprito voſſo.

São Ioão.

Não vos eſcuſareys que a longa idade
Vos obriga a falar deſte Myſterio.

São Pedro.

A mim.

A mim ſe me obriga a antiguidade
A vós mãda o Amor. S.Ioão. Ay brãdo ĩperio:
Que alegria,que goſto,& ſuauidade
Me obriga a ter por elle vituperio!
Quanto mais ficar tanto auentejado,
Que temo ſe calar ficar culpado.

Com tudo pois primeyro o confeſſaſtes,
Por Filho vnico de Deos viuo,eterno,
Leuay auante quanto começaſtes
Porque ſou pera tanto muy moderno:

São Pedro.

Eſpantame Ioão como apertaſtes
As redeas ao Amor voſſo tanto interno,
Que ſofraes que de quem ſoys tanto amado
Diga outrem ſeu louuor,& vòs calado.

São Ioão.

Amor que de mim tem tomado poſſe
Tão alheo de mim me traz conſigo,
Que não ſey quando Amor mais brãdo foſſe
Se quando me ferio,ſe quando o digo:
Amor,que d'Amor ſeu ſuaue,& doce,
Amor,que tanto Amor trata comigo,
Me traz em ſeu Amor tanto enleuado
Que me não ſinto em mim de namorado.

Por onde ſe culpado parecia
Em não dizer já quanto Amor ordena

Foy(Paſtor ſoberano)corteſia
Que não teruos, Amor muyto condena:
Mas de minha ſobeja demaſia
A culpa a amor a day a mim a pena,
Se merece quem ama ſer punido
Por quem deſeja tanto ſer ſeruido.

E ja que obedeceruos me he forçado
A que com juſta cauſa amor me obriga,
Não ſeja meu amor por vós tachado,
Pois quereys quanto tenho que o diga:
D'aquelle meu Amor de mim amado,
Que com o ſeu contino me faz briga,
Dizer não poderey quanto o amor noſſo
Pede,mas d'amor mais dizer não poſſo.

¶ Aqui ſe meterão outras doutro autor feytas em Louuor do Sanctiſſimo Sacramento, que por ſerem poucas me eſcuſey com as ſeguintes.

São Ioão.

AH Meu diuino Amor,ay Amor noſſo,
Perdoayme que ſou curto em louuaruos,
Que poſto que louuaruos mais não poſſo,
Não he,porque louuor poſſa faltaruos:
Mas porque quem vos louua he tanto voſſo,
Que a ſi meſmo namora em namoraruos,

Fica então ſeu louuor tanto ſuſpeyto,
Quanto elle de vós he muy mais aceyto.

Mas vos charas irmaãs, que arrebatadas
Vos vejo eſtar d'amor deſte Myſterio,
Chegayuos em amor delle inflammadas.
Sem temerdes por elle vituperio:
Que amor, que em tal amor tem abrazadas
Almas, em quem amor tem ſeu imperio,
Vos armará d'amor, & fará fortes,
Com que ſofraes por elle cem mil mortes.

Chegayuos com temor ſua grandeza
E com amardes muyto tal brandura
Que co amor, que vos dá finge fraqueza,
E por mais ſe vos dar moſtra doçura:
Amor o fez deſcer a eſta bayxeza,
Co meſmo amor vos leua a tanta altura,
Que ſe quiſerdes ver quanto vos ama,
Vereys que amor por vós d'amor o inflamma.

Lograyuos d'eſte amor, gozay da vida,
Que ſó por voſſo amor eſtá morrendo,
Olhay que inda na ſua deſpedida,
Vos moſtra mais amor em padecendo:
Vida, em quem eſtá a minha metida,
Vida, por quem eſtou mortẽ ſofrendo,
Que ſe me enleua lá ſua bondade

Amor

Amor me mata cá de saudade.

Amor, que d'amor seu me tem ferido,
Amor sem cujo amor ja morto fora,
Amor por cujo amor ando perdido,
Amor que por amor nesta alma mora:
Amor, que o peyto muyto endurecido,
Com outro d'amor cheyo assi namora,
Que em fim d'amor forçado sente a chama,
E por não lho ter sempre agoa derrama.

Deste amor estay sempre acompanhadas,
Este amor more sempre em vosso peyto,
Guardando a este amor sereys guardadas,
Que este amor a si tem tudo sugeyto:
Deste amor anday sempre namoradas,
Que amor que assi vos ama com effeyto,
Vos fará que d'amor não tenhaes culpa,
Porque quem tal amor ama o desculpa.

Deyxaruos não quisera: mas forçado
Do mesmo amor, determe mais não posso,
Voume de vós quanto elle affeyçoado,
Dure por meu amor, este amor nosso:
E vós diuino amor, que namorado
Deste Collegio estaes, que he tanto vosso,
Destas, que estão de vós tão namoradas,
Guardayas vós amor, serão guardadas.

¶ Estes

¶ Estes dous versos me derão pera que os glosasse: o que fiz como ao diante se segue.

¶ Oo se as horas voassem do pezar,
Como as do prazer soem voar!

Glosa minha.

SE Como voa mais que o pensamento
O gostoso prazer, se a caso vem,
Voasse o pezar triste, como o vento,
Que com tanto vagar mais se detem:
Pois como o bem fenece em hum momento,
O mal se acabaria a quem o tem,
Dizer ninguem podia, ou desejar
Oo se as horas voassem do pezar?

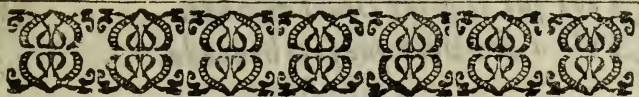
Mas quanto mais prazer voa ligeyro,
Tanto mais o pezar he vagaroso,
Que o bem logo se acaba prazenteyro,
O mal dura sem fim, porque he penoso:
Hum mal he doutro mal o messageyro,
O bem do mal parece receoso
As horas muy ligeyras ensinar,
Como as do prazer soem voar!

Outra Glosa sobre os mesmos versos.

¶ Oo se as horas voassem do pezar,
Como as do prazer soem voar!

Glosa.

Quanto importa cuydar ſempre na morte,
Pera eſcapar no fim da cruel pena!
De que agora engando tanto rio;
Porque della me eſqueço rio, & falo,
Como ſe ja tiuera certa a gloria
Sem temer dar em pena o fim da vida.

Pois tudo o deſta vida pára em morte,
E della ſe conuerte a gloria em pena,
Em vão falo da vida, em vão me rio.

TABOADA

DOS SONETOS, CANCOENS, Glosas, Elegia, & Oytauas, que alem do tratado da Magdalena se contem neste volume.

Sonetos A.

Oyta-

Oytanas.

Sonetos D.

Sonetos E.

Elegia.

Soneto H.

Soneto I.

Glosa.

Sonetos L.

Quan-

FIM.

EMMENDAS.

No primeyro Canto, folh.2. oytaua 10. não ſe lea, leaſe eſta.

10

Depois que noſſo Deos Omnipotente,
A cujo acceno em torno o Ceo ſe vira,
O mundo fabricou tanto excellente,
Que d'antes em ſi mais perfeyto vira:
Depois que cinco mil vezes luzente
Phebo o Signo aquentou de que partira,
Cada dia hũa volta dando ao mundo
Com que lhe as couſas cria, & faz fecundo.

Eſta oytaua ſegue á oytaua 12. do Canto primeyro, folh. 3. que ſe achou depois de a ter paſſada a impreſſaõ.

Eſtaua eſta grande obra, eſta ſentença,
Antes de tempo auer determinada
Neſſa mente diuina tanto immenſa,
Pera a ſeu tempo ſer executada:
E poſto que era dada em recompenſa
Antes de ter Adam a ley quebrada,
A ſeu tempo porem ſe foſſe obrado,
O que ante tempo Deos tinha aſſentado.

No ſegundo Canto, fol.23. oytaua 55. verſo vltimo, diz. Recea de apparecer á luz de Chriſto.
Leaſe eſte. Ouſe ante os olhos já porſe de Chriſto.